



(Registado no DIP)



Órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"
- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDATORES:

Armando Botter Bernardi
Adhemar Fiorillo
Alvaro C. Bastos
José Ferraz Salles
Nelson Gimenes
Remo Tellini
Drina Coelho
Carmino Caricchio

Setembro de 1945
Ano XIII - Núm. 45

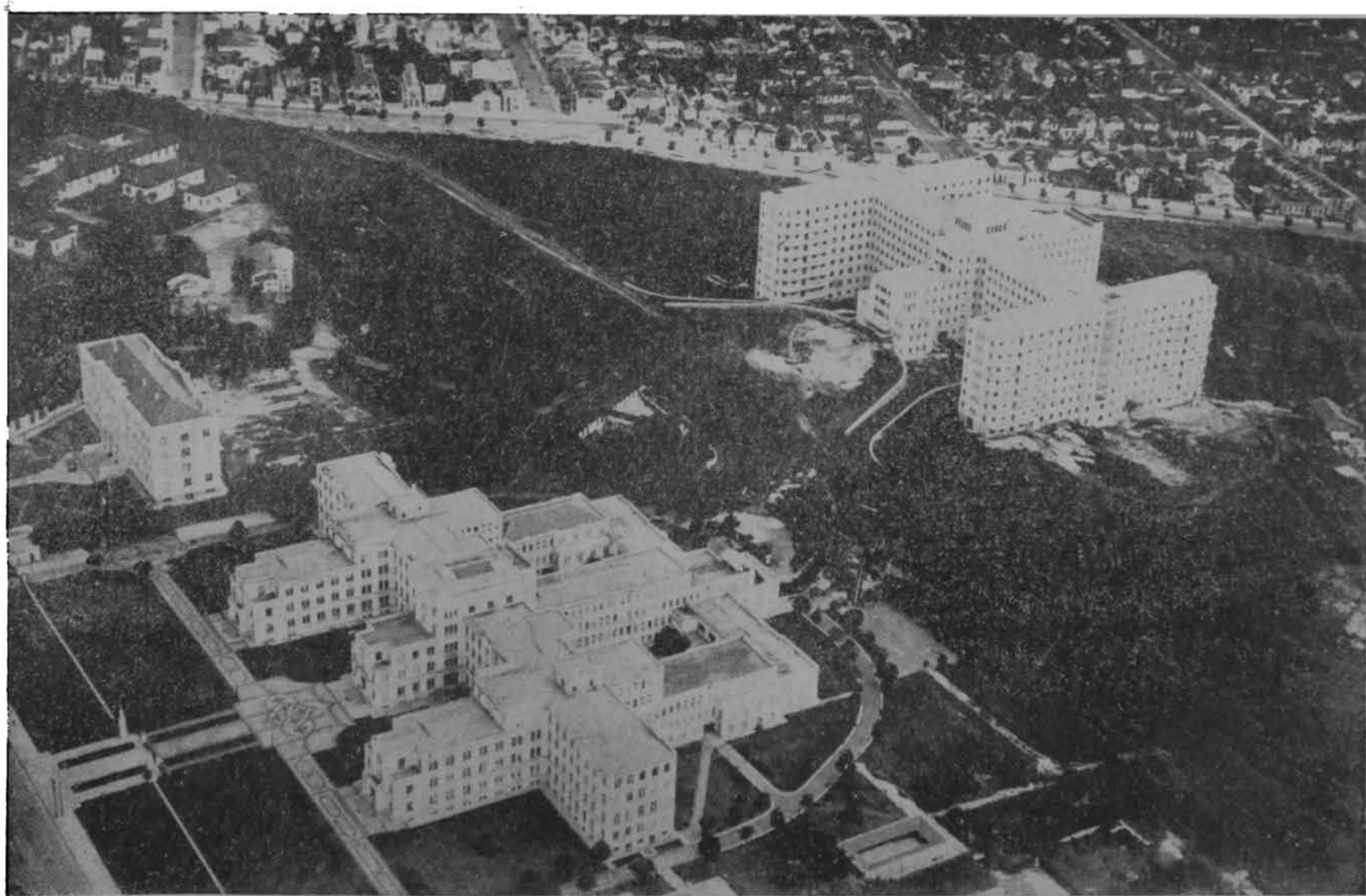
DIRETORES:
MAURICIO FANG
LAERTES FERRÃO

SECRETÁRIO:
WALTER BELDA

TESOUREIRO:
ERNESTO L. GONÇALVES

REDATOR-CHEFE:
PALMIRO ROCHA

EDIÇÃO COMEMORATIVA DE ANIVERSÁRIO



Anos de sacrifícios sobrehumanos na realização de um ideal nobre; anos de labuta incessante para a concretização duma mentalidade de união e de confiança; anos de marcha para o progresso; anos de lutas e de amizades; anos de alegrias e de sofrimentos; anos passados, mas nunca esquecidos; anos que ficarão na retina dos que derramaram o suor do rosto na luta insana; anos que ficarão nos corações dos que sentiram o amargor das derrotas, dos que compreenderam a alegria das vitórias, dos que lutaram e não sucumbiram!

Trinta e dois anos de vida! Anos de progresso e anos de glórias!

32
anos
de
vida!

Trinta e dois anos de caminhada difícil, sob a luz divina da chama mágica - a chama do ideal! Esta mesma chama que lançou um raio de luar sobre os Sonhadores Rapazes de 1913, trazendo a lucidez às suas cabeças e o amor aos seus corações.

E passaram os anos, sucederam-se as gerações, mas a luz divina não se ofuscou e permanecerá sempre radiante, iluminando a trajetória dos moços na trilha penosa do progresso!

Lutemos!! Avancemos!! Concretizemos um novo ideal!!

L. FERRÃO

(o)

CASAMENTOS

Realizou-se dia 17/7 na Igreja da Consolação o enlace matrimonial do dr. Osvaldo Mesa Campos com gentil s.ra. Suzana Vozary. Após o ato religioso o distinto casal ofereceu uma recepção aos seus inúmeros amigos e pessoas de relações, na rua Itacolomi.

Ao dr. Mesa Campos, ex-vice-presidente do CAOC grande defensor das nossas côres as felicitações do "O BISTURÍ" e dos alunos desta Faculdade.

A última hora recebemos notícia do casamento do Dr. Euripedes Garcia, que realizou-se dia 3 de setembro último na Igreja da Consolação.

Ao ex-diretor d' "O BISTURÍ" o CAOC deseja por intermédio deste jornal os mais sinceros votos de felicidade.

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos:

Dia 6/9 — dr. Waldemar de Souza Rudge, assistente de Clínica Ginecológica.

Dia 7/9 — o prof. dr. Antonio de Paula Santos, catedrático de Clínica Otorrino-Laringológica, grande amigo e aluno desta Faculdade. Nascido em Silveiras (S. Paulo) em 1892 formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sucedendo em 1930 ao prof. Lindenberg, cadeira que ora ocupa.

Dia 8/9 — dr. Oscar Monteiro de Barros, livre docente de Clínica de Doenças Tropicais e Infetuosas. Coração boníssimo, inteligência fecunda e sólida cultura científica caracterizam o grande mestre que o "O BISTURÍ" tem hoje prazer de felicitar.

Nasceu nesta capital, é filho do dr. Tomaz de Aquino Monteiro de Barros e d. Coleta Monteiro de Barros.

15/9 — o dr. Plínio Freire de Matos Barreto assistente do prof. A. Paula Santos.

19/9 — o nosso grande estimado amigo dr. Carlos da Silva Laçaz, nascido em Guaratinguetá, neste Estado e que o "O BISTURÍ" presta noutro local simplices homenagens.

21/9 — o prof. Ernesto de Souza Campos, catedrático de Microbiologia, nascido no Distrito Federal e formado pela nossa Faculdade, da qual foi um dos construtores.

24/9 — o dr. Bento de Lima Brito, nascido em Mogi-mirim, assistente de Terapêutica Clínica.

24/9 — prof. Delfino Pinheiro de Ulihoa Cintra, catedrático de Clínica Pediátrica, nascido em Campinas e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

26/6 — dr. Alvaro Dino de Almeida do Dep. do Professor Edmundo Vasconcelos.

Aos aniversariantes os cumprimentos dos alunos desta Faculdade por intermédio do órgão oficial do CAOC bem como da diretoria que presentemente dirige este Centro.

REGRESSO

Regressou no dia 9 do mês findo o prof. Edmundo Vasconcelos, catedrático de Clínica Cirúrgica, grande amigo e animador dos esportes desta Faculdade que esteve nos E. Unidos e Canadá convite do governo norte-americano e onde realizou uma série de conferências operações.

Depois de visitar Nova York, Washington e Chicago esteve nas Clínicas Mayo em Rochester, onde foi recebido pela "Mayo Fundation" sob presidência do prof. Donald Balfour onde em reunião especial fez demonstrações sobre pesquisas nacionais em diversos temas técnicas próprias em vários campos da cirurgia.

No Canadá foi recebido na Universidade de Mc Gill pelos professores Gallie e Charles H. Best, este último descobridor da Insulina e co-autor do livro "Fisiológico Basis of Medical Practise"

Ao ilustre professor as boas vindas do "O BISTURÍ"

BAILE

Realizou-se no dia 25 p. p. o baile oferecido pelos acadêmicos desta Escola aos seus colegas expedicionários.

Por indicação do dr. Sinesio Rangel Pestana, digno diretor-clínico da Santa Casa, foi nomeado para chefe de Clínica do Ambulatório de Pele Sífilis desse benemérito hospital, o dr. Fonseca Bicuão Junior. O dr. Fonseca Bicuão é docente livre assistente extra-numerário da especialidade na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, estando encarregado particularmente da secção de terapêutica fisioterápica adstrita à cadeira. Tem numerosos trabalhos publicados sobre assuntos dermatológicos sendo membro de numerosas associações científicas. Foi presidente da Secção de Dermatologia e Sifilografia da Associação Paulista de Medicina.

Trata-se, pois, de uma das figuras mais brilhantes da escola dermatológica do prof. Aguiar Pupo, a quem agora sucede na chefia do Ambulatório de Pele Sífilis da Santa Casa.

Parabens.

REGRESSOU

O dr. Eugênio Mauro, que foi para os Estados Unidos em meados deste ano com uma bolsa de estudos da Universidade de São Paulo, afim de visitar estabelecimentos hospitalares e serviços de cirurgia. Durante esse período publicou cerca de 20 trabalhos de cirurgia, anatomia patológica e hematológica, em revistas nacionais e estrangeiras, tendo feito ainda várias palestras e comunicações. O dr. Eugênio Mauro completou em 1935, o curso de medicina na Universidade do Rio de Janeiro, defendendo, em 1936, sua tese de doutoramento sobre doença de Werlhoff. É atualmente, chefe adjunto da secção de cirurgia para homens A, no



Tivemos grato prazer de receber visita dos membros que compunham a Embaixada Universitária Pernambucana formada por alunos da Faculdade de Medicina de Recife que vieram a São Paulo em missão cultural de intercâmbio.

Recebidos no Centro por uma comissão

de alunos permaneceram demoradamente as instalações de nossa Faculdade do Hospital das Clínicas de nosso Centro das quais levaram melhor das impressões. Dessa visita, estampamos fotografia acima, no momento em que nos despediamos dos colegas de Recife.

Hospital N. S. Aparecida, sob direção do prof. Edmundo Vasconcelos, tra a lhando, ainda, na 2.ª Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas, sob direção do mesmo professor. É assistente de 1938 da cadeira de Anatomia Descritiva e Topografia da Faculdade de Medicina

da Universidade de São Paulo, dirigida pelo prof. Renato Locchi, tendo publicado vários trabalhos de pesquisa e lecionado parte do curso teórico e prático durante os anos de 1941, 42, 43 e 44. É livre docente dessa cadeira desde março deste ano.

27.º Aniversário da Liga de Combate à Sífilis

Em meados de 1905, por iniciativa do Dr. Claudio de Souza, surgiu em São Paulo, num esforço notável, uma sociedade cuja finalidade era levar adiante profícua campanha profilática em relação a sífilis ao alcoolismo. A custa de sacrifícios sociedade manteve-se por 6 anos, procurando sempre mostrar ao público as graves consequências da Lues e do alcoolismo.

Infelizmente essa sociedade se dissolveu por volta de 1911.

Após essa iniciativa São Paulo viu-se desprotegido de um campo tão importante. Finalmente em 1918, alunos da Faculdade de Medicina, por meio do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", resolveram sair à luta, iniciando em São Paulo a maior campanha até hoje feita em terras do Brasil, procurando extirpar de nosso meio tão grave problema.

E, com esse espírito, altamente altruístivo, adquirindo nos bancos da nossa Faculdade, o C.A.O.C, funda a 8 de setembro de 1918 a Liga de Combate à Sífilis.

No início o Serviço Sanitário auxiliou com material necessário ao tratamento, e a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia cedeu salas para as acomodações provisórias.

Porem, em 1920, por falta de visão do então diretor do Serviço Sanitário, os postos da Liga foram fechados.

Mas, campanha estava iniciada nada fazia retroceder o que os estudantes de então corajosamente tinham começado.

Nove dias após, C.A.O.C., reorganiza Liga de Combate à Sífilis, fazendo funcionar dois postos de Tratamento, um na Santa Casa outro no Instituto Clemente Ferreira. E desde essa época os estudantes passaram a contar com a dedicação e ciência do catedrático de Sifilografia, o ilustre professor Aguiar Pupo.

A 15 de janeiro de 1924 o presidente do C.A.O.C., Benedito da Cunha Campos, promulgava estatutos da Liga.

E assim, um punhado de moços idealistas prestam, a população de São Paulo, benefícios que somente a posteridade poderá avaliar.

Se grande é o papel desempenhado pela Liga de Combate à Sífilis combatendo o terrível mal junto as nossas classes menos favorecidas, não menor é o seu papel no aprendizado dos nossos colegas.

Assim é que grandes figuras da nossa atual medicina tem o seu nome nos livros de matrícula da Liga.

E hoje, sob a direção eficiente do Ddo. Angelino Manzionne, grande é o número de estudantes que, gratuitamente, dedicam

algumas horas em prol das vítimas da lues.

Alguns milhares de doentes já passaram pelos postos que Liga mantém, sempre recebendo das mãos dos estudantes dos médicos que os orientam, mais cristã acolhida.

Não se pode negar que, dentro as realizações do C.A.O.C em prol do nosso povo, a Liga de Combate à Sífilis é que mais se realça.

Para que os leitores tenham idéia do que se faz na Liga, abaixo publicamos relatório do movimento do 1.º semestre de 1945:

Movimento do semestre de 1945

Foram aplicadas 22.886 injeções, sendo:

ENDOVENOSAS
1.750 de "914" — 4.966 doses de "914" — 683 de Arsenox — 1.721 doses de Arsenox — 2.741 de Iodeto de sodio — 1.859 de Cianeto de mercurio.

INTRAMUSCULARES
193 de Biodeto de mercurio — 390 de Accitilsan — 15.270 de Salicilato de bismuto.

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Foram atendidos 611 doentes novos, sendo: Homens 254, Mulheres 292, Crianças 65, Casados 247, Solteiros 333, Viuvos 30, Amasiados 1, Brasileiros 556, Estrangeiros 55, Brancos 438, Pretos 134, Amarelos 3, mestiços 36.

Dos doentes novos, 323 foram postos em observação, sendo:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Homens 128, Mulheres 159, Crianças 36.

Dos doentes novos entre os adultos, foram matriculados 259, sendo portadores de:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Lues primária sero-negativa 0, Lues primária sero-positiva 18, Lues secundária localizada 51, Lues secundária generalizada 33, Lues secundário-terciária 4, Lues terciária 24, Lues pseudo-latente 114, Lues congênita tardia pseudo-latente 8, Lues congênita tardia distrofica 5, Lues congênita tardia virulenta 1, Lues nervosa 1.

Dos doentes novos, 29 crianças foram matriculadas, sendo portadoras de:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Lues congênita tardia pseudo-latente 21, Lues congênita tardia distrofica 7, Lues congênita tardia virulenta 1.

Foram atendidos em consulta, 1.728 doentes já matriculados, sendo:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Homens 592, Mulheres 870, Crianças 266.

No Serviço de Profilaxia pre-natal, foram dadas:

267 consultas.

No Serviço de Neuro-Sífilis, foram dadas:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Consultas novas, 92, sendo: Homens 39, Mulheres 53, Crianças 0.

Consultas velhas, 331, sendo:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Homens 143, Mulheres 183, Crianças 5.

No Serviço de Sífilis Cardio-vascular, foram dadas:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Consultas novas, 83, sendo: Homens 27, Mulheres 56, Crianças 0.

Consultas velhas, 174, sendo:

Table with 2 columns: Category and Count. Rows include: Homens 63, Mulheres 111, Crianças 0.

Foram encaminhados para outros Serviços, 142 doentes.

Foram feitas:

- 1.297 Reações de Wassermann
134 Exames de urina
8 Exames de fezes
26 Exames de liquor
22 Pesquisas de treponema
57 Radioscopias
8 Radiografias
3 Coloração Fontana Tribondeau, Gran
1 Hemo-sedimentação

Obtiveram alta 23 doentes.

CANTO MINGUADO

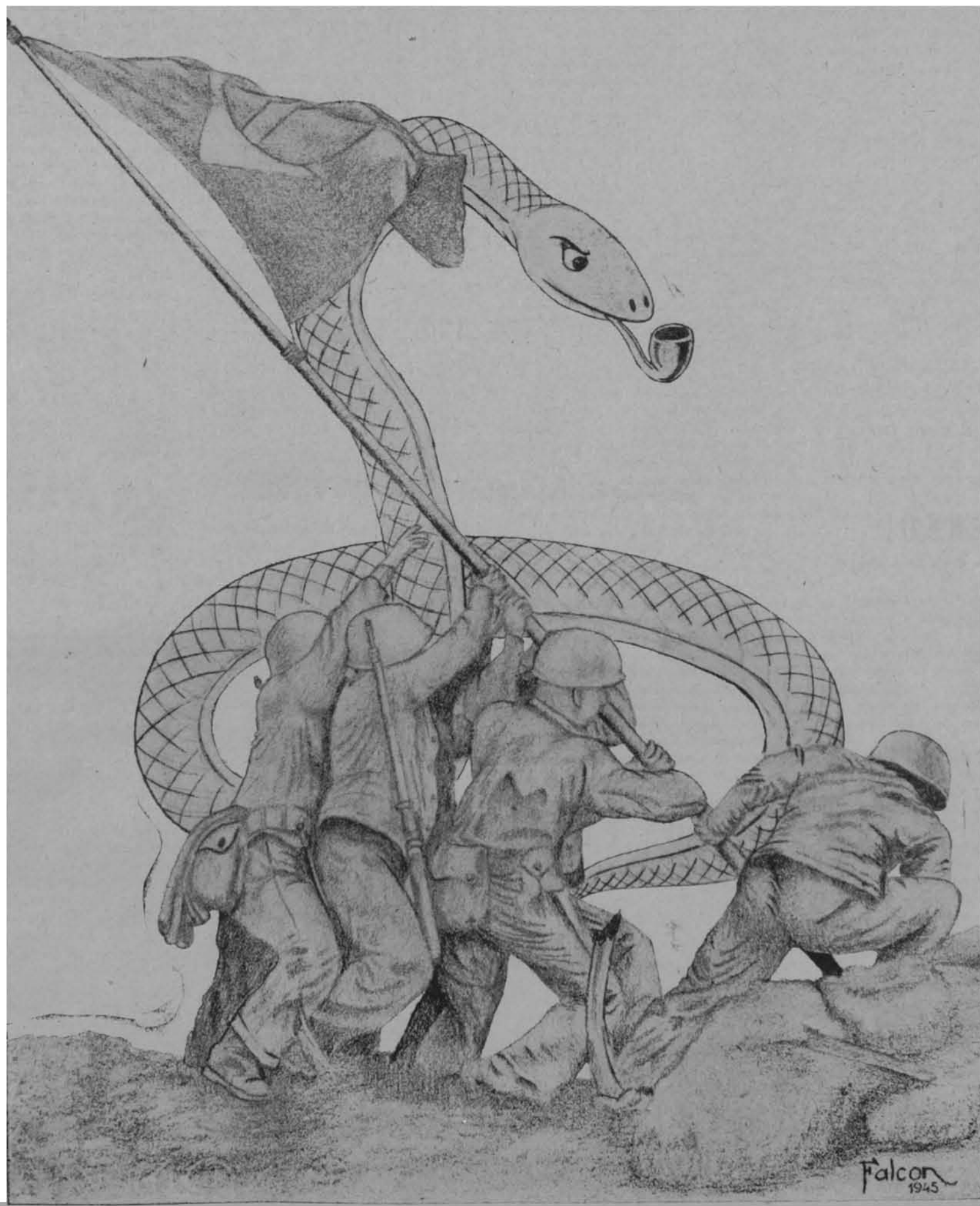
Ontem na Avenida São João, Padeiro A. C. foi atropelado pelo dr. Mário Egídio de Souza ARANHA (Dois jornais). Aranea caput padeirus Padeirus locus vitae ficavit Et uxor ejus aranea xingavit. Sed, Aranea Focas viravit, Et dispneicus mater uxor padeirus amea- [cavit!

Dum factus passavit, Focas major in ciencia Glicose urinae padeirus medivit Et verificavit Glicose in crescencia.

In absentia policia, Alunos ensinavit: Gliconsuria in atropelamentos Est factus evidentiavit.

PONCIO PILATOS

Os que lutam pela Democracia serão lembrados pelos que amam a Liberdade!!!



Logo que o clamor da guerra ecoou por estes brasileiros recantos, de todos os lados surgiram êsses gigantes que, atendendo ao apêlo da Pátria ultrajada encarnaram a heróica Fôrça Expedicionária Brasileira.

E eis que, das cidades ou dos campos, das fumegantes fábricas ou das roças verdejantes, surgem os SOLDADOS DO BRASIL!

E assim, esta pleiade de bravos que mais tarde iria cobrir de glórias, em campos da velha Itália, o auri-verde pendão da nossa terra, se constituiu na heterogeneidade dos seus mananciais e na unidade do seu destino objetivo.

Vós, Soldados do Brasil, que sob os rigores do inverno europeu ou debaixo do tonitroar dos canhões, não vos esquecesteis dos vossos lares queridos, da vossa gente e dos vossos templos de trabalho,

**VÓS SOIS BENVINDOS À PÁTRIA ESTREMECIDA,
PORQUE AQUELES QUE LUTARAM PELA DEMOCRACIA
JAMAIS SERÃO ESQUECIDOS PELOS QUE
AMAM A LIBERDADE!** PLSR

A vós, Alípio Correia Neto, que não duvidastes em mudar a vossa tenda de trabalho dêstes recantos pacíficos para aquelas agitadas linhas de batalha.

o ali, salvastes vidas preciosas à Família e à Pátria Brasileiras,

**VÓS SAUDAMOS COMO SOLDADO EXEMPLAR E COMO
ACATADO CIRURGIÃO QUE SOUBESTES SER, NA SU-
BLIMAÇÃO HEROICA DO BRASIL E DA FACULDADE**

DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO!

A vós também, José Monteiro, Florismundo Plastino Zaragoza, Paulo Dumangin Santos, Massaki Udihara, Osvaldo Mendes Leite e José Alfio Piason,

que saistes da Faculdade para cumprir a sacerdotal missão de zelar pela saúde do povo e tivesteis que vos transformar em hercúleos defensores da honra da própria Pátria,

**VÓS SAUDAMOS, CERTOS DE ESTARMOS GLORIFI-
CANDO AUTÊNTICOS HERÓIS MEDICOS-SOLDADOS!**

E por fim, a vós, Paulo Canton, Paulo Homem de Melo, João Angelo Abatayguara e Rubens Santos Alves,

de quem nunca nos esqueçemos nos momentos de triunfo ou nos instantes de amargura,

e que, Discípulos ainda na arte de curar foram, entretanto Mestres na Coragem, no Despreendimento no Amor à Pátria.

1 Vocês que, se longe estiveram dos nossos olhos, perto porém estavam dos nossos corações, enchendo-nos de uma saudade amiga,

1 Vocês que transformaram em realidade a única esperança de luta e de glorificação para o corpo discente desta Escola,

**O NOSSO APERTO DE MÃO, QUE TRADUZ RECONHE-
CIMENTO; O NOSSO ABRAÇO FRATERNAL QUE SIGNI-
FICA SINCERA AMIZADE; E AS NOSSAS MAIS VI-
BRANTES SAUDAÇÕES UNIVERSITÁRIAS!!!**

C.P.O.R. e o nosso horário

Todas as Escolas Superiores de São Paulo procuraram harmonizar seus horários com o C. P. O. R. Assim, Mackenzie e Politécnica não dão aula nas manhãs de 3.ª, 5.ª e sábados.

Em nossa Escola, os alunos do C. P. O. R. perdem as duas cadeiras da manhã e máximo que obtivemos foi boa vontade dos professores em dar para esses alunos, no fim do ano, um curso de férias.

Aqui na Faculdade, uma cadeira é dada 2.ª, 3.ª e 4.ª outra 5.ª, 6.ª sábado. De modo que, quer indivíduo tenha instrução no C. P. O. R. nos dias pares, quer a tenha nos dias ímpares, perde as duas cadeiras, deixa duas cadeiras para fazer durante as férias. Se as cadeiras da manhã fossem alternadas e não consecutivas como são hoje, os alunos poderiam fazer uma delas durante o ano deixando apenas outra para período de férias.

Isto não traria vantagem nenhuma aos professores, que amavelmente nos dão esse curso, pois ambas as matérias precisariam ser lecionadas, uma vez que os alunos não têm instrução todos nos mesmos dias; mas também, não traria dificuldade; apenas número de alunos para cada cadeira seria diminuído.

Algum aluno sairia lesado com isto? Algum professor?

Apenas seriam grandemente favorecidos os alunos da Faculdade que cursam C. P. O. R....

L. C. DO AMARAL

O BÉRRO!

E o velho Fostana livido de espanto
Exclamou afinal:
Tudo nesta Escola é pura tapeação!
Há em todo Departamento mesma coisa.
E em todo professor um homem igual.
Arnaldo semeou a escola de grandes medallhões
E todos aqui o sono dormem agora
Pois que não passam de grandes espartilhões,
Que deviam de fininho dar o fóra.
A' cátedra consagrar uma existência,
O' não creio que o Cunha
Ao ver que um zero tem a mesma essência
Que UM, á mim Fontana com inocência
Premiou. Se isto é justo eu punha
Minha cabeça sob uma viatura
E me afogava lá em Cascadura
Já chega o Xilór que numa dependência
Poz á prova minha grande paciência.

APOLONIUS

S. A. S.

A turma do 2.º ano tem a honra e o prazer de ter por colega uma garota extraordinária. Uma figura vulgar pelos seus dotes de inteligência, uma pequena notável pela sua elegância displacente requintada ao mesmo tempo, um manequim 42 com um coração anômalo tamanho 1000!

Sim, o coração da Scyla é um fenômeno assustador. Tão grande, tão grande tão bom que torna escravos e admiradores humildes todos os que dela se aproximam.

A naturalidade da Scyla ao tratar os colegas é algo só comparável á naturalidade da Denise. Enquanto a Denise teima em encobrir uma grande sensibilidade sob uma capa de ironias apimentadíssimas, a Scyla é apenas natural. De uma naturalidade sem ironia e sem malícia, de uma naturalidade compreensiva e afetiva. A admiração dos colegas é uma retribuição justa á iniciativa que soube vencer as barreiras de incompreensão entre os rapazes e as moças, realizando esse milagre raro da amizade fraternal.

Aqui vai portanto saudação sincera de uma colega que se orgulha de pertencer á grande Sociedade de amigos da Scyla, a famosa S. A. S.

D., R.

ELEVAÇÃO DO NÍVEL DO ENSINO

Tese-Recomendação apresentada ao VIII Conselho Nacional dos Estudantes por C. Caricchio em nome da Sub-comissão encarregada pela Delegação Paulista para estudar I - Ponto do Tema:

O primeiro tema que versava sobre "Elevação do Nível do Ensino" comportava os seguintes sub-temas: reforma do ensino superior; eliminação dos aventureiros do magistério; melhor remuneração para os verdadeiros professores; instalações adequadas e equipamento para as aulas práticas; ajustamento do ensino superior á realidade brasileira; desenvolvimento dos estágios; representação nos Conselho Técnico-administrativos, etc....

A apresentação de uma minuciosa argumentação sobre as aspirações dos alunos e sobre sugestões de elevação do nível do ensino seria estafo desnecessária, pois todos os estudantes do Brasil sabem porque querem melhorar as instalações, porque querem eliminar os aventureiros do magistério ou porque querem representação nos C. T. A. Nesse sentido, a sub-comissão Paulista para o I - tema resolveu apresentar a seguinte tese-recomendação aos estudantes congressistas:

Elevação do nível do Ensino

a) Reforma do ensino superior:

Sub-comissão Paulista encarregada de elaborar alguma coisa sobre os itens do tema acima, após os estudos realizados em conjunto resolveu apresentar ao VIII Congresso da UNE as seguintes sugestões para a reforma do ensino superior:

1) Que haja um representante dos alunos junto às Congregações das Escolas.

2) Que a frequência às aulas teóricas seja facultativa naqueles cursos onde haja matéria lecionada tanto em aulas teóricas como práticas. Nesse caso seria obrigatória apenas frequência às aulas práticas.

3) Que se retire caráter vitalício da cátedra, pela recondução do professor e assistentes às respectivas cadeiras de sete em sete anos de acordo com as provas de capacidade, eficiência e dedicação ao ensino com o voto de frequência que tiveram em suas aulas por parte dos alunos. As provas de capacidade e eficiência quando necessárias obedeceriam às normas que prevalecem na realização do 1.º concurso.

4) Que os docentes-livres e assistentes sejam integrados no exercício efetivo do ensino e assim fosse permitido ao aluno o direito de escolher o seu professor e orientador.

b) Eliminação dos aventureiros do magistério e melhor remuneração para os verdadeiros professores:

Item que já está impicito na retirada do caráter vitalício da cátedra.

c) Instalações adequadas e equipamento para as aulas práticas:

"A sub-comissão recomenda que as autoridades competentes responsáveis façam uma revisão das instalações de todas as Escolas e auxiliem na medida do necessário melhoria das mesmas"

d) Ajustamento do ensino superior á realidade brasileira:

1) Verificação das necessidades de técnicos superiores, médicos, engenheiros, macharéis, economistas, etc... existentes no país para cobrir os "déficit" que se faça então o desdobramento das escolas que se dê subvenção às mesmas e que se criem novas escolas.

2) Ensino superior gratuito e com a abertura de possibilidades todos os capazes com medidas de facilidade de obtenção do livro didático, de assistência social ao estudante necessitado e organização também de horários noturnos nos cursos em que isto fosse possível.

3) Atualização do ensino que deveria ser feito por uma verificação por parte da Congregação de cada Escola, respeito dos programas das diversas cadeiras.

e) Desenvolvimento dos estágios:

Que as autoridades governamentais responsáveis organizassem facilitassem a realização dos estágios para todos os alunos de todas as Escolas em que os mesmos fossem de necessidade"

Foi isto que foi apresentado ao plenário do VIII Congresso da U. N. E. e após alguma discussão ligeiras modificações foi aprovado por unanimidade.

A nós Paulistas coube a honra de ver a nossa tese ser considerada a mais completa sobre o assunto e por proposta de um colega mineiro mereceu ela um voto de louvor uma salva de palmas dos congressistas presentes ao VIII Congresso Nacional dos Estudantes:

Infelizmente ainda não temos em mãos as Resoluções completas do Congresso que a Diretoria da UNE ficou nos mandar. Em todo caso quando as recebermos, torná-las-emos do conhecimento de todos os interessados.

Essa foi a nossa contribuição para elevação do nível do ensino, além contribuição que muito tem de comum com resoluções já tomadas pelos alunos da Faculdade em Assembleia Extraordinária do C. A. O. C. apresentadas ao plenário do I Congresso Médico-Spécial Brasileiro.

OS PINGOS NOS II

A ENFERMAGEM E OS ALUNOS NO H. C.

Temos talvez o defeito de querer supor o que acontecerá no futuro com relação aos alunos. Seria mesmo um defeito? Não sabemos. Entretanto estamos certos de que, embora de saída, em vista das responsabilidades que temos, não podemos, honestamente deixar de apreciar aquilo que nos parece vai acontecer.

E' assim que atualmente estão os alunos e todo mundo maravilhados com o "serviço de enfermagem" do H. C., sobretudo no que se refere aos préstimos das alunas da Escola de Enfermagem. Por isso seria estúpidez de nossa parte, pensar que fosse, em criticar tal serviço na sua eficiência. Entretanto, o nosso pensamento trazendo tintas de algum patriotismo utópico, viaja por nossas terras e paira em outras cidades onde não pode haver uma tão boa enfermagem se existia nas zonas rurais ou pobres onde nada existe de enfermagem. E que aí vemos? Tão simplesmente médicos heróis que não podem apenas diagnosticar e receitar mas também têm que executar o tratamento ou na melhor das hipóteses ensinar que alguém o faça. Agora perguntamos: Como vai o médico executar ou ensinar a fazer o que nunca aprendeu fazer? Que não me respondam os fantasistas dizendo que o médico estuda muito e por isso está apto para isso. Esses que assim falam nunca saíram da rua Barão de Itapetininga, do Jequití ou de Copacabana e, portanto, nunca tiveram oportunidade de se encontrar em tais dificuldades ou ouvir alguém dizer delas. "Falar é fácil, mas, fazer é um pouco diferente", diz o povo muito acertadamente.

Dia após dia estamos vendo que os alunos devem praticar o mais possível para não encontrarem dificuldades na vida prática, lá fóra. E esta necessidade pedagógica está clara nos programas médicos de ensino de outros países mais adiantados.

Poderão perguntar: — "Por que os alunos que frequentam o H. C. não tomam iniciativas não executam certos trabalhos de enfermagem para assim aprenderem? Eles acham aquilo muito bonito mas parece que não querem trabalhar... Responderíamos a isto do seguinte modo: os atuais alunos que frequentam o H. C., na sua grande maioria já passaram pela "saudososa Santa Casa" e lá, fizeram de tudo. Obedecendo agora a "lei natural do mínimo esforço" dão graças por haver quem execute estes serviços. Mas não devemos raciocinar só para os momentos atuais nem com lei do comodismo, lei esta que, diga-se de passagem, tanto assusta aqueles mestres que dão "boas aulas" quando se fala em frequência livre.

E amanhã? Centenas centenas de jovens que não passaram pelas "pobres enfermarias" da Santa Casa encontrarão naturalmente no H. C. um belo serviço de enfermagem e não darão pela necessidade de aprender, pois já tem quem o faça; pensam que sempre e em qualquer lugar haverá essa mesma enfermagem. A esses moços que talvez não venham perceber que estarão criando uma grande lacuna na sua formação médica, culpa nenhuma cabe. Na Faculdade existem "órgãos didáticos" encarregados do ensi-

PROF. RENATO LOCHI

Há vinte anos atrás, ilustre professor Aloysio de Castro, falando ao grande Miguel Couto, dizia:

"Nada subsiste, em faltando espírito de nobre veneração; quando se não sabe honrar os que merecem, quando merecimento não incita ao louvor, é que nível moral se degradou, e rebaixou aos limites dessa insensibilidade, cuja sombra sómente vegetam as frivolezas, as cousas mediocres e as-creações vulgares"

E' esse espírito de nobre veneração aos que dela são dignos, que nos leva hoje, a menear o responsável pela Cátedra de Anatomia Descritiva e Topográfica da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Jubiloso como todos os que frequentam ou frequentaram suas dependências, o Departamento de Anatomia viu passar, a 13 de agosto, mais um aniversário da primeira aula dada pelo prof. Renato Locchi, digno continuador da obra de Bovero.

Nascido em São Paulo, formado em Medicina e Farmácia, professor Renato Locchi iniciou brilhante carreira com a sua nomeação, a 18 de abril de 1925, para preparador da 1.ª Cadeira de Anatomia Descritiva e Topográfica desta Faculdade.

Em 24 de julho de 1934 é designado para reger o curso de Anatomia Topográfica do 2.º ano.

Em marcha sempre crescente, vai para Europa em 1930, como único representante de toda América Latina ao III Congresso Internacional de Anatomia de Amsterdam. Logo depois representa a Faculdade no IV Congresso Federativo Internacional de Anatomia em Milão.

Discípulo de Bovero, a este sucedeu na cátedra da 1.ª cadeira de Anatomia Descritiva e Topográfica, a 1 de maio de 1937. Justo prêmio uma vida inteiramente dedicada à Anatomia.

Até 1940 saíram dos laboratórios de Anatomia da nossa Faculdade, frutos de pacientes pesquisas incansável estudo de Locchi, os seguintes trabalhos: Ossificações tentoriais, peritrigeminais supra-petrosas no crâneo humano, Contribuição ao estudo da eminência suprauditiva no crâneo humano. M. sternoclavicularis superior M. esternoclavicularis anterior. Veia cava superior esquerda no adulto, Situação do apêndice vermiforme em relação ao ceco e diversas raças humanas. Sobre um caso de poliodontia no homem. Observations sur le "musculus diaphragma" chez le "Bradypus tridactylus" Sur les plicae palatinae transversae "chez diverses races humaines". Pesquisas de anatomia étnica sobre o m. sternalis. "Torus longitudinalis" et "sulci longitudinalis" dans la langue humaine (em colaboração com Bovero). Verificação experimental da inervação motora da porção cervical do "musculus platysma" no "Tamandua tetradactyla". Pesquisas de anatomia étnica sobre os nervos frênico e parafrênico, Recherches anatomo-comparatives sur l'appareil suspensor de la pléte, Ensaio de morfologia dos cornetos etmoidais em negros mulatos e em fétos gêmeos, Questões gerais e observações pessoais relativas à anatomia das artérias do "corpus striatum" humano, etc.

no e da fiscalização da sua eficiência se nada fazem é por relaxamento por irresponsabilidade.

Não queremos nos sobrepôr a esses "órgãos"; apenas queremos acordá-los...

Note-se também que não queremos culpar ou tirar o lugar a todas aquelas que fazem enfermagem no H. C. As moças devem aprender e até mais que os alunos pois elas só farão isso no futuro. E sem prejuízo desse aprendizado, os alunos também poderão fazer alguma coisa dependendo apenas da boa vontade dos responsáveis.

Concluída assim a necessidade de o aluno tomar parte também na enfermagem, achamos que os professores, isoladamente ou reunidos em C. T. A. ou Congregações, devem tomar providências no sentido de impedir que, não tanto as atuais, mas que as futuras gerações de médicos passem a levar mais esta lacuna no seu cabedal prático.

CARMINO CARICCHIO

Prof. José Bonifácio Medina

Após brilhante concurso tomou posse da cadeira de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo o eminente médico brasileiro dr. José Bonifácio Medina.

De grande capacidade de trabalho, conhecedor profundo da mentalidade do estudante, ditada de mérito, o prof. Medina sabe o verdadeiro valor de uma aula bem dada e o justo significado do aprendizado prático nas enfermarias.

Na posse solene na Congregação da Faculdade de Medicina, usou da palavra prof. Aderbal Tolosa, catedrático de Neurologia, que pronunciou o seguinte discurso:

Sr. Diretor da Faculdade. Senhores membros da colenda Congregação da Faculdade de Medicina de S. Paulo, minhas senhoras, meus senhores.

Imensamente honrado pela confiança dos membros da Congregação desta Faculdade, coube-nos o agradável encargo de proferir as palavras de recepção que tradicionalmente se fazem ouvir neste recinto, cada vez que um no-

samente os braços, sem reservas ao novo companheiro.

Andou, porém, evidentemente mal inspirada na escolha de seus interpretes cuja expressão simples e, mais que isso, pobre, não possui sonoridade ou colorido à altura do que fôra de desejar. Entretanto, se isto acarreta um desprimôr de interpretação afetiva sepriva aos que ouvem, sentir algo impecevel na forma na essencia, talvez venha a ressoar de modo diverso no espirito do recepiendario de hoje, que poderá sentir em nós um dos elementos naturalmente indicados para saudalo neste dia de tamanha significação. Efetivamente, exceção feita para as pessoas de sua familia, difficilmente encontrará o professor José Medina quem o conheça e lhe acompanha a trajetoria há mais tempo, de que aquele que agora lhe dirige a palavra. É assim que estivemos a seu lado desde o alvorecer de sua mentalidade, quando, ainda no velho Grupo Escolar do Parv entesourava os primeiros elementos do seu hoje invejavel cabedal científico e intelectual. Daí dai o inicio do nosso convivio, qual-

turbulento. Juntos caminhamos em luta tremenda naquele infernal primeiro ano, que constituiu verdadeira iniciação terrorista do nosso curso academico. De susto em susto, não sabiamos o que mais temer, si as misteriosas notas da Cadeira de Fisica, si as profundas bases filosoficas com que nos aturdiavam na Química ou si as homeopaticas notas que filtrava na Cátedra de Paratitologia, estimado professor Celestino Bourroul. Mas, tudo pensava e a turma de 1923 ia-se mantendo animosamente através das sucessivas séries. Foi aí que aprendemos além da matéria médica propriamente dita, o exemplo de nossos professores, alguns dos quais já colhidos pela mão da morte, verdadeiros abnegados que, sem a instalação necessaria, tudo improvisavam para manter concretizado o sonho de Arnaldo Vieira de Carvalho.

Já no final do curso com dispersão dos últimos anos, ajudada pelas variadas inclinações de cada um, afastavam-se os colegas uns dos outros em virtude não só das rotinas absorventes dos Serviços que procuravam, como também, porque não dizelo, um pouco pelo desidio que lavrava então, deploravelmente, entre nosos mestres, obreiros dedicados da mesma tarefa. Foi então que José Medina, providencialmente inspirado, logrou ligar-se à brilhante escola que se iniciava com Nicolau de Moraes Barros, a qual jamais deveria abandonar. Constituiu-se em um de seus mais destacados elementos galgoou todos os graus que colocaram, mais tarde na obrigação estrita de receber o bastão que a lei arrancou das mãos ainda robustas de seu grande mestre amigo e guia respeitado.

Vemos então José Medina, seguindo o exemplo de outros seus companheiros da velha turma, como Jayme Cavalcanti, Alípio Corrêa Netto e o orador deste momento, lançar-se resolutamente para frente, disposto retribuir com todas as forças de sua personalidade, pelo menos em parte, os beneficios auferidos em nossa querida Escola. E assim, aquela turma que, modesta mas conscienciosamente passou pela Faculdade, orgulha-se em ter agora, em sua Congregação, com o advento de José Medina, nada menos que quatro professores eslhidos por concurso. Isto sem falar naqueles que, da mesma turma partiram para o ensino médico fóra daqui, tais como Jairo Ramos, Barbosa Corrêa, José Inacio Lobo, Marcos Lindenberg, Moacyr Amorim os que, na docência livre ou na regência interina de Catedras, tanto se têm destacado, como Floriano Paulo de Almeida, Milton Estanislau de Amaral, Rafael da Nova, Joaquim Vieira Filho e Arivaldo Caselli de Carvalho. Lançou José Medina

no empolgante concurso a que se submeteu, peso de suas credenciais, consubstanciadas por um passado de estudo e de trabalho em boa hora orientado pela segura brilhante influencia de Moraes Barros. Mais do que qualquer referenda nossa, diz do alto padrão de suas provas, gráu conquistado: distincção absoluta, refletindo sucesso alcançado nesta Escola pelo inolvidavel Vampre.

Mais não precisamos alegar para que, pelo menos em parte se justifique aparente deducido com que se designou aador desta recepção: um colega de turma mais que isso, um companheiro dos bancos ginasiais mesmo escolares, receber o amigo, cuja companhia terá ainda a ventura de cultivar, nesta ultima mais facinante fase de sua carreira médica.

Meu caro José Medina:

Agora que recebestes o premio que coroou teus esforços que com imposição que te foi feita do capelo profissional pelo nosso illustre diretor, passas a ocupar na nossa Faculdade posto que tanto almejavaste, pensamentos em tumulto devem assaltar tua mente excitada abalada por tantas emoções. Satisfação, orgulho, gratidão, saudades, esperanças são vibrações que juntas abalam confundem o espirito que as abriga. É deslumbramento final da victoria que cedo dará lugar à lassitude de vacillar ao espirito que venceu. Entretanto, meu caro companheiro, a luta recomeça e, cesados os ecos do inesfavel evento, surgirão as apreensões e as dúvidas, proprias de quem sente sobre os hombros o peso da responsabilidade, que até então só de longe conhecia. Sentirás sobre ti, pousados os olhos de todos que mourejam nesta casa, professores, alunos, aqueles buscando e confirmação de seus vaticínios estes aguardando o palavra exemplo do novo guia que os levará avante. Não desmerecer confiança dos antigos mestres, agora teus pares, não desiludir a mocidade que espera tua ação, eis a preocupação absorvente que te assobrerá a alma. Mas temos a certeza que não desiludirás e não desmerecerás. Disso é senhor seguro o teu passado. Não chegues este ponto movido pela ambição condenavel ou pelo egoismo deprimente de um aventureiro. Alcançaste-o, pelo contrário, sem sobressaltos, trazidos à Cátedra fatalmente, como consequência da trajetoria continua congruente que traçastes, coroando, com um final lógico e harmônico, as fadigas de tua vida de trabalho. E não é só tua a satisfação neste momento. É a de todos nós, teus companheiros da velha turma de 1923: é a do teu valoroso guia cuja benéfica influencia ainda se expande sobre esta casa; finalmente ainda de teus antigos mestres aqui presentes, os quais, abrindo-te os braços, comigo exclamam: benvido sejas em nosso seio e contiguo esteja sempre a luz que até aqui te trouxe.



Prof. José Bonifácio Medina

vo valor a nós se ajunta no elevado mister do ensino médico. Ainda mais grata se torna missão para nós, em vista das especiais circunstancias em que se realiza, consequentes não só a personalidade do novo catedrático, como também ao brilho que soube imprimir às varias fases de sua luta pelo titulo.

O preenchimento de uma Cátedra vacante, em nossa Escola, foi sempre acontecimento de grande transcendencia profundas apreensões para todos nós, que fazemos, do culto pela Faculdade, primeiro plano de nossa atividade profissional. Desde os passos preliminares, relativos ao modo de provimento, já se faz sentir o cuidado, cautela, emfim extremo empenho de todos, em atender primeiramente os altos interesses da Faculdade e, consequentemente, do ensino que nela se deve ministrar. Resulta disso sempre, aquela tradicional unidade com que se escolhe o concurso de titulos e de provas, qual, pela variedade de demonstrações que exige por parte do candidato, ainda é, a nosso vêr, no estado atual da evolução, entre nós, da carreira professoral, mais seguro meio de mais preciso critério na indicação de um professor.

A seguir a escolha da comissão examinadora e o interesse pelo desenrolar das provas, com a consequente selção dos valores em causa, são outras tantas demonstrações do carinho com que aqui se encara a sucessão de um professor.

Natural é, portanto, que em uma solenidade de posse, em que se evidencia o fruto de seus zêlos e em que se demonstra o acerto de suas ações, sinta esta Congregação a necessidade des expandir seus sentimentos, abrindo jubilo-

após breve interrupção, ir-se-la reatar mais tarde, no antigo Ginasio do Estado, onde nos beneficiamos do ensino emanado da luminosa pleidade de professores cuja memoria, para nós nunca se apagará. Foi nesses seis anos de convivencia que aprendemos a conhecer em José Medina espirito de esdól, que, pelo seu esforço, tenacidade, argucia, completada por esmerada educação e preciosos predicados morais, não haveria de falhar nas promessas que sugeria, de um futuro destacado, em qualquer carreira que abraçass. E era de ver presteza espontaneidade com que repartia com seus colegas mais descansados fruto de seu labôr.

Pôde entretanto o nosso brilhante colega cujas apreensões daqui já advinhamos, restituir o socego a seu espirito, pois nada revelaríamos de sua atuação em outros terrenos, como sua habilidade futebolistica, assim como silenciaremos prudentemente sobre tudo que serferir à famosa pena de suspensão que coletivamente sofremos no final do curso ginasial. Seria, evidentemente, não ter senso de oportunidade querer aduzir tais fatos ao seu formoso "curriculum vitae".

Lindas esperanças animavam grupo que do Ginasio do Estado procurou em 1918 a vedo Ginasio do Estado procurou em 1918 a velha casa da rua Brigadeiro Tobias, para tentar maravilhosa viagem que se nos oferecia, através das varias series do curso médico. Então ainda admiravamos sempre Medina, companheiro discreto, retraido porem sempre solidario, participando muitas vezes, embora contrangido, das vicissitudes porque passava turma, de reconhecido pendôr irriquiêto e

Discurso de agradecimento do Dr. José Bonifácio Medina

Exmo Sr. Diretor da Faculdade de Medicina,

Exmos. Srs. Professores da Faculdade de Medicina,

Minhas Senhoras, Meus Senhores.

Um Ideal, uma aspiração longamente, asperamente porfiada, trouxeram até aqui mais um filho da nossa Faculdade. Seja-me permitido dizer, pois, que este é para mim um momento glorioso, momento impar na vida de quem se dedicou ao magistério médico: vê, afinal, coroado um esforço continuado de mais de vinte anos. Disse que é este um dia glorioso para mim realmente, o mais alto jamais poderia aspirar. A egregia congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo, reunida para receber o novo professor, egresso das provas do concurso, marca hora que ele realmente ingressa nos quadros superiores da nossa Universidade. Mas, senhores, não estou vaidoso de glória; sinto antes o coração glorioso dos novos deveres que me vêm juntamente com herança magestosa de serviço à Pátria e à Humanidade que é a cátedra de ginecologia, que ora efetivamente recebo, perante este illustre colégio.

Em 1921, quando se realizaram as provas de concurso para catedrático de Clínica Ginecológica, em substituição ao Professor Arnaldo Vieira de Carvalho, cursava eu 4.º ano médico. Senti-me então, seduzido pelas provás notaveis do Professor Nicolau de Moraes Barros e empolgado pelo assunto da disciplina cuja cátedra se disputava.

Enamorei-me pela ginecologia, que passou absorver todas as horas de que dispunha para penetrar-lhe os segredos

conquistar dominio das suas dificuldades. Se matéria era realmente sedutora, notavel, incomparavel, era a forma porque sabia requinta-la novo titular, Professor N. Moraes Barros, mestre consumado, artista da exposição didática e mágico decifrador dos tropeços da clínica ginecológica.

Por vinte e quatro anos frui seu convivio diário, seu constante ensino, deste longo e diuturno contacto, marcantes foram as impressões que me ficaram no espirito. Ao seu lado fiz-me homem tornei-me ginecologista, jamais sentindo necessidade de haurir em estranhas terras qualquer noção relativa à sua especialidade. Assisti a ida ao estrangeiro de tantos colegas presenciei volta sem inveja, reconhecendo logo, ao primeiro contacto, que os conhecimentos trazidos não constituíam novidade para Escola de São Paulo. Versando correntemente o alemão e o inglês, estudavamos de verdade e, que mais importa, trabalhavamos ao lado de um gigante da especialidade, que nos havia ensinado joierar tanto fruto da experiencia clinica diária como as leituras, de sorte que fomos, lenta mas solidamente, amealhando preciosas noções, que nos foram da maior valia em todos os tranSES da nossa vida profissional.

Assim, era natural que brotasse em nosso espirito a aspiração de suceder, um dia, ao mestre, e, como discipulo fiel, perpetuar moderna Escola Ginecológica Paulista, da qual ele é, indiscutivelmente, o benemerito illustre creador.

Faço este retrospecto para salientar, como já disse alguém em conjuntura sem-

Discurso de agradecimento do Dr. José Bonifácio Medina

lhante, que até aqui alcei marco da minha caminhada não por arremesso da sorte ou pela força de um pistolão político, mas mercê de uma vida, toda ela vivida entre os leitos de hospital, as quatro paredes do meu gabinete de estudo e as lições e exemplo diário do meu querido mestre

Foi árdua a caminhada. Os tropeços, as dificuldades, que não foram poucas, puderam converter-se em incentivos, eis que material era bom ideal muito formoso. Não trago, pois, a fadiga das longas lutas, que constituem tão somente espinhoso aprendizado, a experiência que há de guiar os meus primeiros passos na investidura máxima de minha carreira de ginecologista. Após longa peregrinação, abrem-se hoje para mim as portas do templo. E diz-me coração, diz-me a consciência superior das responsabilidades novas grandes, que os velhos ressentimentos, as desafeições que inevitavelmente vai a vida soldando ao flanco dos lutadores, que ambos ficaram lá fora, não atravessaram comigo o limiar do recinto sagrado. E hoje, aqui chegando, graças ao estudo e ao trabalho, só me anima uma única aspiração: bem servir da melhor maneira nossa Faculdade, já tão rica de gloriosas tradições.

Entretanto, não terá em mim a Faculdade substituto do Professor Moraes Barros, mas apenas o seu continuador, que tudo fará para estar a altura dos deveres e responsabilidades em que importa tão relevante gloriosa herança. E se um dia, balanceando um grande rolo de atividade trabalhos, eu puder, sem orgulho nem vaidade, capacitar-me de que realizei a condição de um digno substituto do mestre, esse será para mim um dia de real felicidade.

Professor nato notabilíssimo, meu querido mestre, vulnerado pela compulsoria e afastado da cátedra em plena pujança da sua incomparável capacidade, ela jamais será o sol que encontrou seu ocaso, porque, enquanto viver, ele, creador da Escola Ginecológica Paulista há de emprestar-lhe, generosamente, como sempre, a luz viva cáldida do seu saber.

De longo convívio, aprendi os segredos (dos quais aliás ele nunca fez segredo) da sua didática insuperável.

O professor, dizia-me continuamente, precisa descer até o aluno, colocar-se ao nível do auditório, transmitir aos estudantes noções precisas e seguras, com simplicidade clareza, isto é, em linguagem simples e de tal maneira que qualquer pessoa possa compreender. Além disso, acrescentava, é preciso vencer preocupação de "mostrar cultura" de demonstrar "quantidade de conhecimentos", enumerando datas nomes que tornam as aulas fastidiosas, massudas, inúteis até prejudiciais, pois tal tipo de aula é maior responsável pela aversão que os estudantes tomam certas disciplinas. E se isto se der com uma cadeira básica, como no caso a ginecologia, bem se compreenderá verdadeiro descalabro social que isso representaria, pois as gerações de médicos que se sucedem sairiam inteiramente desprovidos de conhecimentos essenciais, além de adquirirem repugnância por matéria naturalmente formosa cheia de atrativos clínicos.

O professor Moraes Barros teve a coragem impar, divina coragem, de imprimir às suas aulas tais aspectos, que tornaram as suas preleções agradáveis, concorridas, os lugares disputados, sem nunca ter cogitado de policiar a frequência dos alunos.

No seu recente e notável livro "Lições de Clínica Ginecológica", apreciam-se seu marcante espírito didático, a sua capacidade de transmitir, de ensinar tudo o que sabe de esplendidamente subterfúgios e sem receio de aumentar os concorrentes... É um grande livro, digno de grande autor.

Quem, como eu, acompanhou de perto sua luminosa trajetória na cátedra de ginecologia, sente-se autorizado proclamar as suas fulgurantes vitórias em algumas condutas doutrinárias da especialidade. Vou enumerá-las para que se possa bem aquilatar o volume de serviços benemerência de que se fez credor da nossa sociedade a figura ilustre do professor Moraes Barros: conduta abstencionista nas anexites, a cirurgia vaginal do prolapso do útero, tratamento radium-

Os estudantes aos Expedicionários Paulistas

Dentre as inúmeras manifestações de que foram alvo os "pracinhas" paulistas, destaca-se a do dia 1.º último realizado no Teatro Municipal e com a qual as classes estudantinas de nossas escolas superiores, homenagearam o regresso de nossos invictos patrióticos. O grandioso "show" levado a efeito pelos alunos da Faculdade de Direito, Mackenzie e Faculdade de Medicina, correspondeu inteiramente à expectativa, dado os variados números de humorismo, fantasia música.

A grande assistência que superlotou o teatro n. 1 de nosso Estado, viveu momentos de intenso entusiasmo e contou com a presença de altas autoridades civis e militares tais como o General Amaro Bittencourt, Cel. Humberto Castelo que representou General Mascarenhas Moraes.

Grande número de expedicionários, entre eles alguns colegas nossos, estiveram também presentes ao espetáculo. Queremos destacar em particular o esplêndido sucesso da rapaziada desta Faculdade que num dia verdadeiramente feliz levaram a efeito números de real valor e de notável destaque, graças aos cenários, técnica de luz som com que pudemos contar no Teatro Municipal de São Paulo.

Os quadros que apresentamos foram de um êxito absoluto como se pode apreciar pelos aplausos da numerosa assistência.

Sem partidarismo ou regionalismo, podemos afirmar sem medo nenhum, que os acadêmicos de Medicina foram verdadeira pedra-mestra do "show".

Entretanto não poderíamos deixar de destacar a formidável acolhida que tiveram a "Traviata" "Marcha do Expedicionário" composta pelos colegas da Faculdade de Direito, além de outros números interessantes.

Verdadeiramente emocionante foi

terapico do carcinoma do colo do útero, o tratamento dos miomas e das metrorragias, a introdução da técnica operatória das fistulas urinárias, para sómente citar os principais, pois que em todos os domínios da ginecologia a sua escola era representada pela salutar e avassalante conduta conservadora, sintetizada nestas poucas tão profundas palavras: "Poupar orgam por amor á função"

E assim, quantas vidas poupadas, quantos terríveis sofrimentos evitados, quanto erro banido, quanta glória silenciosa para medicina nacional, expressa nas bênçãos de milhares milhares de mulheres curadas muitas outras milhares de criaturas poupadas aos azares de uma orientação errada, que ele reformou e impoz, corajosa valentemente, ao nosso meio.

O seu espírito abstencionista, conservador nas anexites, que lhe custou enormes dissabores, anos porfiados de lutas e de insistência, surgiu em época e em meio como o nosso em que imperava tratamento cirurgico mutilador, cuja estatística consignava, veja-se que horror, uma cifra apreciável de mortalidade e o restante de invalidez feminina para a pocreação propiciando a mulher a todos os acidentes da castração, em todas as suas nuances, dificuldades de diagnóstico terapeutica. A boa conduta hoje está firmada, o triste dilema foi destruído, brilhante humanitariamente destruído, sómente por esta estyondosa vitória está meu mestre credenciado perante Deus perante a coletividade.

A cirurgia vaginal do prolapso do útero, de vitória á vista, e cuja solução por via alta longe de beneficiar, antes agrava a cirurgia vaginal, que não tardará a ser procurada pelas infelizes erradamente operadas, é outro alto titulo de benemerência com que mestre engalanou sua Escola.

O tratamento radioterapico do carcinoma do colo do útero, em início, e que o mestre sómente não instituiu como rotina em seu serviço porque não contou com o radium, para cuja aquisição amealhou donativos proventos dos cursos de especialização das taxas dos assistentes, ao deixar cátedra, recebeu afinal dos Estados Unidos a quantidade mínima necessária ao aprovisionamento do seu serviço com esse indispensavel recurso terapêutico moderno.

O radium, todavia, como assinaei, foi comprado, a a diretriz traçada pelo meu mestre será trilhada, pois dispomos, gra-

apoteose final em homenagem ao expedicionário tombado e mholocausto à Pátria. Foi uma cena eletrizante, assistida sob o mais profundo silêncio por parte do público.

A voz grave, religiosa e lenta do locutor sob um fundo musical fúnebre, recitava palavras arrancadas do fundo do coração. Sob um imenso V jazia corpo inânime de um "pracinha", tendo nas mãos o pavilhão auri-verde.

Uma diafana cortina, no fundo do palco, vagarosamente levantada, como si fosse raia de um novo dia, descobriu as

HOMENAGEM



O colega Ten. João Angelo Abatygua, no seu "geep" em campo da Itália

ças a Deus, da potencial arma terapêutica, embora em mínima quantidade.

Nas fistulas urinárias, que envolvem as mulheres vítimas de singular infelicidade, mestre tornou-se cirurgião consumado, ensinando difundindo uma técnica e uma conduta excelente.

Possue ele uma das maiores e das mais felizes estatísticas do mundo, tendo restituído a saúde felicidade a numerosos lares, invadidos pela desgraça no momento mais sublimado da vida da mulher — O PARTO. O que isto representa, atentando-se que as vítimas são precisamente as mulheres pobres, vivendo em lugares desprovidos de recursos, e cuja ausência enche de desdita lar, é fácil aqui, latar, para mais ainda exaltar a figura do meu mestre.

As suas diretrizes serão mantidas, a sua Escola será continuada. Ele viverá sempre na minha gratidão; viverá sempre na sua escola, que é a Escola Ginecológica Paulista.

Tendo falado do meu mestre, eis que não é possível silenciar sobre três outras pessoas que decisivamente colaboraram na minha formação moral e intelectual: meus pais e minha esposa.

Infelizmente, há precisamente um mês, passei pelo rude golpe de perder meu pai, que hoje aqui estaria participando comigo das alegrias deste momento. Foi um homem digno, honrado e trabalhador, que lutando com mil dificuldades, conseguiu dar todos os filhos uma posição definida na sociedade, legando-nos um nome imaculado. Apesar de sua avançada idade, mas em plena lucidez de espírito, abraçou-me comovido no dia 19 de maio, quando conquistei, em concurso, esta cátedra. Paz á sua memória inolvidável.

Minha mãe, ausente, desta capital, participa da minha satisfação neste grande dia, e para ela volto-me com toda a afeição, reconhecimento e gratidão pelo muito que soube dar cada filho.

A' minha esposa, companheira dedicada e leal da minha vida, minha colaboradora, devo grande parcela desta minha conquista: cátedra de Clínica Ginecológica. Soube ela encarar de forma admirável o papel de esposa de médico, mas de médico de volumosa clínica fazendo carreira professoral, isto é, de médico que rouba ao aconchego do lar, ao carinho da família, as poucas horas que lhe sobram da clínica extenuante.

Quando passeio frustado, e frustado nos últimos momentos! Mas também com que resignada compreensão ela recebia de-

bandeiras das nações unidas carregadas por moças de nossa Universidade, que em seus vestidos brancos e imaculados pareciam anjos do céu, tal a graça, sensibilidade beleza que deram esse maravilhoso quadro.

A banda militar rompe então sepulcral silêncio com Canção do Expedicionário. A salva de palmas final foi ensurdecadora e traduziu sem dúvida a mais profunda gratidão do povo paulista aos seus irmãos que tão bem souberam manter si não erguer dignidade e a honra da nossa pátria.

Foi um espetáculo de rara beleza que comoveu até às lágrimas numerosa assistência.

cisão inesperada, sem qualquer recriminação, antes reconhecendo o imperativo da minha profissão. Nos últimos tempos, sobretudo, nos intermináveis serões de estudo, que se prolongavam até alta madrugada para reiniciarem antes do romper do dia, tive-a sempre ao meu lado, carinhosa solícita, estimulando-me com a sua presença envolvendo de inefável doçura enorme sacrifício que aquilo representava.

Foi a minha confessoria nas horas de adversidade, jamais permitindo que sobre mim descesse desânimo ou pairasse o ressentimento. Foi companheira eficiente, decisiva do meu triunfo.

Andou bem inspirado o eminente Diretor da Faculdade, professor Benedito Montenegro, designando para me saudar professor Aderbal Tolosa, velho amigo e colega desde os saudosos tempos do Gôniasio do Estado, quem agradeço, emocionado e comovido, as bondosas palavras com que brindou antigo companheiro de lutas.

Reconheceu em minha pessoa predicados que não possui e méritos que me falecem, esquecendo-se que grande estudante, em todos os tempos, foi precisamente ele, que sempre revelou uma inteligência fulgurante, um talento de escol, forrado de invulgar capacidade de estudo, que elevaram sempre acima dos rapazes do seu tempo, apontando-o como seguro vencedor na profissão que abraçasse.

O tempo confirmou as previsões da mocidade, pois o prof. Aderbal Tolosa é hoje um dos expoentes da neurologia em nosso meio no Brasil.

Finalmente, a Faculdade de Medicina, cujo corpo docente passo ter a subida honra de integrar, prometo envia todos os esforços para que cadeira de clínica Ginecológica não desmereça do brilho e notável eficiência que lhe imprimiu meu grande antecessor e mestre.

Recebo-a consciente dos grandes deveres para com a medicina nacional para com coletividade que ela traz para novo professor, que inicia a carreira nos dias atribulados de um mundo novo que tanto espera e tanto exige da medicina. Tenho fé que o exemplo dos meus maiores, as tradições desta casa especialmente as da cadeira de ginecologia, auxiliado decididamente dos meus assistentes dedicados colaboradores, conseguirei bem conduzir a nau através do mar grosso do futuro próximo.

Tenho dito.

“ A Casa de Oswaldo Cruz ”

Entendeu a direção de O BISTURI que este número não podia vir a público, sem que nele figurasse um voto de louvor à Diretoria Burza, que cumprindo o seu programa soube sempre corresponder à confiança dos alunos e situar o C.A.O.C. numa situação destacada na vida universitária brasileira.

Como se não bastassem o trabalho incessante, o sacrifício sobre-humano, o idealismo fecundo que contribuíram para a concretização de uma mentalidade de união e de confiança, que atualmente se desenha no cérebro dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, aquela diretoria eternizou o seu nome nos anais do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” quando lançou os fundamentos de uma edificante campanha, que resolverá um dos mais graves problemas da classe médico-estudantina — trata-se da construção da Casa de “Oswaldo Cruz”.

Seus fins amplos e elevados devem ser conhecidos de todos. Compreendendo o significado do movimento, devemos sacrificar nossos interesses pessoais, abnegar nossas tendências e com espírito de cooperação e fraternidade caminharmos sempre unidos e confiantes pela trilha do progresso, sob a luz divina da chama do ideal, até alcançar o nosso objetivo.

Tenho absoluta certeza de que triunfaremos porque o triunfo é o nosso bem e o nosso bem é o bem do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”.

Lutemos juntos pela concretização de um ideal nobre!

* *

Trabalhava-se na sede do C.A.O.C., na realização da tradicional festa — A Noite de Maio —, quando o primeiro secretário Duílio C. Farina teve a feliz inspiração de mais uma vez lançar a público a idéia já antiga da construção de uma CASA DE ESTUDANTE.

Em fevereiro de 1930 o professor dr. Ernesto de Sousa Campos, pronunciou a oração inaugural da “Semana Pró Casa do Estudante”, mostrando à sociedade paulista o alto significado da grandiosa obra. Conhecedor profundo do assunto, o ex-presidente do C.A.O.C., abordou o tema com precisão matemática, afirmando: “A Casa do Estudante não é, de fato, um aparelho destinado a semear — larga manu — benefícios pecuniários entre os estudantes menos favorecidos da

Compreendendo a significação do movimento, devemos sacrificar nossos interesses pessoais, abnegar nossas tendências e com espírito de cooperação e fraternidade, caminharmos sempre unidos e confiantes pela trilha do progresso, sob a luz divina da chama do ideal, até alcançar o nosso objetivo.

(Reportagem de L. FERRÃO)

fortuna, ainda que tal prática seja permitida em casos especiais.

Bens dessa Natureza jamais seriam admitidos pela altivez e nobreza da nossa mocidade estudiosa. Seus fins são muito mais amplos e de muito mais elevado preço. E’ seu escopo formar, pelo espírito de cooperação e de solidariedade, ambiente proveitoso e agradável para a vida extra-escolar do Aluno, criando, junto á Escola, um Centro de relativo conforto que seja, para os que vem de longe, imagem do lar distante e que por muitos anos se verão afastados. Organizando outros atrativos de ordem moral, intelectual e física, indispensáveis para o recreio do espírito, contribuirá para aprender, cada vés mais, o aluno dentro do recinto universitário, vinculando-o para sempre ao culto de sua “almamater”.

E’ um desses monumentos futuros que se cogita, neste momento de assentar as bases. Nêle serão obrigadas novas esperanças, educadas e fortificadas novas energias, santificadas muitas ambições legítimas e dignas de incentivo.

Legando tal patrimônio às gerações vindouras, faremos obra de alta previsão, pois é de estudante de hoje que surgirá a elite intelectual de amanhã destinada a dirigir os destinos da coletividade.

Cuidar de sua educação em tôdas as suas modalidades, ao mesmo tempo que de sua instrução é trabalho do mais apurado patriotismo. Orientando-se segundo as normas que regem as suas congêneres, **dos países mais adiantados do mundo, concorrerá — a agremiação paulista — para satisfazer tal objetivo.** Pelo intercâmbio de idéias — que nasce da vida em comum ou no encanto das palestras, nas horas do descanso — serão despertadas novas e mais variadas curiosidades intelectuais.

Conferências literárias, audições musicais contrastarão com exercícios físicos realizados em ginásios apropriados. Dormitórios higiênicos e adequa-

dos, refeitórios convenientes, ao alcance das bolsas mais modestas, serão vantagens de valor inestimável principalmente para os moços que residem fóra desta Capital. Bibliotecas abrangendo vários ramos, no domínio das ciências, das letras e das artes irão coroar este grande edifício, sede da vida social do estudante paulista.

E’ trabalho para muitos anos, para muitos lustres talvez, mas já realizado em muitos países e não raro em enormes proporções...

Muitos esforços foram despendidos, obstáculos vários foram ultrapassados, quando os idealizadores do movimento chegavam quasi a meta final, eis que surge o imprevisto, um motivo de ordem superior, e a Casa do Estudante que deveria ser edificada no local onde hoje se encontra o Estádio Municipal do Pacaembú, não pôde ser construída.

Hoje, após quinze anos, junto ao mesmo e sempre nobre ideal se reuniu um grupo de rapazes decididos, que trabalha incessantemente para a concretização do monumento — “A CASA DE OSWALDO CRUZ”.

Entretanto, já são mais numerosas as necessidades dos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e do seu órgão representativo. Com o decorrer dos anos, novos problemas foram aparecendo; multiplicaram-se os Departamentos e Instituições — sede se tornou pequena para receber todos aqueles que se dispunha a trabalhar para elevar o nome da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Era uma necessidade imediata a construção de uma Casa que abrigasse os que vinham de longe, do interior, buscar na Capital, instrução médica; era preciso que se criasse um ambiente amigável, acolhedor, confortável, que se assemelha o tão saudável ambiente familiar; era necessário que se lançasse uma campanha, “CAMPANHA PRO-CONSTRUÇÃO DA CASA DE OSWALDO CRUZ”, que representa uma adaptação do antigo plano às necessidades de hoje.

* * *

A campanha foi lançada. Procuramos buscar estímulo, apoio, em todos aqueles que verdadeiramente se interessam pelo destino do C.A.O.C. e na resolução dos graves problemas da classe.

Conversávamos, amistosamente com o prof. José Oria, sobre a questão, quando este nos lembrou da importância da idealização de um plano de ação mínimo que deveria ser apresentado aos professores e Assistentes da Faculdade, com a finalidade de obter apreciações, críticas, sugestões, sobre a obra a ser criada.

Foi quando procurei Duílio C. Farina e, juntos idealizámos o seguinte plano mínimo de ação:

CASA DE “OSWALDO CRUZ”

- 1) — Sede do C.A.O.C., dos seus Departamentos e de suas Instituições Científicas.
- 2) — Casa do Estudante:
 - a) — residência;
 - b) — bolsa de estudos para os necessitados;
 - c) — bureau de empregos;
 - d) — assistência:
 - 1 — médica;
 - 2 — dentária;
 - 3 — social.
- 3) — Centro Social:
 - a) — auditório;
 - b) — salão de festas;
 - c) — discoteca;
 - d) — biblioteca;
 - e) — secção cultural.
- 4) — Sede da Associação dos Ex-alunos da Faculdade.
- 5) — Caixa do Livro.
- 6) — Desenvolver o Espírito Universitário.

Naturalmente a sua topografia próxima á Faculdade, facilitará:

- a) — o aproveitamento do Estádio do C. A. O. C.
- b) — o estudo e a frequência aos cursos;

* *

Pessoalmente levamos este plano mínimo aos diversos professores e assistentes da nossa Faculdade e insistimos para que nos fosse enviadas críticas, acréscimos, sugestões novas, que poderiam dar mais força, maior amplitude á Campanha.

Hije transcrevemos as respostas dos professores Franklin A. de Moura Campos, catedrático de Fisiologia e José Oria, primeiro-assistente livre-docente da cadeira de Histologia e Embriologia.

Carta aberta ao Dr. Carlos da Silva Lacaz

Prezado dr. Lacaz,

Trajando as vestimentas de professor, após brilhantíssima defesa de tese que não há muito assistiamos, não nos sentiamos à vontade, como simples alunos, para nos dirigirmos tão ilustre pessoa.

Infelizmente, ainda em nossos dias, professor se mantém a certa distância dos alunos.

Porisso, dr. Lacaz, queremos despi-lo da toga e de bécia falar à sua pessoa como dinâmico, o didata, laboratorista incansável pertinaz. Dirigimo-nos áquela personalidade ímpar, espírito atilado, cujas influências se fazem sentir não só nos setores da medicina mas também em outros fóra dela, atalhador incansável por tudo aquilo que diz respeito à nossa Faculdade. Amigo de peito dos alunos, orientador seguro, conselheiro, defensor irredutível das

causas justas. Enfim — o Lacazinho tão estimado por todos os que o rodeiam.

O BISTURI muito deve à sua pessoa. Mui brevemente veremos instalada a nossa sede redatorial, para cuja realização muito concorreram os seus esforços. As suas preciosas colaborações, a sua orientação, a boa vontade e solicitude com que nos tem atendido, tudo isso representa para nós cooperação utilíssima.

Com este número de O BISTURI comemoramos muito festivamente uma data subremaneira sugestiva para nós — o aniversário do C.A.O.C. e aproveitamos esse momento de satisfação para retribuílmo-nos com nossos amigos e os amigos do C.A.O.C., hipotecando à sua pessoa toda a nossa estima e consideração.

PALMIRO ROCHA
D| Direção de “O Bisturi”

SERENATA EM SI BEMOL

Faz quasi um ano,
Foi em setembro passado,
Que eu fui buscar lá
E saí tosquiado.

Poeta e sonhador
Sai por esse mundo afora
Cantando na rua em que ela mora
Toda minha alma, meu amor.

Uma lua cheia passava,
No céu deestrelas cheinho
Iluminando eu e meu pinho
E a rua e mque ela morava!

Agarrei no velho violão
Violão velho de guerra,
Filho da minha terra
E entoei a canção.

Era no mês de setembro,
E ainda hoje me lembro...
Cantava uma toada
A minha bela namorada,
Que morava num sobrado.
A noite era linda, não chovia,
E eu voltei todo molhado!

MOZART WAGNER

A desmoralização da Faculdade Nacional de Medicina

A. C. de Moraes Passos

O comunicado que a Congregação da Faculdade Nacional de Medicina emitiu, que foi publicado entre nós nas edições do dia 18 de agosto p. p. dos jornais “Diário de São Paulo” “A Gazeta” “Equivalência” é completa desmoralização do ensino ministrado naquele estabelecimento, consequência da miséria material de suas instalações.

A “A Gazeta” dá um resumo do documento, que é publicado na íntegra no outro jornal citado. Ei-lo:

“RIO, 18 (Dep. Gazeta) — Os professores catedráticos da Faculdade Nacional de Medicina, reunidos em Congregação, chegaram à evidência da impossibilidade atual de ensino eficiente, visto as péssimas condições materiais daquele instituto de ensino superior.

Há uma cadeira sem instalação, ou, tras em situação verdadeiramente clamorosa. Para cumprir os mistérios triviais, são os professores forçados a custear, do seu próprio bolso, as indispensáveis despesas.

Ante essa situação grave, resolveram os catedráticos, para ressalva da sua responsabilidade na cultura nacional, protestar contra um estado de coisas que rebaixou a Faculdade Nacional de Medicina da sua hegemonia na América do Sul a um lugar secundário, ao mesmo tempo em que se compromete a formação dos futuros profissionais da medicina”

Lamentável que essa Escola, que sempre quiz ser o padrão de todo Brasil, ainda que fosse menos por merecimento do que por força de um decreto governamental, tenha recebido de sua própria Congregação um atestado desta ordem.

Soube há um tempo atrás, que a Cadeira de Anatomia, (que lá se dá em um ano), ficará reduzida às aulas teóricas, por deficiência extrema das instalações de seus laboratórios.

Não acreditei no que me informaram. Entretanto, quando a própria Congregação nos diz que há “uma cadeira sem instalações”, sou levado a identificar essa Cadeira com a de Anatomia.

Que diferença da nossa Faculdade. E, note-se que o professor de Anatomia da Faculdade Nacional é o diretor da mesma... Será que até hoje não teve S. S. força junto ao Governo, para conseguir melhorar as instalações de sua cátedra? E, neste caso, por que permaneceu como diretor da Faculdade?

Melhor atitude tiveram os outros membros da Congregação ao porem a salvo sua responsabilidade perante o Povo Brasileiro.

Mas, compete, também, ao corpo discente zelar pela conservação e melhoria de sua escola.

Não sabemos de atitudes tomadas pelos colegas cariocas. Isto, entretanto, nos vem provar que nos assiste razão quando pugnamos pelos nossos direitos; quando procuramos, (talvez nem sempre acertadamente, mas sempre sinceramente), melhorar cada vez mais o nível de ensino de nossa Faculdade.

Por isto nos batemos pela melhoria da atual situação dos alunos dentro do Hospital das Clínicas.

Por isto nos dirigimos em carta-aberta, há mais de um ano, ao sr. diretor, pedindo providências sobre o funcionamento da Cadeira de Oto-rino-laringologia. Esta Cadeira está hoje em funcionamento, mas, o sr. professor ministra um curso apenas teórico por que foi forçado dar aulas à tarde. Alega, e com razão, que o ambulatório funciona só de cêdo. Entretanto, apelamos para S. S. que aproveite os doentes que se acham internados em sua clínica e nos mostre esses doentes, mesmo que já tenham sofrido alguma intervenção que tenha alijado os dados patológicos. Teremos, assim, ao menos, uma noção do normal no vivo, e que é diferente do normal ou do patológico nas pranchas, (por bem feitas que sejam). Si o impedimento é horário do Hospital, este horário, parece-nos, tem que ser modificado em benefício dos alunos (e portanto do Povo, por que este será amanhã atendido por eles). Não se compreende como a Administração do Hospital possa criar impedimentos à ministração do ensino, quando deveria ser contrário. Si esta Cadeira tinha que ser ministrada apenas teoricamente porque não foi quando esta-

vamos na Santa Casa, no 4.º ano? Não se adiou seu ensino para 6.º ano sob alegação de que dependia de suas instalações no Hospital das Clínicas? Teoricamente, como está sendo dada, poderia ter sido dada em qualquer época em um dos anfiteatros da Faculdade, que teria a vantagem de não ter aquelas funebres janelas com os vidros todos pintados preto.

O caso da Faculdade Nacional nos sugere ainda a consideração problema dos professores de duas escolas e caso de Faculdades recém-criadas com professores nomeados por decreto.

Dizia-se, antes do concurso do prof. Medina, que S. S. afirmara alhures que si obtivesse a Cadeira em nossa Faculdade abandonaria Escola Paulista.

Os alunos das duas Escolas Médicas, (para benefício de ambas), esperam que o prof. Medina dê exemplo e deixe vaga uma das cadeiras, dando assim oportunidade a outros; estimulando o estudo; criando a emulação de escolas, fator de progresso científico; dedicando-se exclusivamente a uma Cadeira em Serviço, o que certamente será muito mais eficiente.

Que exemplo não nos daria o prof. Medina em uma época em que se vê diretor professor de uma escola superior nomeado por decreto professor de uma Faculdade recém-formada?

As nomeações para a Faculdade de Higiene, certamente não obedeceram critério mais eficiente, uma vez que impediu que os numerosos livre-docentes da Universidade pudessem concorrer com os favorecidos da sorte que tiveram por decreto seu lugar garantido na Congregação neo-formada.

Isto me faz lembrar um artigo que li há tempos, referente às indicações de novos professores para essa mesma Faculdade Nacional de Medicina, (que nos serviu de tema para estas considerações), em que o articulista dizia que de certa época para cá, no Rio, a Cadeira parece que se tornara uma herança que passava de pai para filho, ou de padrinho para afilhado. Dizia, então, que quando essa herança vinha por meio de um Concurso, era uma coisa que só honrava quem recebia; entretanto, quando tal herança vinha por intermédio de um decreto indicando felizmente para reter tal cadeira por tempo indeterminado, era uma coisa que só trazia de mérito para quem a aceitava.

Os nossos colegas cariocas não se aperceberam que aí começou a debaixe de sua Faculdade, que os maiores prejudicados eram eles mesmos.

O silêncio sobre as irregularidades da Faculdade Nacional de Medicina foi mantido até que seus Mestres, querendo salvar sua reputação declaram publicamente que as atuais circunstâncias de ensino naquela Escola “comprometem a formação dos futuros profissionais da medicina”.

Mas que fizeram mestres e alunos para evitar tal estado de cousas?

Esse será, também, atestado que um dia poderá nos ser dado pela nossa Congregação si nos mantivermos num conformismo silencioso sobre os defeitos que foram surgindo em nossa Faculdade, gloriosa por todos os títulos, impar no Brasil.

Conservemo-la onde está.

Procuremos melhorá-la mais ainda.

Saibamos guardar que recebemos dos que nos precederam para poder entregar com juro aos que nos sucederem.

São Paulo, 20 de agosto de 1945.

balhou até altas horas, dirá um, se tem exames numa Faculdade, dirá outro?!

E toda essa explicação o homem pode dar sem dizer muitas palavras. Sim, partida encaminha-se para um mau desfecho, ocorre logo a “salaria” para gozar do espetáculo final, agravando mais ainda estado de espírito da futura vítima. O homenzinho tira do bolso um comprimido de aspirina, pede um copo d’água, engole-o pronto. Agora pode perder sossegado. Como poderá jogar se a dor o aflige? Sua derrota será facilmente explicável.

O saudoso Robert Grau ao referir-se, ironicamente, à aspirina, teve a felicidade de assim se expressar: — E’ um dos mais geniais triunfos da ciência. O homem que criou aspirina merece o agradecimento e respeito de todos nós. Não tanto porque nos alivie a dor das juntas, a dor de cabeça ou a dor de ouvido, ou porque nos tenha feito apreciar as virtudes do papel celofane.

A aspirina merece o agradecimento de todos os enxadristas, porquanto nos permite demonstrar que estamos em inferioridade física sem dizer uma só palavra.

Como resulta eloquente, quando uma partida está difícil, fantasma da derrota se avizinha, dizer em voz alta: gárgon, quer fazer favor de trazer-me um pouco d’água para tomar uma aspirina?

A derrota terá mais tarde uma fácil explicação, já que não é possível jogar bem, quando se tem uma forte dor de cabeça.

O mais curioso é que oitenta por cento das aspirinas são consumidas pelos que perdem. Não se chegou a saber ainda, se perdem porque tomam aspirina, ou tomam aspirina porque perdem, porém, o que se sabe é que a vitória é melhor remédio contra todas essas enfermidades.

E isto afirma quem consumiu já toneladas de aspirinas em sua vida de enxadrista.

E as que terei que ingerir ainda...

ORFEU GILBERTO D’AGOSTINI

Extraído da secção de Xadrez do “Jornal de São Paulo”, de 12-8-45, que é redigida pelo autor.

Bandoleiros do H. C.

(o)

No princípio do ano H. C. ainda era como que um castelo feudal cercado de um fosso e cuja ponte elevadíssima só descia para quem não fosse aluno da Escola.

Em todo o caso algumas cabeças de ponte foram estabelecidas com plantão de doutorandos — auxiliares na obstetrícia com os plantões do Pronto Socorro.

No início era duro passar pelo portão... Além do cartão de identidade era preciso ser de gostoso...

A turma sacrosada custou mas entrou.

Naturalmente foram-se alargando os círculos de relações com todos aqueles que ali vivem.

Na fase romântica, que caracteriza todos os movimentos da mocidade no início, os bandoleiros se apresentaram ainda como poetas inauguraram os célebres periódicos que foram “Aviso às Navegantes” e seu congênere “A seringa”.

Os tempos mudaram.

Acabou o romantismo por escrito começou outro romantismo...

E assim os Bandoleiros mostraram-se mas suas verdadeiras vestimentas ficaram no seu Q. G. do 10.º Andar a bandeira de guerra: “O Hospital para os alunos”.

Norteados por essa idéia, esses primeiros estudantes que não duvidaram em se sujeitar a dormir em poltronas ou mesmo não descansar, que se sujeitaram às refeições do H. C. outras intempérias, foram e ainda são sem dúvida nenhuma verdadeiros apisonados pelo Hospital.

Comunicam da Secretaria Geral do Bando que na última mesa redonda realizada, ficou resolvido que ao lado de uma dedicação sem limites ao H. C. aos doentes não tolerará o Bandoleiro que se preza da sua responsabilidade científicas que não sejam justas que não venham pelos canais competentes, e nenhuma forma de traição que o atinja diretamente, ou a terceiros ou a terceiras...

CHEFIA DO BANDO



AS DERROTAS E A ASPIRINA

O homem, em escala maior ou menor, é sempre um narcisista. Não um narcisista no sentido em que o toma a psicanálise freudiana, como complemento libidinoso do egoísmo procedente do instinto de conservação, que não falta a nenhum ser vivo, mas como um narcisista devido seu inconsciente dinâmico, que cria o egocentrismo, cuja exteriorização é proibida ou limitada pela coersão do consciente. Qualquer barreira à realização de seus instintos secundários, qualquer proibição ou diminuição de seu prestígio ou poder, eis o homem preocupado com a explicação que pensa dever dar ao seu semelhante, explicação que no íntimo reconhece não satisfazê-lo, cumpre frisar, mas que deve realizar seu intento junto outras pessoas. Uma explicação para uso externo, podemos dizer.

E é principalmente no terreno dos jogos, das lutas, que o homem manifesta melhor essa sua característica.

Vencido nos chamados jogos de azar,

por exemplo, não encontra dificuldades maiores para isso dada natureza própria desses jogos.

E quando é suplantado em lutas de conhecimentos, de ciência, de inteligência enfim quando então é ferido profundamente em seu prestígio, em seu poder?

E quando é vencido numa partida de xadrez?

Aqui não há lugar para a sorte ou azar; vitória é do mais hábil, do mais experimentado e é conseguida graças ao melhor cálculo, ao melhor reflexão, ao melhor raciocínio. Não há causas externas; os fatores da derrota residem no próprio indivíduo.

Mas mesmo aqui, o homem encontra sua válvula escapatória. Alega doença, uma perturbação orgânica qualquer, um cansaço físico ou mental para explicar seu fracasso.

Como pode um homem jogar direito, se tem uma tremenda dor de cabeça, se está febril, se dormiu mal noite, se tra-

9 DE JULHO

Refletindo-se nas calmas águas do lago, acariciado pela brisa que agita as palmeiras, levanta-se para o céu o mármore dedicado ao Soldado Paulista de 1932.

No mármore belo, o nome de um bravo,

do Brasil, particularmente da classe acadêmica de São Paulo, sentimos de perto os problemas da nossa Pátria. Mas não só isso, estudamos esses problemas e temos logicamente a nossa definição, nossa tendência, nosso ideal.

tores negativos que de braços dados impedem obstinadamente o progresso do Brasil.

Em nossas iniciativas de caráter patriótico, estaremos sempre tomando parte nas lutas pela solução de problemas de

nor elevação, mas tão somente honrar a memória daqueles acadêmicos que tombaram pela sua dedicação ao Brasil, daqueles que pegaram em armas, pensando unicamente em salvar a nossa Pátria, sem mesmo ter analisado os meios que se os ofereciam para atingir tão nobre finalidade. E' combatente patriota o homenageado deste momento, é o estudante paulista amante da Liberdade, quem veneramos com o mais fundo respeito, porque ele soube morrer com a boa fé dos que possuem as nobres intenções. E' o voluntário de 32 que deixou sua escola ou o seu trabalho, e a sua própria casa, para tomar do fusil, bisonho mesmo como soldado, a quem hoje veneramos, porque indubitavelmente ele pôs seu patriotismo acima de tudo, chegando a consagrá-lo na forma sublime de um voluntariado.

Honramos, hoje, de modo todo especial, a memória de José Greff Borba, que era aluno desta Faculdade, quando morreu servindo causa constitucionalista.

Si é verdade que naquele tempo, a força esmagadora das armas adversas contrapôs-se de modo positivo e vigoroso à concretização imediata dos nobres ideais daqueles moços da nossa terra, não é fácil afirmar-se que aquelas mesmas armas não conseguiram impedir fôssem ao chão de toda Pátria brasileira as sementes germinadoras de uma árvore que hoje frutifica, simbolizadora dos mesmos ideais. Tal é uma demonstração insofismável de que aqueles que lutam ao lado da razão jamais devem temer. Mais cedo ou mais tarde a recompensa lhes surgirá, porque a lógica sequência dos fatos se dá sempre de tal modo a apontar, no momento decisivo, quem está certo e quem está errado.

Os horizontes já se aclaram em todo mundo, após período negro por que pasamos, mostrando a luz benfazeja de uma fase nova, cheia de grandes esperanças. Desse modo, si em épocas passadas, dentro deste mesmo Brasil, lançamos mãos das armas para resolver os nossos problemas, hoje não mais delas estamos precisando — e nós bem conhecemos esta verdade. E' que, as contínuas transformações sofridas no cenário internacional, para as quais Brasil também concorreu decididamente, fizeram com que todos os obstinados impecilhos erguidos contra o reestabelecimento dos princípios de Liberdade e Democracia, se desfibrassem ante realidade e razão, expostas pela força excepcional do Direito.

Estamos gradativamente reconquistando todas as nossas prerrogativas de povo realmente livre. Desse modo, não é necessário nem aconselhável precipitarmos os acontecimentos. Os que pregam por sublevação e golpe armado, devem lembrar-se de que Brasil, pela sua magnífica projeção no cenário internacional é a sexta potência do mundo, que equivale a dizer algo sobre um dever cumprir para com as demais nações aliadas — cooperar decididamente na manutenção da paz.

Não podemos de forma alguma, movi-



Flagrante apanhado por ocasião da restauração do monumento ao "Soldado Paulista de 32", vendo-se o Professor Celestino Bourroul, vice-diretor da Faculdade, dr. Goulart Faria, secretário da Escola, o professor Renato Locchi e João Belline Burza.

leijado pelo vento acalentado pelo sol da São Paulo das Bandeiras, José Greff Borba, o estudante herói, representante digno duma geração de estudantes batalhadores, se imortaliza.

Reconstruindo um monumento que mãos menos patrióticas, menos valorosas, ignobilmente tentaram destruir, os alunos da Faculdade de Medicina mostraram ao Brasil que sangue valente dos bandeirantes de Piratininga ainda circula. Mostraram ao Brasil que vivem pela liberdade que por ela saberão lutar.

Estudante de Medicina, lá no mármore frio, poeta escreveu em bronze tua profissão de fé. Traduziu teu valor e o teu patriotismo, o teu amor por um Brasil, grande como é.

Quando se sente bater
No peito heroica pancada,
Deixa-se folha dobrada
Enquanto se vai morrer!

Cheios desse santo entusiasmo, de admiração pelo soldado paulista, que deu uma constituição ao Brasil, estudantes funcionários da Faculdade de Medicina, na manhã de 9 de Julho de 1945, se reuniram frente ao monumento erguido em nosso jardim.

Presente o exmo. sr. vice-diretor da Faculdade de Medicina, prof. dr. Celestino Bourroul, exmo sr. secretário da Faculdade de Medicina, dr. Sérgio Goulart Faria, ilustres representantes do corpo docente, e doutorando João Belline Burza, valoroso presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o acadêmico Alvaro da Cunha Bastos, proferiu vibrante discurso, que transcrevemos seguir:

Sr. Vice-Diretor da Faculdade de Medicina.

Sr. Secretário e srs. Professores.
Senhoras senhores.
Colegas e amigos.

A História do Brasil é venturosamente rica de ocorrências nas quais se torna bem claro o sentimento patriótico do nosso povo, povo que não sabe estagnar-se no indiferentismo ou no conformismo sem discussão, mas vibra em todos os momentos, criticando sugerindo, para correção dos defeitos e para incremento de realizações realmente proveitosas.

A esse propósito, então, numa referência mais particularizada, ressalta fato de que sempre que opinião pública se faz sentir, ela contém, de modo invariável, um coeficiente, por vezes elevado, de idéias dos jovens, dos estudantes, desta mocidade brasileira que é cheia de vigor patriótico.

Com efeito, nós os acadêmicos de to-

Estamos porisso clara e desasombrada, mente ao lado da Liberdade, do Direito da Justiça;

estamos lutando para que a verdade sobre toda a situação brasileira, seja menos dolorosa do que hoje ela é;

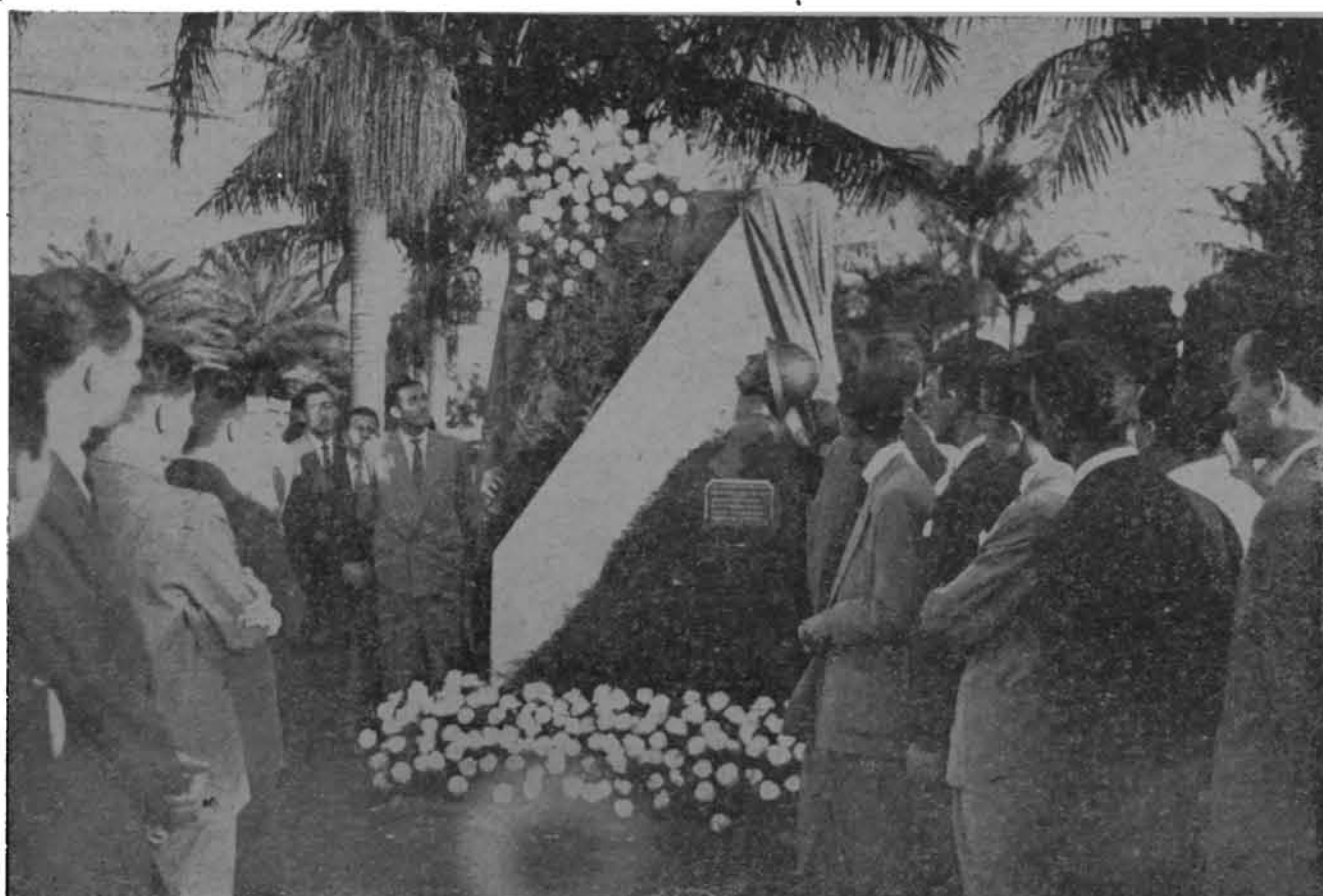
estamos lutando pelo bem estar do povo e para que a grandeza do Brasil não se traduza somente pela vastidão do seu território, ou pelo número maior ou menor de seus habitantes, mas seja explicita por uma verdadeira organização, afim de que proclamação da felicidade e satisfação do povo não continue a ser feita por um organismo de propaganda falsa que viva sufocando a opinião pública, mas sim, naturalmente, pela própria palavra desse povo que trabalha e produz, cujo característico espontâneo é o maior atestado da sua sinceridade.

Por essas razões estaremos ao lado de um governo futuro que queira fazer algo pelas classes desfavorecidas economicamente, ao lado de um governo futuro que realize em proveito de uma instrução mais eficiente, para levantamento do nível mental do nosso povo, pois, a miséria e a ignorância são os dois grandes fa-

interesse nacional, mesmo sacrificando as horas que podíamos dedicar aos trabalhos escolares, porque não nos esqueçamos, em momento algum, de que somos moços brasileiros de hoje de que nós está legado o encargo de conduzir Brasil de amanhã.

Não vacilámos ao sair ás ruas, em dias sombrios de 42, clamando guerra contra os nazi-fascistas agressores; em combater a viva voz supressão das nossas liberdades internas; em nos unir á voz do povo, pedindo exigindo a anistia, maior conquista do próprio povo na marcha de democratização, conquista de todos nós, para nós mesmos, em nome do amor que votamos á Liberdade.

Pelo fato de em nossa memória, permanecerem indefinidamente os exemplos dignificantes dos moços do passado, como alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, reconstruímos este monumento simbolizador do idealismo que orientou os paulistas na campanha revolucionária de 32. Esta nossa atitude de hoje não pretende rememorar aquele movimento revolucionário em suas causas determinantes, nem como fato político de maior ou me-



Outro flagrante do ato de Restauração do Monumento ao "Soldado Paulista de 32", quando era entoado o Hino Nacional.

des por paixões individuais caprichos desaconselháveis, dar nota triste do momento, qual seja a perturbação da ordem interna, cujas proporções seriam gravíssimas e repercussão de amplitude além fronteiras.

Não vamos assinalar uma mancha negra a cobrir em parte o glorioso desempenho de nossa gente na luta anti-fascista, representado pelo heroísmo impar dos soldados integrantes da nossa Força Expedicionária, por todos os títulos digna gloriosa.

Hoje, indubitavelmente, a guerra civil seria o retrocesso e nós precisamos é progredir; a guerra civil seria a desordem nós precisamos é nos organizar; guerra civil seria um número considerável de mortes nós precisamos é de vidas, no grande, dignificante inadiável trabalho a ser realizado, de estruturação dos vários sectores da vida nacional.

Louvor, pois, a todos os brasileiros que estão sabendo lutar pelo povo, sem abalar a paz interna.

Lembremo-nos de que temos elementos de sobra para destruir os reacionários intransigentes que se apoiam em seus prin-

cípios imutáveis, para impedir o progresso da nossa Pátria. Nós os destruiremos com as armas da verdade, num ambiente tranquilo e pacífico.

Tenhamos, pois, segurança de ação em nome do nosso ideal, serenidade de atitude em nome da razão e não duvidemos que as nossas conquistas serão fatos para que Brasil em breve, seja um exemplo para o mundo, digno do seu próprio nome, das suas tradições, dos seus filhos tombados pela Liberdade, aqui mesmo ou em terra estranha, da sua posição invejável no estabelecimento dos princípios de paz universal e dos dizeres da sua gloriosa bandeira.

Seja ORDEM alicerce da nossa força e PROGRESSO incentivo único para as nossas futuras realizações.

Cessados os aplausos, entoou-se Hino Nacional homenageando a quem morreu como morrem os heróis — o soldado Paulista.

E assim, mais uma vez, publicamente, os estudantes confessam seu amor à Liberdade, expuzeram suas almas puras cheias de fé. Fé num Brasil maior, num Brasil potente, fé num Brasil livre.

Benzimento

Já se disse que a macumba é realida, de brasileira. As classes incultas de nosso interior ela se devotam com fé e com que praticam a religião. No entanto, não são só os analfabetos que creem em suas virtudes; os semi-alfabetizados e indivíduos cultos não deixam de ter por ela francas simpatias. Não titubeiam em procurar o feitiçeiro quando os recursos científicos são insuficientes para debelar seus males físicos.

O médico é, para o homem de nosso povo, um indivíduo que frequentou escolas, onde lhe ministraram um rol de conhecimentos técnicos que lhe possibilitem realizar intervenções cirúrgicas, que tornem capaz de prescrever uma poção adequada a determinada enfermidade. Não consegue conceber o médico como um conhecedor da morfologia e fisiologia de nosso organismo como um todo, agindo sobre ele afim de reparar seus desvios morfológicos ou funcionais. Em seu pensamento simplista, limita ainda mais as possibilidades da Ciência. O feitiçeiro, no entanto, é um eleito; dotado de recursos sobrenaturais não necessita de conhecimentos técnicos, pois age sobre a matéria por intermédio do espírito, inspirado por entidade superior. De sorte que, se

Medicina falhou, nada mais há por fazer no campo material; só eleito poderá agir, no terreno espiritual. Dai a facilidade com que abandonam o clínico, em busca do feitiçeiro. Isto para os superstitiosos, semi-cultos. Para os incultos afastados dos centros urbanos, então, a procura da macumba é mais pronta inevitável.

Uma análise mais ou menos cuidadosa do ritual com que esses mistificadores agem, mostra-nos que feitiço é, em essência, uma cerimônia de carácter mágico. Ela se reveste das três modalidades de magia: imitativa, simpática, encantatória. Por um processo que se avizinha muito da magia primitiva, o feitiçeiro procura influenciar forças sobre-naturais, afim de curar as enfermidades. Usa, para isso, de uma série de processos mímicos, de plantas com virtudes místicas (arruda, alecrim, etc.); certas substâncias (sal, óleo, etc.); determinados números e orações (Credo, Ave-Maria, Padre-Nosso). As orações, aqui não possuem aspecto de piedade ou súplica, mas um conteúdo mágico. Os elementos sociais primitivos dessas cerimônias são, naturalmente, resquícios da civilização ameríndia, juntados ao contingente africano importado. No nosso Estado, as orações podem ser consideradas em grande parte como um enxerto trazido pela colônia italiana. A leva de trabalhadores peninsulares foi recrutada entre as classes menos cultas. Por outro lado veio para cá um número considerável de elementos do sul da Itália, onde se verifica, com maior facilidade, uma promiscuidade entre as práticas religiosas do catolicismo e uma espécie de panteísmo naturalista. O cabedal místico desses imigrantes veio influenciar e ser influenciado pelo nosso patrimônio de magia. Os números que fazem parte em geral são o 3 e os múltiplos de 3 (3 orações, durante 3 dias, etc.), com mais frequência, dado seu significado místico, provavelmente de origem européia (as sacerdotizas tripudiavam sobre tripode...); o 7 mentalmente relacionado com citações bíblicas. Dai a riqueza enorme do nosso feitiço. O “iniciado” não se limita à cura de enfermidades externas e passageiras, mas age também em moléstias de órgãos vitais.

Por ora, mais nos interessa o benzimento, que difere do feitiço propriamente dito, pois “iniciado” age só em casos de moléstias dotadas de menor gravidade (isto no parecer dos crédulos), que são de mais variada etiologia e recebem nomes pitorescos (máu-olhado, lombriga-assustada, sól-na-cabeça, etc.). Quem pratica essa forma de magia é o benzedor, que difere em certos pontos do feitiçeiro, sendo na maioria das vezes mulher, e se envolve como que em um manto de legalidade, ao contrário do feitiçeiro que aparenta ação ilícita. Seu poder é de tal ordem que não pode transmitir a outrem o ritual da benzedura, sob pena de perdê-lo. Essa transferência só é feita a determinadas pessoas em certos dias (Natal,

Pascoa, etc.). Em geral é senhora idosa às vezes parteira que pratica o benzimento.

Das formas de benzimento, a que mais se impõe à mentalidade dessa gente simples é que corresponde à magia imitativa. Ela se lhes apresenta como racional, líssima: cortar em pedacinhos uma linha que tem o comprimento igual à altura do paciente, colocar esses pedacinhos num copo com água e fustigá-los com arruda, afim de dominar essas “imagens” de lombrigas, por meio sobre-natural, parece-lhes a coisa mais lógica do mundo. Em toda benzedura encontramos um elemento relacionado com o paciente (no caso comprimento da linha), outro relacionado com a enfermidade (no caso os pedacinhos de linha assemelhando-se às lombrigas). Esses dois elementos são os que fornecem carácter intuitivo de sua eficiência, desde que venha acompanhado das orações, etc. Parece racional que benzedor corte um máu-olhado com uma cerimônia mágica, em que ele faça, por cima da cabeça do enfermo, movimentos de cortar com a tesoura. Parece racional que gente circunscreva área em que se alastra determinada erupção cutânea, com certa tinta certas fórmulas místicas.

Isso tudo, com essa aparência de racionalidade e religiosidade, faz com que as nossas populações do “hinterland” se mostrem refratárias às campanhas de higienização. Todo indivíduo que num movimento de idealismo, quizer trabalhar pela melhoria das condições de saúde de nosso povo, terá de enfrentar também essa barreira, alicerçada em princípios de tradição. Em tradição mística, que não atrefece com propaganda vistosa de cartazes coloridos; que não cede com campanhas barulhentas de programas radiofônicos. É preciso ser acaciano e repisar que é necessário educar as gerações que nascem, que é indispensável e urgente alfabetizar nosso povo. Só um louco pode querer começar a construir uma casa pelo teto! Só um cego não enxerga que de novo se torce galho!

ADHEMAR FIORILLO

(Dados em W. Galvão de França — Revista da F. de Filosofia — 1940 — n. 7).



TRISTEZA

Procuro a mulher que vi em sonhos,
mas não encontrei na vida.
Caminho melancólico, pensativo pela avenida;
admiro a beleza do céu;
ouço o murmúrio das folhas;
converso com a lua,
mas sinto a cada passo que avanço,
n' alma amargurada mais tristeza.
Elas passam por mim e dizem — pobre é poeta!
Já se esqueceram dos dias passados...
Então, pensava amar-te loucamente.
Mas fui traído! Não, não te amei!
Amei uma imagem,
uma mulher criada pelo meu cérebro!
Hoje, que angustia já transtornou todo meu ser,
descobri que vi em ti o que não havia!
Foste apenas uma aproximação do meu ideal.
Mas não basta!
O tirano Amor é incontentável...
eu vivo a procurar.
A mulher que vi em sonhos,
mas não encontrei na vida.



As vezes, volto cansado
e me ponho a pensar, —
na virgem de cabeleira negra,
d'olhos azuis, azues como o mar,
um rosto de mulher moça,
um corpo belo que me convida a pecar,
um abrigo onde posso descançar...
Fico alegre,
volto a procurar,
mas nada encontro.

Procurarei sempre em cada mulher a mulher amada;
avançarei melancólico, pensativo pela avenida;
admirarei a beleza do céu;
juntarei minhas lágrimas às lágrimas das estrelas;
aprenderei com a lua, uma velha amiga,
que a amargura é o móvel de toda a vida!
E na minha cruel solidão,
sempre triste,
esperarei pela Mulher Amada!

Julho de 1945.

L. FERRÃO

Nossos médicos de 1945

Uma das turmas mais brilhantes dentro das turmas saídas de nossa Faculdade acha-se hoje em preparativos para os festejos e solenidade de sua próxima formatura.

Com a despedida dos nossos colegas do 6.º ano médico, irá ressentir-se nossa escola da ausência de nomes que somente elevaram o nome dos estudantes de medicina.

Tanto do ponto de vista intelectual, como no campo do preparo médico, no setor das atividades cívicas e esportivas estudantis, como na participação pelos problemas da mocidade e na contribuição pelos problemas gerais do nosso povo e do nosso país os nossos doutorandos de 1945 deram figuras das mais dignas e expressivas. Dêles, portanto, fica-nos exemplo do seu trabalho do seu idealismo.

O BISTURI congratula-se com os colegas do 6.º ano que desejam-lhes na vida prática o mesmo sucesso que obtiveram durante sua vida acadêmica.

A fim de tratar dos assuntos referentes à formatura, foi eleita seguinte comissão: — Angelino Manziona, Antonio dos Santos Clemente Filho, Carlos Sacramento, Carmino Caricchio, Ewin Castelo, Fábio Escoré, Francisco Veloso Braga, Helio Lourenço Cagno, Hilton Neves Tavares, João Beline Burza, Liberato João Afonso Di Dio, Ofelia Munhoz, Otávio Moraes Dantas, Oscar Sette Simonsen, Paulo de Albuquerque Prado e Plínio Candido de Sousa Dias.

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA PAULISTA — RUA JANDAIA N. 50 — SÃO PAULO

O encerramento do VIII conselho nacional dos estudantes coincidiu com o regresso dos nossos bravos expedicionários ao Rio de Janeiro e fomos agradavelmente surpreendidos, particularmente nós, alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, quando apareceu em seu uniforme de campanha, nosso colega Paulo Canton, que leu em nome de todos os estudantes-expedicionários que lutaram na Itália a seguinte mensagem:

“Uma nova era está sendo iniciada na história nacional. O povo brasileiro volta as suas vistas para as melhores esperanças de democracia e progresso. Foi encerrado, com a vitória das Nações Unidas, sobre a Alemanha hitleriana, um longo e tormentoso período de incertezas e choques catastróficos que se traduziram mundialmente no maior conflito dos tem-

Mensagem lida pelo colega expedicionário Paulo Canton, no VIII Conselho Nacional dos Estudantes

“Queremos as liberdades democráticas”, proclamam os jovens expedicionários — Vigorosa declaração de principios dos estudantes que lutaram na F.E.B. e F.A.B.

mento espiritual, o fruto dos seus sacrifícios materiais, expressão de suas aspirações libertárias; do seu ódio à opressão fascista, sua arma histórica na conquista dos direitos à Democracia.

Não compreendemos FEB senão contendo implicitamente a idéia de liberdades democráticas. FEB significa liberdade de palavra, reunião, liberdade de associação, liberdade sindical, liberdade de cultura, liberdade de protestar contra a

tória, será também, doravante, a inexpugnável defesa de todas as conquistas populares do presente e do futuro. As forças mais sadias da nacionalidade, as forças democráticas e progressistas, cabe, pois, no momento atual, o dever de assegurar reforçar a sua união com o objetivo de realizar o programa de desenvolvimento pacífico de nossa pátria. Do contrário, surgirá a possibilidade de vingarem as manobras reacionárias inte-

pos. Pleiteamos um sistema amplo de educação popular com a abolição dos privilégios de fortuna. Pleiteamos ensino técnico para os mais vastos setores do povo. Queremos democratização da cultura ao lado da segurança econômica para todos os homens; mulheres do nosso país sem distinções de classe, de raça e de credo religioso.

Unidos em torno desse programa mínimo imposto pelas próprias imperiosas contingências históricas, estamos seguros de servir utilmente ao Brasil, e de merecer grave encargo que nos legaram os bravos companheiros tombados com decisão e heroísmo sobre as montanhas e as planícies do perturbado solo italiano.

VIVA A UNIÃO NACIONAL DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E PROGRESSISTAS!

QUEREMOS AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS! O PROGRESSO ECONÔMICO, A EDUCAÇÃO E A CULTURA PARA TODO O POVO BRASILEIRO!

TODO O APOIO A' PAZ, A' LIBERDADE E A FRATERNIDADE DOS POVOS!

GLORIA ETERNA AOS HEROIS BRASILEIROS QUE TOMBARAM PELA HONRA DE NOSSA PÁTRIA NA LUTA CONTRA OS AGRESSORES NAZI-FASCISTAS!

Assinam: Jacob Gorender, Rafael Brandão, J. Farias, Luiz Neves de Sena Santos, José Papa, Joaquim da Silveira, Muricy Peçanha, Altair Fraga de Campos, Daniel Alvarez Simon, Moacir Rodrigues do Carmo, Fernando D'Avila, Giovanangelo Rizzo, Wilson Pedro Speridião, Waldir Nunes Costa, Hugo Barcelos, Olímpio Fernandes, Eetiene de Rezende Loures, Edú Machado Gomes, Hildebrando Luiz Teixeira Mendes, Sebastião Fleury Amado, Evaldo Moreira Garcia Pinto, Airton de Oliveira, Edyleon Siqueira, Paulo Canton, Hydson Barbosa, Durval da Silva Ducasaux, Fabio Fonseca e Silva, Mario E. Neves, Gabriel de Melo, Geraldo Bastos, Julio José da Silva, Alberto Gomes, Eridian Novais da Silva, Fernando Vieira, Djalma Ururahy, Geraldo Assunção, Guilherme Meibem, Humberto Menezes Pinheiro, Gastão Maia Filho, Homillon Corrêa, Wilson de Moraes, Arquimedes Teles de Paiva, Emanuel Leal, Paulo Campos, Paulo Fuetz, Paulo Ferreira Junior, João Ferreira de Albuquerque, José Vergueiro, Marcigo Merzan, João Scott, Paulo Pracht, Assis Republicano, David da Rocha, Justo Souto, Ivan Rabelo de Castro, Dias Sebastião Cammarosano, Adahyr F. Reis, Samuel Lafker, Neuzo Naveiro, Adroano Petrosine, Chafic Amin, Carlos Seliar, Helio Oliva da Fonseca, Pithan e Silva, Rafael Nester, Augusto Vilas-Boas.



O colega Paulo Canton quando lia, no plenário do VIII Congresso Nacional dos Estudantes, Mensagem dos Acadêmicos - Expedicionários. Ao seu lado vê-se nosso representante a esse Congresso, Carmino Caricchio.

pos. Esse conflito, que terminou com a liquidação militar, política moral do fascismo, trouxe, em seu bojo, esplêndido alvorecer de uma nova era. O povo brasileiro tem motivo para as suas esperanças; por elas deve lutar com ardor e tenacidade. Por elas também lutaremos nós, estudantes expedicionários, que nos orgulhamos de nossa constante ligação com as massas populares e de sempre ter interpretado com fidelidade os seus justos anseios. Porque Força Expedicionária não é mais do que a melhor criação do povo brasileiro, seu desdobra-

miséria e contra toda a espécie de coerção policial. Esta significação nem os não-integralistas e reacionários embuçados terão direito de contradizer.

FEB também significa União Nacional. Recordamos e acentuamos que sem os alicerces da União interna de cada povo a correspondente união internacional de todos os povos amantes da democracia não teria sido segura e derrota do bloco fascista que se jogou na mais repugnante aventura para domínio imperialista do globo. Renovamos o nosso apelo à União, porque, tendo sido a chave da Vi-

gralistas que, inevitavelmente, lançarão o país no caos e soleira do mais negro período de obscurantismo. Por essa união sagrada — união das forças democráticas e progressistas — estamos dispostos a lutar com a mesma fidelidade com que aceitamos a luta contra o fascismo.

Aspiramos a paz e a liberdade. Trabalharemos para que o Brasil supere o secular atraso econômico e se transforme numa nação de estrutura econômica e social moderna que assegure a prosperidade e o bem-estar condigno para as massas trabalhadoras das cidades dos cam-

AOS COLEGAS!!!

Pedem-nos publicação do seguinte comunicado (sem comentários...):

“Os doutorandos de 1945 levam ao conhecimento dos estudantes da Faculdade seguinte:

considerando:

- 1) os oito anos de convívio útil e agradável com os “maiores” e “menores” desta Escola;
- 2) que seria uma injustiça não lembrar, neste “bota-fôra” os nomes daqueles que se consagraram pela capacidade e dedicação aos alunos;
- 3) que é um dever dos atuais “quasi-médicos” deixar patente às gerações futuras o valor de ilustres figuras,

resolvem:

gravar sua gratidão e sua saudade, indelavelmente no seguinte quadro de formatura:

DIRETOR: Montenegro
SUPERINTENDENTE DO H. C.: Enéas
DIRETOR DO H. C.: Godoy Moreira
SAUDADE: Hitler, Mussolini, Getúlio
ORADOR DA TURMA: Oscar H. Barlachi (o Paganini do Bom Retiro).
PARANINFOS:
Titular: Pinheiro Cintra
Reservas: Mário Egidio (Féca)
Ovidio
Cunha Mota
Soares (bedel)

HOMENAGEADOS:

Almeida Prado (historiador)
Jaime Rosenberg
Araujo (do Ovidio) (bedel)
Cantídio M. Campos
Franklin M. Campos
Calazans
Geraldo H. de Paula Sousa (da U.N.R.R.A.)
Mauro Barreto (flebotomo)

Flávio Camargo (reserva de bedel)
Luiz Wertheimer (o risadinha)
Lucas (Barbeiro)
Florianô de Almeida
Mignone
Costinha (demografia sanitária)
Albino Carramão (diretor de Esportes)
Cássio Montenegro (ex-primeiro assistente...)
Parolari (o desembaraçado)
Rubião Meira (o Cometa)
Luciano Gualberto (bom sujeito!)
Luiz do Bar (o consciencioso)
D. Clarice (a super-super) outras...
Jaboo!
Paulo Prado (ah! 666...)
A. M. Passos (o sino)
Paula Santos (xlôr...)
Monteiro (a Musa disfarçada)
D. Dagmar (Miss H. C.)
Briquet (32 A. C.; 1498, etc...)
Elevadores da Faculdade
José Maria de Freitas (o Papão)

EM TEMPO: Últimas reminiscências:

Carlos Costa
Cruz
Malacostráceo

UM ALUNO DO 6.º ANO
(Quem será!...)

NOTA DA REDAÇÃO:

Esclarecimentos ou reclamações com Catão, Michelângelo, Broto ou Plínio. Caso não sejam encontrados procurar o Gomide ou Nestlé.

COISAS DO RIO

(o)

Numa reunião íntima sobre as 7 camas do quarto (só um) discutia-se sobre “vagotonia” do nosso presidente. Ninguém duvidava disso, mas não se chegava a um macêdo quanto a sua intensidade.

Então para termo de comparação na medida, o Caricchio resolveu trazer um “kágado” para ali morar também. Os estudos tem sido demorados pois as diferenças foram ligeiras e por isso o resultado será publicado oportunamente.

* *

Um dos nossos colegas que lá estiveram no Posto 4 de Copacabana apreciava muito os banhos de mar e gostava de “solenemente” quebrar as ondas. Numa ocasião, porém segundo suas próprias afirmações, enquanto dava uma “braçada” na direção areia, o mar o carregava dez vezes mais em direção Niterói. Não precisamos relatar os acenos de braços e gritos de S. O. S. que se fizeram ouvir. O pobre rapaz foi salvo, pálido e sem fala.

Não vamos dar o nome dele para não deixá-lo sem jeito. Sómente as iniciais... João Belline Burza.

*

Logo após o término dos exaustivos trabalhos do VIII Congresso Nacional dos Estudantes, dupla de mendigos-progressistas — Burza, Caricchio resolveu passar na Ilha de Paqueta. Após exames minuciosos da “praia dos amores”, da “chácara” onde Tyrone e Anabella veranearam e do belo recanto da “Moreninha”, os dois turistas deram “suspiros” bem profundos. O Caricchio advinhando pensamento do colega presidente e compreendendo o seu “olhar”, não pôde deixar de meditar em voz alta e saiu-se com esta:

— “Olha cá, Burza. A viagem para Rio fez-me perder a noiva, mas me fez achar um lugar para a “lua de mel”.

* * *

Esta entretanto não foi a única do sr. C. C. pois antes mesmo de chegar a Cidade-Maravilhosa deu seguinte “fôra”: O nosso grande amigo ao se preparar para dormir depara com 2 embrulhos na cama muito bem embrulhadinhos. Indivíduo muito sério, chama imediatamente “car-man” diz: “O sr. quer ter bondade de levar estes 2 embrulhos que esqueceram aqui e entregar ao seu legítimo dono?”

— Qual seu moço! Isto é o travesseiro e o cobertor que está embrulhado e para o sr. dormir neles...

Não é preciso dizer que sr. Caricchio deixou de dormir até chegar ao Rio dada vaia que levou dos colegas.

A mais digna de nota, entretanto foi a do nosso orador, Branco que a viva força teimou com o “chauffeur” que queria ir de automovel ao Pão de Açúcar. Si não fosse Laertes e Danilo ele acabava se grudando com o motorista que achou que aquilo era um desafio. A muito custo tudo voltou a calma e fizemos ver ao Carlos que ao Pão de Açúcar se vai de bondinho especial apontamos lá pro céu mostrando-lhe tal.

O nosso mignon Danilo sentando-se to do grantino no refeitório do Hotel pega no menu e com ares de grande maiorial faz questão de pedir um “consomé” enquanto a turma meio desconfiado pediu canja.

Fazendo alarde de seu magnifico e apurado gosto culinário foi tecendo mil elogios ao seu prato e a turma já se havia arrependido de não ter acompanhado.

Nisto chega garçon e o Danilo se vi ra e diz: “Não! O sr. está enganado, não foi chá que eu pedi não... ora essa!”

O Fang ameaçou pegar no lapis e foi logo dizendo: “Esta vai para “BISTURI”.

Após insistentes particulares pedidos prometeu-lhes não publicar que aliás foi cumprido.

Escreveu: Kar-Kar outros.

Carlos da Silva Lacaz

Lacaz aprendeu nos bancos acadêmicos, antes de mais nada, o que deve um professor fazer para se tornar inesquecível. Como poucos pode logo perceber o que deve o aluno futuro médico saber. Como ninguém conseguiu alcançar logo a necessidade não de ensinar o “tudo”, mas sim a de tornar sólido o conhecimento do “essencial”. Moço em espírito e corpo é maior amigo de todos nós. E’ o rapaz sempre feliz que vai vencendo brilhantemente em todas as atividades que inicia. E’ professor inteligente que sabe sempre elevar o conceito do corpo docente de nossa Faculdade.

Lacaz não é, em classe, como mestre, um “rei”, por ter “um olho”, numa terra de “cegos”. Não é dono de espírito preocupado em mostrar “saber”. E’ dono de uma consciência absoluta daquilo de que necessitamos como alunos agora médicos amanhã. Ele sabe muito bem separar tudo quanto deve aluno aprender com auxílio do professor, daquilo que deve aluno aos poucos conhecer, com esforço próprio, para uma cultura médica geral necessárias sempre.

Mais uma vez Lacaz alcançou pleno sucesso no Concurso para a Docência Livre da Cadeira de Microbiologia e Imunologia, de nossa Faculdade. O “BISTURI” presta hoje, a este grande mestre, uma homenagem, vestida de simplicidade, como Lacaz gosta mesmo. Acompanha esta simplicidade a sinceridade dos votos que fazemos para que Lacaz seja sempre bastante feliz. Para que Lacaz possa sempre conseguir vencer em todas as suas iniciativas. Este é grande prêmio, que ele, como ninguém, merece.

*

Carlos da Silva Lacaz é natural de Guaratinguetá, onde fez os Cursos Primário e Secundário. Fez Curso Médico de 1934 a 1940, tendo sempre se revelado como o melhor aluno da turma, conseguindo diplomar-se em 1.º lugar, entre os alunos de sua turma. Durante sua vida acadêmica foi interno do Hospital Militar da Força Policial do Estado de São Paulo, onde sempre recebeu referências elogiosas dos chefes de serviço daquela corporação militar. Foi ainda nesta corporação professor de Microbiologia do Curso de Enfermeiros do Serviço de Saúde.

De maneira brilhante exerceu de 1937 a 1940 o cargo de monitor de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Em 1938, 1939, 1940 conquistou o prêmio Paulo Montenegro, conferido pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz ao aluno que obtivesse mais alta média nas diferentes séries do curso médico; exerceu respectivamente os cargos de secretário, secretário geral e presidente do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Como presidente do Departamento Científico foi organizador e diretor do 1.º Congresso dos Estudantes de Medicina de São Paulo, conclave que marcou época que mais uma vez deixava bem evidente a grande capacidade de realização deste grande mestre. Deve-se também Lacaz uma orientação nova dada à Revista de Medicina, que passou a ser publicada com bastante carinho, mensalmente, durante os anos de 1938, 1939, 1940, quando ocupou os cargos de redator, redator-chefe e diretor da mesma revista.

De 1937 a 1940 foi professor de História Natural e Química dos alunos do Curso Noturno mantido pela Cruz Azul de São Paulo, para os alunos que se preparavam para o exame vestibular à Escola de Oficiais da Força Policial de nosso Estado. Participou em 1938 da caravana de estudantes paulistas que foi ao Rio de

Janeiro para o 1.º Congresso Americano da Liga de Combate ao Cancer, inaugurada em 1939, anexa ao Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Em 1940 Carlos da Silva Lacaz obteve o prêmio Fundação Rockefeller, oferecido pela Faculdade ao aluno que conseguisse média mais alta nas cadeiras do curso básico ou fundamental, prêmio que consta de diploma e uma medalha de ouro. Inda no mesmo ano, em colaboração com Paulo Giovanni Bressan, conquistou o prêmio Alves Lima, conferido pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz ao melhor trabalho sobre Moléstias Tropicais In-



CARLOS DA SILVA LACAZ

fectuosas. Lacaz e Bressan discorreram sobre — Contribuição para estudo da moléstia de Nicholas Favre em suas diferentes modalidades clínicas. Neste mesmo ano recebeu o prêmio Sociedade Medicina Legal Criminologia de São Paulo, por ter obtido as melhores notas na Cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Enquanto estudante frequentou assiduamente oito cursos patrocinados pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz por intermédio de seu Departamento Científico.

Foi convidado após a formatura para exercer o cargo de 2.º assistente substituto da cadeira de Microbiologia e Imunologia de nossa Faculdade, em 1941, maio. Ficou ocupando este cargo até janeiro de 1943, quando foi efetivado. Em primeiro de março de 1943 passou a exercer cargo de 1.º assistente substituto. Sua indicação para assistente efetivo da mesma cadeira se realizou por merecimento. Neste mesmo ano, por indicação do professor Benedito Montenegro, exerceu brilhantemente o cargo de professor de Microbiologia da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Desde 1936 Lacaz tem publicado sozinho ou em colaboração diversos trabalhos sobre Microbiologia, Imunologia e Micrologia. Junto aos “Fundos Universitários de Pesquisas” Lacaz tem realizado interessantes trabalhos: em colaboração com o Dr. Aderbal Cardoso Cunha já descreveu um trabalho sobre Rh na população paulista. No hospital das Clínicas, em colaboração com Dr. Oswaldo Melone, está organizando um corpo de doares Rh negativos, para os casos de transfusões sanguíneas repetidas e transfusões em mulheres grávidas com história obstétrica de fetos com eritroblastose. Foi Lacaz autor de inúmeras conferências e comunicações em todas elas sempre soube algo de novo para os que o ouviam.

O “BISTURI”, prestando esta homenagem singela a este moço inteligente e entusiasmado envia felicitações pelo novo concurso vencido, colocando, com muita justiça, Carlos da Silva Lacaz como Livre Docente da Cadeira de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Lá vai paulada...

Numa discussão entre alunos da Faculdade alunas da E.E. sobre “instrução”, uma moça argumentou assim: — “Nós iremos aprender instrumentar antes de quando entrarmos em ação, num caso real, já estaremos aptas para isso. Os alunos da Faculdade aprendem ins-

trumentar durante a intervenção, o que às vezes atrapalha a cirurgia...”

Ela tem toda razão. Agradecemos a crítica damos palavra a quem de direito de responsabilidade...

KAR-KAR

OS NOSSOS CRITICOS

Muito se tem dito e escrito sobre a crítica. Muitos criticam por profissão, outros por serem honestos, outros por não terem que fazer, outros por despeito e outros por serem desonestos.

Poucos sabem que crítica significa construção. Significa mostrar o erro para saná-lo, significa elogiar o bom. O crítico honesto mostra o erro para indicar o caminho certo.

Mas “meter o pé” é fácil. Criticar sem análise, por má fé, é próprio dos desonestos. E é assim que se explicam as críticas feitas por baixo do pano, insolentes, dirigidas ao “BISTURI”.

Este jornal não é perfeito, está cheio de lacunas. Mas se esforça sempre para melhorar. E nisto contamos com os colegas. As imperfeições nos devem ser mostradas honestamente. Assim colaboração conosco. Procederão como colegas.

Mas o que se tem dado é de se lastimar. Indivíduos que nunca cederam uma colaboração qualquer, que nunca sujaram as mãos numa tipografia, que não sabem que é uma revisão, que apenas “têm trabalho de ler” o “BISTURI” pronto, atacam-nos abjetamente. E esse ataque pelas costas, destrutivo, chamam de crítica.

O “BISTURI”, pelos Estatutos, está aberto a quem quiser trabalhar. Recebemos todos. Porque essa atitude hostil covarde? Tragam a nós as reclamações, mostrem-nos honestamente os erros ajudem-nos a solucioná-los.

O “BISTURI” é dos alunos da Faculdade de Medicina. feito para eles, deve ter colaboração de todos eles.

Apelo aos colegas

Pede-se aos colegas da Faculdade colaboração no sentido de renovar e aumentar os meios de distração dos doentes que vão à Sala de Recreio do Hospital das Clínicas, por meio de doações de revistas, livros de leitura leve principalmente mesmo jogos diversos. Qualquer dessas doações poderá ser entregue a uma das alunas da Escola de Enfermagem ou no C. A. “Oswaldo Cruz” ao Dúlio Farina ou ao Iraja ou ao Caricchio, e anônimamente muito gratos ficarão os enfermos do H. C.

CONSELHEIRA!

Oh! Conselheira...
Quão alegre tornastes com tua ida, a primeira caravana do SHOW MEDICINA.

Si todas as nossas colegas, tivessem uma parcela, por minima que fosse, de tua jovialidade e do teu grande espírito acadêmico, esta Faculdade seria um paraíso na terra, embora tivéssemos que aturar tantos professores, alguns bem “amargurados”...

Fostes com tua presença, como que um grande catalizador de todos os corações dos componentes da turma que visitou as cidades de Catanduva e Rio Preto, nos sentimos orgulhosos de termos podido contar entre nós, de um elemento componente do “oculto” D. F.

Verdade é que eras a representante direta desse departamento, porém tenho a impressão, que entre as outras colegas, que temos nos bancos escolares, ainda não penetrou e nem de leve se enraizou o que vinha á sr Espírito Universitário

Palavras de agradecimento pela tua presença nessa excursão, não as há que traduzam o quanto nos sensibilizou esse teu ato.

Espírito alegre, procurando sempre a melhor solução para todos os problemas que surgissem, por pequenos que fossem, fostes uma verdadeira “mão na roda”, a direção dessa caravana.

Jovial, trazendo sempre um sorriso nos lábios, sem favor algum, fostes figura impar, durante todo transcurso do passeio.

Estão de parabéns o D. F. D. S. e principalmente C. A. O. C. de contar com u’a moça, dotada desse teu gênio, sempre pronta á trabalhar ou auxiliar em tudo que te fosse possível, e as vezes fazendo até quase o impossível, para que tudo corresse bem.

DRINA! Embora, não traduzindo nem a minima parte do quanto te devemos, aqui fica em nome de todos o nosso MUITO OBRIGADO!

Prefixo..

Grandioso «Show» Medicina realizado em Catanduva e Rio Preto sob os auspícios do Departamento Social do C. A. O. C.

Atendendo ao gentil convite do presidente do D. S. do CAOC, para acompanhar o "Show Medicina" em sua excursão pelo hinterland paulista, transmitimos aqui nossas impressões.

Como todos sabem, essa arrojada iniciativa de um grupo entusiasta e abnegado de rapazes moças, que constitui

O que foi o "Show"; sua acolhida no interior do Estado; impressões do enviado especial do "O Bisturi"

baforada de fumo, ecoou por toda a estação, a música da banda que nos foi esperar ao som dos foguetes da clássica marchinha, cada um pegou sua mala

Na sexta-feira, véspera do espetáculo fomos todos incorporados ao Grande Hotel das Termas de Ibirá, onde passamos agradáveis momentos, sendo o "Show" da noite dedicada nossa embaixada. A Santa Casa local não foi esquecida. Realizamos também um magnífico programa de auditório, na Rádio Difusora de Catanduva, cujo microfone foi-nos gentilmente cedido.

Nesta risonha cidade tivemos o eusejo de conhecer os componentes da Orquestra Típica de Buenos Aires, chefiada por D. Danilo Vargas, que dedicou-nos o espetáculo, que levou efeito no auditório do Cine-Teatro de Catanduva. Tornaram-se nossos ótimos amigos e prometeram-nos visitar honrar-nos com um espetáculo aqui em São Paulo.

Devemos ainda assinalar a gentileza da família Pacheco Monteiro que por intermédio de seu filho nosso colega convidou-nos para um "cock-tail" em sua residência onde ficamos verdadeiramente cativados com sua hospitalidade. Foram momentos de indivisível prazer que ali passamos, mas infelizmente truncados devido compromissos de última hora.

Pela maneira fidalga com que nos tratou e pela hora que nos concedeu ficamos gratos e reconhecidos a família Pacheco Monteiro.

O espetáculo foi levado a efeito, no sábado dia 30, no Cine-Teatro República, gentilmente cedido por seu proprietário, diante da obra filantrópica em vista.

Grças ao excelente programa elaborado e ao desempenho individual dos artistas, o sucesso foi pleno, sendo a Rapsodia Hungara e o número das King-Sisters vivamente bisados. A assistência não pou-pou aplausos durante todo transcorrer do "Show", incentivando assim nossa "troupe".

O sucesso desse espetáculo deve-se porém aos auxílios e estímulos de toda ordem, que recebemos por parte do povo, comércio local em particular dos estudantes. Queremos deixar aqui patente aos nossos mais sinceros agradecimentos as seguintes pessoas: ao sr. Prefeito Municipal de Catanduva, dr. Silvio Salles

que nos concedeu todas as facilidades inclusive verba especial, condução, transportes e a construção da ribalta do teatro.

Ao sr. Januario Pelegrino, empresário do Cine-Teatro República que nos cedeu gratuitamente o seu teatro.

A Rádio Difusora de Catanduva na pessoa dos srs. Fuad e Emilio Cassis pela eficiente propaganda realizada pelo microfone que nos cedeu.

Ao "Jornal de Catanduva" "Folha do Povo" e "A Cidade", pela maneira lhana cavalheiresca com que se prontificaram nos auxiliar.

Ao prof. Barreto do Colégio Estadual, ao Tennis Clube e ao amigo Paulo Lerner. Ao Centro Estudantino Rui Barbosa

GIFA nas figuras dos seus presidentes. Carlos Eduardo Rudge Renato Bugelli, pelos incontáveis auxílios gentilezas, tornando-se assim credores da mais alta distinção dos alunos da Faculdade, que é flâmula desta escola.

Devemos destacar deste elogio coletivo um agradecimento mais sincero mais profundo as moças de Catanduva. A simplicidade, graça natural inteligência pronta que as caracteriza, deixaram-nos cativados; são elas responsáveis, por nos terem criado um ambiente de tal modo suave, que mal sentimos o correr dos dias.

Lá deixamos muitas lembranças saudáveis e muitos colegas não quiseram voltar, haja visto o Plínio. Contrairmos assim com mocidade de Catanduva uma dívida de gratidão que pagaremos seja com palavras, seja com fatos na ocasião em que se nos oferecer a oportunidade.

Terminando o espetáculo as 24 horas, partimos após árduo rápido trabalho de empacotamento despacho, rumo cidade de S. José do Rio Preto. Viagem curta pareceu-nos demorada pois estava-mos verdadeiramente estafados mas mesmo assim não faltou alegria.

Na estação fomos recebidos pelos srs. dr. Mário Valladão Furquim, prefeito municipal, Leonardo Gomes, redator da "A Notícia" pelo colega Beolchi.

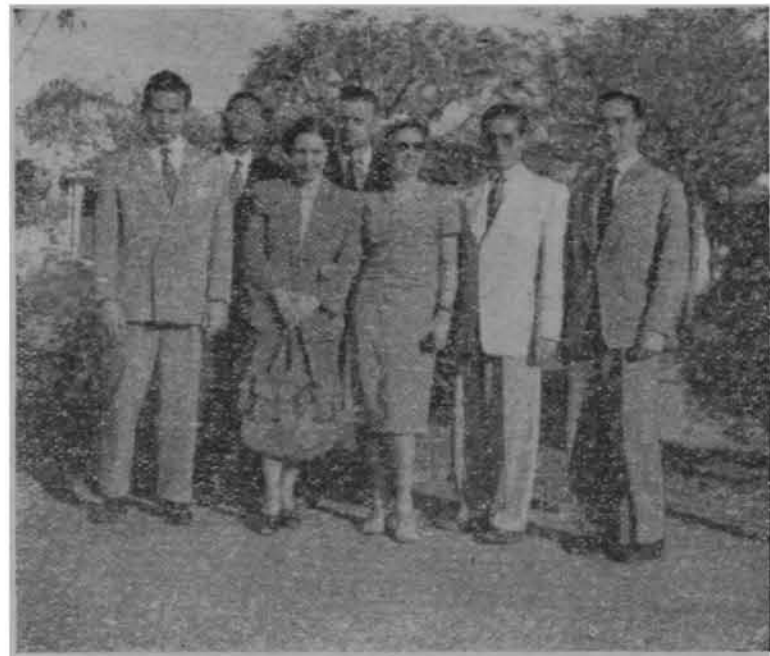
Em seguida fomos encaminhados para o Hotel São Paulo e Camarero com exclusão das moças que foram hospedadas particularmente, em casa das famílias mais representativas de Rio Preto.

Nessa cidade, nosso programa consistiu de visitas de cordialidade e agradecimento, ao sr. Prefeito Municipal "Folha de Rio Preto" e a "A Notícia".

Na S. A. Rádio Rio Preto, PRB-8 realizamos também um magnífico programa de Estudos, ocupando microfone pelo espaço de 1/2 hora.

No Automovel Clube local foi realizado um baile em nossa homenagem, que prolongou-se até a 1 hora da manhã.

O espetáculo foi levado a efeito no dia 2 de julho, no Cine-Teatro Rio Preto, que achava parcialmente repleto. Foi entregue nessa ocasião uma flâmula, singular gratidão dos alunos da escola á figura modesta, cavalheiresca e generosa do nosso grande amigo e colega dr. Mário



Visita de cordialidade à D. Lelia V. Furquim, DD, Presidente da L. B. A. exma. esposa do sr. Prefeito

D. S. da nossa escola, teve por finalidade, angariar fundos para os Dep. de Beneficência do CAOC e esse desideratum foi em parte conseguido, graças ao esforço dessa magnífica pleiade de jovens, que compunham a caravana e que sacrificaram suas férias e sua prática médico-hospitalar em benefício de tão nobre cruzada.

Sim, sacrificaram-se esses sacrifícios não foram poucos, porque esta caravana não foi como parece, uma viagem de turismo e distrações como as muitas que saíram desta escola.

Nessa caravana, cada um contribuiu com o máximo de seu esforço, na consecução do objetivo comum, levantando transportando cenários, carregando instalando rádio e técnica do som, passando roupas, compondo fantasias, vendendo e angariando ingressos e donativos, despachando e carregando cenários, trabalhando dentro e fóra do palco, enaltecendo nome do CAOC. Isto tudo quando realizado por profissionais do teatro constitui por si só, uma grande obra; quem dirá então, quando levado a efeito por amadores neofitos de nossa Faculdade.

Só quem, como nós, foi levado apenas para espiar, sabe qual foi o esforço, a boa vontade e abnegação das moças e rapazes em busca de seu objetivo; quantos obstáculos, má vontade impecilhos de última hora foram contornados para efetivação do "Show Medicina".

A camaradagem, alegria e espírito de humor reinante durante a viagem, foi algo de surpreendente maravilhoso, fazendo-nos crer no ressurgimento do espírito universitário de há muito desaparecido.

O "Show Medicina", partiu dessa capital na manhã do dia 25 de junho, chefiado pelo presidente do D. S., colega Aurélio Falcon constituído do todo por 38 elementos.

Manhã chuvosa, tipicamente bandeirante não impediu que o presidente do nosso Centro João Belline Burza, comparecesse pessoalmente á estação, para desejar ao "show" um feliz e amplo sucesso, maior do que alcançado nos 3 espetáculos realizados aqui nesta capital.

Sob os últimos acordos de um Pic-Pic em grande estilo, partiu trem, deixando o velho Burza lá na gare, balançando-nos braço enterrado na sua capa chapéu.

Após 12 horas de viagem, chegamos. Sempre alegres á cidade-sorriso de Catanduva.

A recepção que lá recebemos, foi inesperada, espontânea e por isso mesmo bastante agradável e significativa.

Quando locomotiva soltou sua última

dirigiu-se para as escadarias da E.F.A. onde reunidos ouvimos carinhosas palavras de saudação.

Falou em 1.º lugar prof. Raimundo Rodrigues Martim em nome da associação dos ex-alunos do Colégio do Estado e depois dr. Antonio Mastrocolla, advogado

gato e diretor da "Folha do Povo" de Catanduva, que enalteceu os objetivos da caravana de braços abertos, recebeu em nome do povo, os estudantes de medicina de São Paulo.

Agradeceu em rápidas singelas palavras ao nosso colega Aurelio Falcon.

Em Catanduva ficamos alojados no Hotel dos Viajantes, Hotel Acacio Hotel Coimbra as moças acompanhadas pelas sras. Jandira Vampré Colina Portella, no Lider Hotel.

Aos jornais locais, rádio-emissora ao sr. Prefeito Municipal foram feitas visitas de cordialidade, onde fomos ali magnificamente recebidos.

O Tennis Clube, ofereceu-nos então uma estupenda inolvidável festa, da qual levaremos imorredoura lembrança, festa esta, onde imperou sadia e jovial alegria entre estudantes locais de nossa Faculdade, culminando num improvisado desfile de canções entre ambas as partes.

A festa cujo termino estava marcada para as 24 horas, prolongou-se até as 2 horas da madrugada.

O dr. A. Mastrocolla pedindo a palavra disse-nos que como advogado obedecia as leis, mas quando se tratava de co-ração hospitalidade ele passava por cima de todas as leis, para que aquela manifestação de jovialidade exuberancia de alegria se prolongasse pois ninguém podia impedir tamanha confraternização.

Suas palavras foram delirantemente aplaudidas mestre Caricchio, puxou quadrilha que foi dançada por toda multidão. O Carlos Sacramento, cognominado "mestre do piano", pela PRB.8 executou músicas para dança nossa escola de samba, também fez-se ouvir, para ser grandemente aplaudidas.



A turma do "Show" no palco de Catanduva

Visita ao Prefeito de Catanduva

Dr. Silvio Salles



O Prof. Alipio na Guerra

Seu trabalho naquele setor é dos que merece os melhores aplausos pela maneira criteriosa, inteligente, honesta e patriótica por que orienta o serviço, impondo à nossa equipe uma situação de equilíbrio com os demais elementos do Hospital formando um conjunto coeso, eficiente e devotado inteiramente à nobilitante missão que lhe está afeta.

(Palavras do Exmo. Sr. General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB).

O Professor Alipio Corrêa Neto, que na nossa Escola é Catedrático da Primeira Clínica Cirúrgica, foi nos campos de luta da Europa o mais legítimo exemplo de dedicação à disciplina e ao trato dos feridos. Cirurgião de alto mérito soube elevar a Medicina Brasileira ao mais alto nível, recebendo por parte dos seus superiores as mais honrosas referências, como atestam os extratos da sua folha de guerra que passamos a relatar:

A 20 de agosto, partiu do Rio de Janeiro em avião transporte norte-americano, chegando a Natal às 22 horas. A 21 partiu de Natal, chegando a Accra no dia 22 com escala em Ascencion. A 24, partiu de Accra com destino a Napoles, chegando a destino em 28 do mesmo mês, com escalas em Robert Field, Dakar, Atar, Tindouf, Marrakech, Casablanca, Tunis. A 30, partiu de Napoles com destino a Cecina (S. Luco), em caminhão chegando a 31 do mesmo mês, apresentando-se ao 38th Evac. Hosp., sendo designado para Serviço Cirúrgico da Seção de Hospitalização Brasileira, anexa ao mesmo, e sendo incorporado ao V Exército Norte-Americano, sob o Comando Geral do Exmo. Sr. Ten. General Mark Clark.

A 11 de setembro, foi designado para Junta Militar de Saúde do Primeiro Escalão da FEB, em substituição ao Ten. Cel. Marques Torres. A 15, deslocou-se com o 38th. Evac. Hosp., em comboio



Prof. Alipio Corrêa Neto

com destino à cidade de Pisa, onde chegou no mesmo dia, acampando ao Norte da referida cidade prosseguindo nas suas funções no dia imediato.

Em outubro continuou nas funções de Cirurgião-Chefe de uma das equipes da S. H. B. anexa ao 38th. Evac. Hosp.

A 9 de novembro, por ocasião da inundação que invadiu o 38th. Evac. Hosp., em dois do mesmo mês, na cidade de Pisa, sr. Major Ernestino Gomes de Oliveira, Chefe do Primeiro G. S. B., em Bol. Interno n. 35 de 9/11/44, assim se expressou:

"É como exemplo digno de ser seguido por todos os que se sacrificam pela causa da liberdade o serviço do Brasil, tenho muita satisfação em elogiar e louvar, nominalmente Major Alipio Corrêa Neto, colega distinto e de competente, de fina educação e extrema dedicação ao trabalho, completamente adaptado à vida militar, torna-se merecedor incondicional de nosso elogio e louvor não só pelo auxílio prestado durante a catástrofe como também pela eficiência demonstrada pela reorganização e funcionamento de sua equipe apenas uma hora depois do abandono do 38th. Evac. Hosp."

A 12, deslocou-se com a S. H. B. para a região de Pistoia, sendo designado para servir no 16th. Evac. Hosp. A 23 por ordem do sr. Cel. Chefe do S. S. da FEB foi designado para 32nd. Field Hospital, assim se expressando o Chefe do Primeiro G. S. B. em Bol. Int. n. 41 de 23/11/44:

"Lamentando o afastamento temporário do Major Alipio Corrêa Neto, agradeço e louvo-o nominalmente pelos excelentes serviços técnicos profissionais,



O prof. Alipio ao lado de um colega americano

lealdade militar, competência e zelo demonstrados no serviço".

A 27, o sr. Cmt. do 38th. Evac. Hosp. Cel. G. T. Wood Jr. assim se expressou sobre este oficial:

"Realizou excelente trabalho, manifestou dedicado interesse no bem-estar dos pacientes, cooperou com os membros desta unidade no mais alto grau demonstrando mais elevado padrão de disciplina militar. Lamento que tenha sofrido incômodos perda dos seus haveres por causa da recente inundação".

A 29, salientando os bons serviços, na fase que precedeu chegada do 2.º Escalão da FEB dos que auxiliaram Major-Chefe do 1.º G. S. B., Dr. Ernestino Gomes de Oliveira, foi elogiado nos seguintes termos conforme fez público Bol. Int. n. 44, de 29/11/44:

"Distinto completo oficial, de reconhecida competência profissional e dedicação ao serviço, é com prazer que eu o louvo, nominalmente, pelo elevado grau de compreensão dos seus deveres militares profissionais e pela excelente cooperação emprestada às atividades técnicas deste grupo".

O Bol. da D. I. E. n. 90 de 25/11/44, transcreve o ofício n. 15 do corrente do Cel. Médico G. T. Wood Junior do 38th. Evac. Hospital que assim se expressou sobre este oficial:

"Desenvolveu excelente trabalho, revelou sempre um profundo interesse no tratamento dos pacientes, cooperou no mais

elevado grau com os elementos desta unidade, demonstrando invariavelmente o mais alto padrão de disciplina militar. E' com pesar que recorro às atribuições e às perdas materiais que lhes foram impostas pela recente inundação".

A 1 de dezembro em Bol. Int. n. 96 da D. I. E. foi substituído na Junta Militar de Saúde da FEB pelo Major-Médico Ernani Faria Alves.

A 26/2/45 foi elogiado pelo sr. Cel. Médico Dr. Emanuel Marques Porto, Chefe do S. S. da FEB:

"Major Alipio Corrêa Neto — Cirurgião da mais alta classe, o Major Alipio Corrêa Neto vem prestando ao S. S. da FEB inestimáveis serviços, desde 31 de agosto de 1944, quando foi incluído na Seção Brasileira de Hospitalização do 38th. Evacuation Hospital, com missão de chefia uma das suas equipes cirúrgicas e, sucessivamente, em idêntica função no 16th. Evacuation Hospital. Designado a 23 de novembro do mesmo ano para chefia da Seção de Hospitalização anexa do 32nd. Field Hospital, onde também chefia uma das equipes cirúrgicas brasileiras, o Major Alipio Corrêa Neto com-

pletando o encadernamento lógico de serviços técnicos que não são mais do que a reafirmação do alto crédito que firmou no Brasil na prática diuturna da especialidade que nobilita no exercício efetivo da cátedra nos mais adiantados centros médicos do país. Suas invulgares virtudes profissionais são agora acrescidas de excepcionais qualidades de chefe-militar, reveladas na direção de hospitalização que esta chefia em boa hora lhe confiou em que sua multiforme capacidade técnico-profissional se desdobra tão superiormente. Louvo-o. Agradeço-lhe".

A 23/5/45 em consequência do Of. n. 179, de 20/5/45 o Sr. Cel. Chefe do S. S. da FEB foi excluído do estado efetivo da Unidade por ter de se recolher ao Dep. Pessoal da FEB afim de seguir para Brasil.

Neste mesmo dia ao seu excluído desta Seção, Major-Médico Dr. Ari Duarte Nunes, Chefe da S. H. B. assim se expressou:

"Chefe da equipe durante muito tempo, chefio: S. H. B. anexa ao 32nd. Field Hospital, profissional de capacidade técnica reconhecida, emérito cirurgião, facilmente se impôs e conquistou lugar de destaque entre os profissionais médicos americanos, enaltecendo elevando assim a medicina brasileira, numerosas vidas de brasileiros foram salvas pela sua habilidade de técnico nesta S. H. B. chefio com brilhantismo competência um grupo de equipes. Leal, dedicado, culto, de atitudes francas definidas, cativou sempre consideração e estima dos seus chefes subordinados. Com perfeita compre-



O General Mark Clark, comandante do V Exército, ao qual pertencia F.E.B.

ensão dos seus deveres trabalhou intensamente, operando horas fio, procurando sempre orientar seus auxiliares de grupos de equipes com boa vontade, técnica medelar, dedicação ao serviço. Louvo-o pelas qualidades acima, agradecendo os relevantes serviços prestados não só S. H. B. como ao Brasil com o mais escrupuloso ato de justiça é que faço as referências acima bem merecedoras reconhecidas por todos que tiveram ensejo de conviver com tão distinto oficial".

C. C. C. — L. F.

“HIPOCRATES ME ENGANOU”

História em 6 quadinhos

(Por ASSUMPÇÃO)



— Vou entrar bem depressa para que o pessoal do bond veja que eu sou da velha Faculdade...



— Eu vou ser cientista, nasci mesmo para a medicina, quero mostrar para essa gente que eu sou um crâneo...

MÉDICOS, ENGENHEIROS, ADVOGADOS, PROFESSORES e ECONOMISTAS formam A PRIMEIRA ORQUESTRA UNIVERSITÁRIA DE CONCERTOS NO BRASIL

O Coronel Klingelhofer, e o Prof. Hilario Veiga de Carvalho, Dr. Oliveira Barros, ex-Secretário de Estado, além de outras figuras de projeção em São Paulo, fazem parte do novel conjunto — A recita inaugural será a 13 de Outubro vindouro — Declarações do Dr. Alvaro Coimbra, Secretário Arquivista da Orquestra — O que já se fez nesse terreno nas Universidades americanas — 20 mil orquestras

Sos os auspícios da reitoria da Universidade de São Paulo contando com apoio de elementos representativos da nossa sociedade fundou-se há pouco, a Orquestra Universitária de Concertos, visando fins puramente culturais. A propósito da novel organização, o dr. Alvaro Coimbra, secretário arquivista da Orquestra, por ocasião de um dos ensaios do conjunto no anfiteatro da Faculdade de Medicina, teceu os seguintes comentários:

— A Orquestra Universitária de Concertos é composta de membros honorários, efetivos e cooperadores. São membros honorários figuras de destaque nos meios universitários culturais e que contribuem para os fins a que se destina a orquestra; efetivos, os alunos da Universidade de São Paulo de outras escolas superiores, ou portadores de títulos universitários ou equivalentes, e finalmente, os cooperadores, aqueles musicistas que, não sendo portadores de diplomas universitários ou equivalentes, sejam considerados de reel mérito como executantes. Os membros honorários são designados pelo reitor da Universidade, mediante proposta aprovada pela maioria dos membros efetivos e cooperadores da orquestra, e constituem o Conselho de Orientação Artística da orquestra. Os efetivos cooperadores são selecionados pelo regente, em colaboração com o primeiro executante do instrumento em apreço.

FINALIDADE DA ORQUESTRA

— A Orquestra Universitária de Concertos tem por finalidade cultivar a música em todas as suas manifestações artísticas, divulgar a cultura musical, entre outras maneiras, por meio de concertos, audições comentadas palestras. Integra na médicos, engenheiros, advogados, economistas colaboradores que, embora sem títulos acadêmicos, consagram a música as horas que poderiam ser empregadas de outra forma. A música os reuniu para formar a Orquestra e ela ai está vitoriosa, com o seu concerto de apresentação marcado. E' para desejar, entretanto, que todos compreendam o seu elevado alcance e se aprestem para integrar o conjunto de musicos amadores, a exemplo das universidades da América do Norte, onde sobressaem as grandes orquestras desse gênero. orna-se necessário que os nossos patricios deixem de lado os preconceitos e venham compartilhar da "divina música", mesmo porque serão considerados fundadores todos aqueles que estejam inscritos tomem parte no

primeiro concerto da orquestra, a ser realizado em 13 de outubro vindouro.

20 MIL ORQUESTRAS SINFONICAS NOS ESTADOS UNIDOS

— Como é do conhecimento de todos, possuem as Universidades européias e principalmente as da América do Norte orquestra e canto coral que contribuem de maneira brilhante para a difusão da música em todas as suas manifestações. Como exemplo, citaremos a Universidade de Harvard, com seu Social Coral Universitário, mais importante dos Estados Unidos. Ainda mais, a Universidade de Arizona, com o seu Departamento Musical subvencionado pelo Estado, com cursos de música teórica e aplicada, arte dramática e coreográfica, conferindo diplomas acadêmicos. A Universidade da Califórnia, com seu Departamento Musical fundado em 1906, oferecendo cursos completos. São famosos o seu coral e a sua orquestra universitária, não esquecendo sua banda de concertos e a magnífica biblioteca musical. O mesmo se dá com Universidade de Chicago, cujo departamento musical foi instalado em 1931. Todos os que se dedicam a música sabem que o seu coral, com os cantores madrigalistas, sua grande orquestra, banda, quarteto de cordas e biblioteca, está encerrando primorosa coleção de partituras e discos, é alguma coisa de notável. A Universidade de Oregon, em 1896, portanto há quase meio século, organizou sua escola de música, oferecendo cursos de música teórica e aplicada e magistério musical. Sua biblioteca possui cerca de 3.000 partituras, sua orquestra se compõe de 52 membros, um sobe-bo coral de 200 vozes, banda de 75 figuras, quarteto masculino de vozes e um notabilíssimo quarteto clássico. Temos também as universidades de Carolina do Norte, da Pensilvânia, de Virginia, de Washington e de Michigan, todas notáveis pelo acervo musical. Poderíamos nos alongar citando as inúmeras organizações existentes na grande República irmã; mas, se dissermos que lá existem 20.000 orquestras sinfônicas devidamente registradas, teremos uma idéia do grandioso panorama musical que nos apresentam os nossos irmãos americanos do norte.

CORAL MIXTO

— Estamos também formando um coral mixto, constituído por figuras da alta sociedade paulista e por todos aqueles que, tendo conhecimento do canto, estejam em condições de executar as peças

indicadas. Entretanto, devo dizer que os elementos já inscritos interpretam com fidelidade os mais variados estilos, podendo mesmo afirmar estar o coral composto de esplêndidas vozes e da melhor escola.

PRIMEIRA NO GÊNERO, NO BRASIL

— Os universitários em geral, como eu, em particular, estamos satisfeitos com a organização da Orquestra Universitária de Concertos, porque isto vem nos proporcionar a oportunidade de bem servir a uma das finalidades de que uma Universidade não pode prescindir, dando todo o nosso esforço para ensino e difusão da música, em todas as suas manifestações de arte. Terra da música, estado berço do maior compositor das Américas, o imortal Carlos Gomes, a Universidade de S. Paulo tinha necessidade de possuir um grande conjunto musicista à altura de sua invejável projeção neste terreno de pura arte e daí idéia da formação deste conjunto orquestral que dará em breve concertos maravilhosos levando talvez para fora de nosso Estado o conhecimento prático de nossa força de realização.

— Fazemos questão de frisar e acentuar o dr. Alvaro Coimbra — que esta é a primeira orquestra universitária que se funda no Brasil, e poucas, senão raras universidades da América Latina terão organização idêntica. Contando com um magnífico conjunto de participantes, onde se incluem ilustres professores de nossas escolas superiores, diplomados e cooperadores, temos certeza de que a Orquestra Universitária de Concertos saberá manter a tradição de que gozamos de "capital artística" proporcionando aos amantes e estudiosos exibições de música clássica no seu mais elevado sentido, numa demonstração que muito contribuirá para que lá fora se diga do elevado grau de nossa cultura e do nosso adiantamento. Confiamos plenamente nos nossos colaboradores. Muitos são autênticos valores, mas a boa vontade de se acertar são iguais. Estamos trabalhando com a maior dedicação e um dia quem sabe, ao lado de nossa orquestra de cordas, surgirá também uma grande orquestra sinfônica.

— E' evidente que todas essas perspectivas não se poderiam corporificar em realidade, não fosse o decisivo apoio do prof. Jorge Americano. E' de justiça que se diga que ao ilustre reitor da Universidade de São Paulo devemos empreendimento tão grandioso. Espírito lúcido, sempre voltado aos mais altos interesses educacionais, ilustre reitor quíz juntar mais

um padrão de glória à sua Universidade, sem dúvida nenhuma uma das forças construtivas da nacionalidade. A vibração esplêndida que se observa entre os componentes desse conjunto orquestral nada mais é que a legítima alegria dos que viram as esperanças de ontem transformadas em objetivas e fecundas realidades.

COMPOSIÇÃO DA DIRETORIA DA ORQUESTRA

— O professor Jorge Americano é considerado presidente honorário da orquestra. Membros honorários: prof. Raul Bricquet, catedrático da Faculdade de Medicina e uma das legítimas culturas musicais que possuímos, e dr. Murilo Mendes, secretário geral da Universidade incontestavelmente, uma das maiores expressões de nossa cultura. Presidente da orquestra é o coronel Cristiano Klingelhofer, apaixonado musicista e que empresta o seu valioso concurso à orquestra como executante dos mais capazes. Diretor executivo é o prof. Hilário Veiga de Carvalho, docente livre da Faculdade de Medicina e a quem deve a orquestra sua organização. Exímio musicista, colabora como componente da mesma. A mim está confiado o cargo de secretário-arquivista. Regente é dr. Leon Kaufsky. Nada preciso acrescentar ao nome ilustre do competente maestro distinto engenheiro-químico; batalhador incansável, dedicado inteiramente à orquestra, é uma absoluta garantia de êxito.

O PROGRAMA INAUGURAL

Está assim composto programa que inaugurará as atividades da orquestra: "Serenata, Romance e Confidência" de F. Braga; "Sonata" de F. H. Berthéleman; "Pavana" de W. Bird; "Elegia" de Orestes Ravanello; "Sarabanda Canzone", de Bach; "Ifigenia" (divertimentos), de Gluck e "Canção Triste" de Tchaikowsky.

Para o Coral: "Missa Papai Marcelli" (Palestina, 1525-1594); "Ifigenia em Tauride" (ato II), de Gluck; "Ave Maris Stella" de Edward Grieg; "Ad Multos Annos" de Furio Franceschini e "Kirie, Missa de Riquien" em si bemol, do padre José Maria Nunes Garcia.

Momentos depois dr. Alvaro Coimbra que além de chefiar importante secção da Secretaria da Justiça participa de várias associações científicas — tomava seu violino se colocava à disposição do regente da orquestra, atento, como os demais executantes, à batuta do maestro Kaufsky.

O DEP. FEMININO

No número de aniversário do C. A. O. C. cumpre-nos também fazer referencia um dos jovens departamentos do mesmo: o D. F.

Quem não conhece aquele irrequieto recanto da Faculdade, ao mesmo tempo reducto quartel-general das nossas colegas? Mais do que um certamente, já "arriscou um olho" pelas suas janelinhas, numa curiosidade bem masculina, embora tenha visitado o mesmo e conhecido muito bem as suas salas, porque será?

Mas, deixamos de falar sobre espionagem e façamos um pequeno histórico do D. F.

Foi ele organizado e guiado nos seus primeiros passos por Gila do Amaral e outras que compreenderam o quanto era necessário um lugar apropriado onde as estudantes da Faculdades dusessem gozar de uma certa liberdade de conforto, onde pudessem guardar suas cousas, descansar um pouco, conversar (ou mesmo... estudar), o que viria assim facilitar um maior convívio entre as mesmas, desenvolvendo deste modo espírito de solidariedade e cooperação que serviria de base para tornar mais agradável e menos trabalhosa a tarefa de cada uma.

Esta idéa tornou-se uma realidade evidente, e lá está o D. F., com suas salas sempre arrumadinhas e floridas, seus artísticos e conselheiros azulejos, seus chás de calouras e Doutorandas, suas flâmulas conquistadas no concurso "Rosa de Esperança" e suas loguazes habitantes, sempre prontas a colaborar com seus colegas, que nos estudos quer nos seus empreendimentos, realizações ou campanhas.

Que o D. F. continue sempre para a frente, para orgulho do C. A. O. C., é o que desejamos!

F. A. N. d'Helas

União Estadual dos Estudantes de S. Paulo

Reportagem do "O BISTURI"

No Oitavo Congresso Nacional dos Estudantes, realizado no Rio de Janeiro, conquista mais positiva dos estudantes foi, sem dúvida alguma, a fundação da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. Nesta hora em que todos se unem nos seus verdadeiros organismos de classe, para defesa e concretização dos seus interesses e anseios, também os estudantes procuram arregimentar-se como força independente, encontrando agora na União Nacional dos Estudantes, o seu organismo de máxima representação. No VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, tivemos o debate amplo democrático dos problemas mais sentidos dos estudantes brasileiros. Foi um grande Congresso dos Estudantes da Juventude. As necessidades dos estudantes de todos os cursos, com as condições particulares de cada escola e de cada Estado, foram reunidas numa súplica de resoluções gerais, que reuniu os problemas mais sérios urgentes de solução, constituindo programa de trabalhos não só da Diretoria da UNE, das Diretorias das Uniões Estaduais, como assuntos serem necessariamente considerados pelos poderes competentes. Os estudantes do Brasil, vindos dos mais longínquos rincões da Pátria, convergiram seus esforços, assimilaram num trabalho comum numa única atitude, pela crescente conquista de suas responsabilidades, de sua posição, de seu papel, como estudantes, como moços e como patriotas. Procurou-se antes de tudo diretiva para elevação do nível do ensino, moralização do próprio ensino, o problema da assistência material e cultural aos estudantes, organização dos estudantes nos seus organismos representativos, reabilitação nos cursos dos estudantes expedicionários, fortalecimento da posição independente e não partidária dos estudantes em face dos problemas do povo brasileiro e do processo de redemocratização do país. No VIII.º Congresso dos Estudantes Brasileiros, congresso da paz, congresso para tratar das questões específicas dos estudantes da mocidade, inclusive da participação dos estudantes na solução da crise política da Nação, os estudantes de todo Brasil uniram-se debaixo de um teto comum, independentemente de suas convicções pessoais (ideologias, credos, situações sociais), afim de que pudessem preparar melhor terreno para as gerações vindouras para o progresso. Os congressos passados foram congressos da mocidade que sempre lutou pelo regime democrático para nosso povo e pela guerra aos inimigos que torpedearam nossos navios costeiros e fizeram vítimas inocentes. Este último congresso colocou posição dos estudantes brasileiros num pé de vigilância em prol da democracia e pela solução do levantamento do nível técnico profissional, intelectual e ideológico, dos estudantes e da mocidade brasileira. Os estudantes de cada Estado apresentaram-se reunidos uniformes nos seus pontos de vista, que a voz de suas respectivas Uniões Estaduais defendia. Diante dos estudantes brasileiros São Paulo cumpriu o seu grande papel de pugnar pela fundação da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, para que os estudantes paulistas ainda mais se congregassem no seu entusiasmo nos seus esforços, pelo bem do bom nome de coletividade estudantil das Escolas Superiores do Estado de São Paulo.

São Paulo, pela sua riqueza econômica de trabalho em relação aos outros Estados, pela qualidade número de suas Escolas, por ser dos mais adiantados Centros da técnica e da cultura na América Latina, reserva à União Estadual dos Estudantes de São Paulo, finalidades das mais importantes construtivas, não só na vida e no futuro dos estudantes, como na influência dos estudantes em contacto com as outras classes do povo, ao se jogar um interesse geral da coletividade.

A União Estadual dos Estudantes de

São Paulo foi fundada oficializada no VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes. Foi uma vitória inestimável pela qual de há muito se esperava. Ela foi fundada como festa dos estudantes paulistas oferecida aos estudantes brasileiros. A União Estadual dos Estudantes de São Paulo tinha que ser fundada como foram fundadas Uniões Estaduais para os estudantes de todos os Estados do Brasil.

A União Estadual dos Estudantes de São Paulo vem sendo discutida democraticamente por todos os estudantes das nossas Escolas Superiores. Ela será organizada, estruturada, consolidada, de acordo com os desejos, as aspirações, vontade dos estudantes paulistas.

O ante-projeto dos seus Estatutos será analisado e debatido nas Assembleias Gerais, será depois analisado debatido pelos Centros Acadêmicos, será discutido pelos legítimos representantes dos estudantes, para que a União Estadual dos Estudantes de São Paulo, de hoje para diante, exprima as verdadeiras aspirações dos estudantes paulistas.

Os Centros Acadêmicos continuarão as suas atividades dentro da mais absoluta independência e autonomia, apenas se fortalecerão reciprocamente porque todos estarão unidos, ao se defrontarem com qualquer problema que interesse ao estu-

dante de medicina, ao estudante de engenharia, ao estudante de direito, qualquer estudante.

Que se esforcem os estudantes pelos seus próprios problemas, saindo um pouco dos seus personalismos, que cada um deles empreste uma parte de suas atenções e de seu trabalho na luta dos interesses gerais dos estudantes, que cada um de nós veja e sinta grandeza e o significado da União Estadual dos Estudantes de São Paulo.

ATA SOBRE A FUNDAÇÃO DA UEESP

Transcrevemos abaixo a ata da sessão plenária extraordinária do VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, no dia em que foi lançada a fundação da UEESP:

"Aos vinte seis dias do mês de julho de 1945, às 15,30 horas, na sede da União Nacional dos Estudantes, reuniu-se em sessão plenária extraordinária, o Congresso Nacional dos Estudantes. A sessão foi presidida pelo colega Francisco Osvaldo Castellucci, do Paraná, vice-presidente da UNE, e teve como secretário ad-hoc o colega Antônio Cordeiro, do Rio Grande do Sul.

Pedindo a palavra, o colega João Belline Burza, de São Paulo, dirige-se aos estudantes brasileiros, falando sobre a criação em São Paulo, de sua União Estadual dos Estudantes. Belline Burza diz seguinte:

"Colegas, estudantes de todo o Brasil! Como componentes da delegação de São Paulo ao VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, dirigimo-nos pela primeira vez aos estudantes de todo o Brasil.

Estamos lealmente participando deste congresso, para trazer nossa contribuição no sentido de que a UNE seja verdadeiro organismo representativo dos estudantes brasileiros.

Desejamos tratar dos interesses dos problemas dos estudantes fazer deste congresso um congresso da mocidade brasileira. Esforçamo-nos por encontrar um teto comum para todos os antagonismos políticos, ideológicos e personalísticos. Propugnamos acima de tudo pela efetiva união dos estudantes brasileiros, em torno dos seus interesses e dos seus problemas. Queremos unidade dos estudantes democratas.

Colegas, estudantes de todo o Brasil! Os estudantes brasileiros desejam o regime democrático para pátria brasileira. Desde quando o mundo marchava para fascismo, os estudantes brasileiros vêm lutando contra o fascismo pela democracia. Nessa fase, deram provas de amor ao povo e de patriotismo. Hoje, que regressam ao solo pátrio as Gloriosas Forças Expedicionárias Brasileiras, que deram na Europa, ao lado dos soldados aliados mortos heróis na grande vitória

"1.º) Considerando a necessidade inadiável da unificação de todos os estudantes dos cursos superiores de São Paulo, para solução dos problemas fundamentais dos estudantes, da mocidade do povo;

2.º) considerando que que constitui um velho compromisso assumido pelas delegações paulistas aos últimos congressos nacionais dos estudantes constituição do órgão máximo de coordenação e representação dos estudantes dos estabelecimentos de ensino superior do Estado de São Paulo, como manda o artigo 31 dos Estatutos da UNE, aprovado pelo V.º Congresso Nacional dos Estudantes;

3.º) considerando a necessidade urgente de um órgão coordenador, das atividades estudantis, dedicado à defesa dos interesses e reivindicações dos direitos dos estudantes paulistas;

4.º) considerando a importância de um órgão executor das decisões dos congressos nacionais dos estudantes, através de campanhas populares que mobilizem todos os estudantes de São Paulo;

5.º) considerando, finalmente, a necessidade de unificação dos estudantes paulistas, para a sua mais eficiente participação no processo de democratização do Brasil, fundam, nesta data de 26 (vinte e seis) de julho de 1945, a União Estadual dos Estudantes de São Paulo (U. E. E. S. P.).

(Este documento vai assinado por 11 presidentes de Centros Acadêmicos, mais com assinatura de 33 estudantes paulistas, entre credenciados e estudantes paulistas ao VIII.º Congresso).

Após a leitura, extraordinária salva de palmas se ouve em todo salão, prolongando-se por alguns minutos, tendo os congressistas permanecido de pé para aplaudir.

O colega Francisco O. Castellucci, presidente da mesa, dirigindo-se ao plenário, pergunta si o VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes reconhece fundação da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. Pondo-se de pé, os congressistas aplaudem demoradamente a União Estadual dos Estudantes de São Paulo, sendo reconhecida por unanimidade sua fundação.

Em seguida, os delegados estaduais pedem a palavra para manifestar-se sobre a UEESP.

O colega Pádua F. da Silva, presidente da U. E. E. do Rio Grande do Sul, considera este fato ponto culminante do VIII.º Congresso. "Chegamos neste momento ao ponto culminante do VIII.º Congresso. Realizou-se neste instante uma aspiração não só da maioria dos estudantes de São Paulo, mas uma aspiração nacional dos estudantes. Meus colegas, nós, estudantes que fizemos as nossas organizações apartir dos pequenos diretórios acadêmicos, passamos às Uniões Estaduais até atingir a União Nacional dos Estudantes. Na qualidade de presidente da U. E. E. do Rio Grande do Sul, eu faço a proposta este plenário no sentido de que seja imediatamente oficializada aqui a nova entidade estudantina que é U. E. E. S. P.

Prolongada salva de palmas recebem as palavras do colega gaúcho.

Com a palavra, o colega Júlio Barbosa: "Meus colegas: na qualidade de presidente da U. E. de Minas Gerais, quero trazer o meu apoio incondicional à iniciativa dos estudantes de São Paulo. A criação desta União Estadual vem completar a nossa estrutura de organização estudantil nacional. A U. E. M. G. concorda apoiar, neste instante, a proposta do colega presidente da U. N. E. do Rio Grande do Sul"

Segue com a palavra o colega Orlando Moscoso, presidente da U. E. da Bahia: "Nós, estudantes brasileiros, que partimos de nossos Estados que vimos em busca de união, só poderíamos receber com satisfação, entusiasmo, aquilo que



Delegação da Faculdade de Medicina ao VIII Conselho Nacional dos Estudantes, realizado no Rio de Janeiro. — Vê-se da esquerda para direita: Laertes Ferrão, diretor do "O Bisturi"; João B. Burza, presidente do C. A. O. C.; José de Souza Meirelles, 1.º tesoureiro; Carlos da Costa Branco, 1.º orador; Maurício Fang, diretor do "O Bisturi"; Carmino Caricchio, diretor do Dep. de Ensino Médico.

“In Memoriam”

São Paulo, 6 de julho de 1945.
Prezado amigo dr. João Bellini Burza, m. d. Presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Cordiais saudações.
Já há muito tempo, ao sair do Instituto de Higiene, onde trabalho, e ao esperar o bonde à esquina dos jardins da Faculdade, meus olhos se detinham diariamente sobre aquele bloco de granito mármore, hoje sem qualquer inscrição, que ali se encontra abandonado. E meu pensamento se voltava para fatos que se passaram. Não há ainda muitos anos, e que constituíram mais linda página de heroísmo, de demonstração de dignidade, de desprendimento, jamais dadas pela nossa gente: 1932!

Quando a nossa guerra acabou, vencida materialmente, mas vitoriosa na consecução imediata dos ideais pelos quais os constitucionalistas se bateram. — as diversas coletividades resolveram perpetuar, no mármore ou no bronze, memória dos que se foram, oferecendo pelo ideal da Liberdade, o sacrifício das suas próprias vidas.

Também nossa Faculdade procurou cultivar naquele símbolo de pedra a memória dos universitários que se sacrificaram, entre os quais José Novais Greff Borba, Otávio Seppi e talvez outros, eram estudantes de medicina.

Passados poucos anos, porém, mãos sacrílegas foram tirando, uma uma, as letras de bronze da legenda e, em seguida, outras peças que faziam parte do monumento, terminando por fazerem desaparecer a figura do voluntário morto. E, aparentemente, pelo menos, ninguém se incomodou. “Les morts contvite”...

Considerando tais fatos, era minha intenção dirigir-lhe algumas linhas, propondo que o Centro Oswaldo Cruz tomas-

se iniciativa da restauração do simples significativo monumento, quando tive satisfação de deparar no último número, do órgão oficial do Centro, que o sr. teve a gentileza de me oferecer há poucos dias, com artigo “In Memoriam”, assinado por “P. Prata”

Nesse artigo, A. lembrando que outras Faculdades como a de Direito, “mantêm em seus pátios o seu peito de homenagem aos colegas mortos na Revolução Constitucionalista”, lamenta, como eu faço, que no jardim da Faculdade de Medicina sómente resta hoje “um bloco de mármore esburacado”, ruínas daquilo que um dia, não distante ainda, foi lá colocado para homenagear a memória dos colegas que se foram na inesquecível epopéia, e que “os transeuntes, ao olhar surpreendem-se indagando de que se trata”.

Essa falta não deve não pode continuar. Permito-me, em vista disso, sugerir-lhe que o sr. como atual presidente do Centro Oswaldo Cruz — e aproveitando a passagem do 13.º aniversário da Revolução, que ora comemoramos — tome iniciativa da reparação do monumento, idéia que não pode deixar de encontrar simpatia e apoio de parte de todo o corpo docente dos alunos da Faculdade.

Como isso trará despesas, concorreremos todos com que for possível para que se consiga em breve importância necessária.

Peço permissão para subscrever desde já modesta quantia, cujo cheque lhe envio junto a esta.

Apresenta-lhe cumprimentos cordiais amigo, colega admirador.

Dr. J. LEME DA FONSECA
Assistente da Clínica Pediátrica.

Dr. Oswaldo de Freitas Julião



Após brilhante concurso, conquistou com distinção Livre-Docência de Clínica Neurológica, o Dr. OSWALDO DE FREITAS JULIÃO, um dos mais destacados valores da nova geração médica paulista. Pertencendo admirável Escola fundada pelo sempre saudoso ENJOLRAS VAMPRE, continuada com o mesmo brilho pelo Prof. ADHERBAL TOLosa, soube Dr. OSWALDO DE FREITAS JULIÃO, honrar as tradições e o prestígio desse conhecido centro científico.

Formado pela nossa Faculdade em 1936, é novo Livre Docente portador de títulos valiosos, sendo autor de 25 trabalhos científicos sobre assuntos de Neurologia; laureado com os prêmios: Enjolas Vampre em 1942, Raul Margarido em 1943, e pelo Departamento de Saúde do Ministério de Educação em 1942; aliando à sua grande experiência prática, com provada capacidade didática.

Defendendo a tese: “Contribuição para o estudo de diagnóstico clínico da Lepra Nervosa” assunto ao qual se vem dedicando há muitos anos, apresentou suas conclusões baseadas na observação neurológica de 300 enfermos, recebendo da banca examinadora os maiores elogios pelo valor originalidade do trabalho apresentado.

Ao Dr. OSWALDO DE FREITAS JU.

LIÃO, os nossos parabéns calorosos votos de que continue com a mesma dedicação entusiasmo nos seus estudos, elevando assim, cada vez mais o prestígio de nossa Faculdade da Medicina Brasileira.

REGRESSO TRIUNFAL

O C. A. O. C. recebeu festivamente seus expedicionários homenagens e discursos.

Afim de solenizar o regresso dos alunos professores que representaram esta Faculdade nos campos de batalha na Europa, os alunos desta casa de ensino, organizaram um programa de festas que foi levado a efeito dia 25 p.p. dia consagrado ao soldado Brasileiro.

Foram homenageados nesse dia o Prof. Alípio Correa Neto Drs. José Monteiro, Florismundo Plastino Saragoza,

José Alípio Plason,
Paulo Dumangin Santos,
Oswaldo Mendes Leite,
Massaki Udihara.

e acadêmicos, Paulo Canton, Paulo Homem de Melo ex-orador oficial do C. A. O. C. José Angelo Abatayguara.

Pela manhã, as 9 horas foi rezada missa solene na capela do Hospital das Clínicas. A seguir na sala da Diretoria do C. A. O. C. foi inaugurada artística placa de bronze, comemorativa do feito e destinada a perpetuar gratidão dos alunos da Faculdade aos que tão brilhantemente representaram na batalha da Democracia.

Falou sandando os homenageados o Presidente do Centro João Bellini Burza, agradecendo em nome dos seus colegas o acadêmico Paulo Homem de Mello.

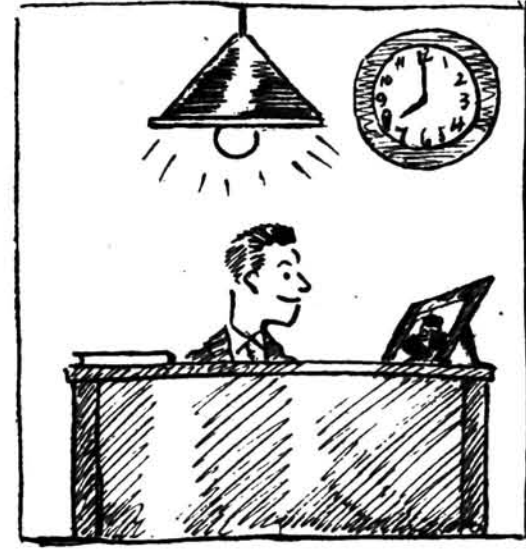
A cerimônia contou com a presença do Prof. Benedicto Montenegro, diretor desta faculdade catédricos, livre-docentes e assistentes de todas as cadeiras da Faculdade além de grande número de alunos desta escola.

Fez-se representar nesta cerimônia a Escola de Enfermagem do Hospital das Clínicas.

Foi oferecido um coquetel aos homenageados autoridades imprensa.

Aos alunos deveria ter sido oferecido uma “chopada” que a última hora foi transferida para o dia 14, data natalícia do C. A. O. C. devido as competições da Mac-Med.

Encerrou sessão, Prof. Montenegro.



— Pensando bem... para ser bom médico não é preciso a gente ser fóssil... além disso não quero mais ser cientista. Hoje vou um ci. nema com a garota.

A ESPERA

A estrada está vazia até horizonte.
O mar não tem nem uma vela.
O sol é doirada bandeija,
Em que o céu mostra sua indiferença.

O coração vazio...
A porta aberta...
A mesa posta...
A casa triste...
Tudo de espera.

Esperar por que?

Si não há nem um vulto na estrada,
Si não há nem uma vela no mar...

Mas quem sabe?
Talvez tu estejas logo atraz do horizon.
[te...
Talvez estejas chegar.

Tudo te espera.
Só porque tinhas
Uma lágrima nos olhos,
Quando te fostes.

C.

A INSTRUMENTAÇÃO NO H. C. !?!

Grande celeuma provocou a noticia de que as lunas da Escola de Enfermagem iriam aprender instrumentar na 3.ª Clínica Cirúrgica do H. C. passariam então a participar das intervenções dessa enfermaria.

Naturalmente, uma noticia assim, lançada aos quatro ventos e sem os devidos pormenores assustou aos diretamente interessados que se julgaram prejudicados provocou uma animosidade infundada entre alguns alunos da Faculdade algumas alnas da Escola de Enfermagem.

Diretor do Departamento de Ensino Médico.

Na nossa função, procurámos indagar sobre que havia de certo a respeito e das consequências que poderiam advir de um fato como esse. Parece que de início, não fomos compreendidos não somente na nossa situação que também nas nossas intenções por iso julgamos conveniente esclarecer aqui problema e sugerir alguma coisa respeito.

Mais do que nós, ninguém está ao par do alto padrão da enfermagem ensinada às meninas na E. E., ninguém tem constatado a eficiência dessa mesma enfermagem nas enfermarias e por fim ninguém melhor que nós pode dizer da alta dedicação que essas moças dispensam aos enfermos da sua aprimorada educação no trato aos estudantes e médicos. Portanto, nós é que não poderíamos negar direito e o dever que lhes assistem de aprender alguma coisa mais.

Se somos às vezes um pouco ciumentosos, entretanto devemos frizar que não tememos concorrência, pois a ética que elas demonstram nos tira qualquer dúvida a respeito.

E não nos esquecemos também de que essas moças, vindas de todos os recantos do Brasil, irão levar depois às suas conterrâneas os conhecimentos que aqui adquiriram. E, porisso, quanto maiores estes conhecimentos, maior a esperança de uma boa assistência ao povo e de um Brasil grandioso.

Entretanto, convenhamos que os alunos, principalmente e sobretudo os que fazem cirurgia devem precisar passar pela instrumentação. Isto faz com que aluno preste atenção aos pedidos do cirurgião do auxiliar assim vai adquirindo os reflexos necessários para mais tarde, quando cirurgião, pedir aos seus auxiliares. Além do mais, para ser bom instrumentador aluno deve prevê certos pedidos do cirurgião o que o obriga estudar de antemão técnica operatória

dos diversos casos. E ainda, além de permitir ao aluno perder o nervosismo inicial, instrumentação, conforme as intervenções conforme os cirurgiões, exige que ele entre no campo tomando parte ativa no ato.

Dizendo isso não queremos que se conclua da necessidade continua de aluno estar instrumentado. Quando no quinto no sexto ano ele já se desinteressa pela instrumentação; quer avançar mais, isto é, auxiliar mesmo intervir quando os “papões” o permitem.

Entretanto, não devemos nos esquecer que quando certos alunos se desinteressam, pela instrumentação, por terem progredido, outros novos iniciam o aprendizado da cirurgia necessitam então dessas mesmas oportunidades. Portanto, a necessidade de instrumentação ser feita por alunos é continua, variando apenas as gerações.

Passando a considerar o papel das moças não poderíamos deixar de frizar grande auxilio que as mesmas poderão desempenhar no futuro, instrumentando até auxiliando aos médicos nas intervenções em condições onde os mesmos não possam contar com colegas ou estudantes. Porém, antes de se atender a este auxilio que as enfermeiras poderiam dar ao cirurgião, devemos atender à própria formação deste cirurgião.

Concluindo assim do direito do dever que têm os futuros médicos e as futuras enfermeiras de aprenderem a instrumentar, não negaremos oportunidade a estas últimas só porque a formação do cirurgião é mais importante de maior responsabilidade.

O H. C. é muito grande e os horários são dilatados. Que os Órgãos competentes saiam do seu comodismo; que estudem os horários e as instalações do Hospital; que procurem aproveitar os alunos quando estes estão nas enfermarias; e, enfim que procurem aproveitar as moças da E. E. para instrumentação, principalmente quando os alunos estão em aula ou quando já se julgam aptos na função.

E assim esses Órgãos poderiam resolver o problema, atendendo uns a outros, tendo em mente acima de tudo, não a “fartolagem” e “intriga” mas sim “brasileiro doente” que aqui ou ali irá precisar de verdadeiros médicos e de enfermeiras eficientes

CARMINO CARICCHIO

Diretor do Departamento de Ensino Médico.

Realizações da atual Diretoria do C.A.O.C.

Ao ser eleita, diretoria Burza, focalizou acertadamente os problemas mais sentidos dos estudantes de medicina. Esses problemas são todo um programa de iniciativas realizações para sucessivas diretorias do C.A.O.C. Observando de um lado as medidas fundamentais para a elevação do nível do ensino médico, diretoria Burza, quebrou tabu da frequência facultativa as aulas teóricas - obrigatório aos trabalhos práticos de laboratórios - enfermarias: caráter não vitalício da cadeira, pela recondução do professor á cadeira: liberdade de cadeira para os assistentes livre-docentes: medidas essas que indiscutivelmente farão a seleção real dos valores científicos profissionais desenvolveriam incentivo progresso para estudo para pesquisa para a clínica em geral: e encarecendo d'outro lado a questão de assistência material e cultural ao estudante como assistência médica também: enfim estabelecendo as verdadeiras finalidades do Hospital das Clínicas para os estudantes: — a atual diretoria do CAOC, encontrou-se desde logo em frente a uma mentalidade geral que devia ser mudada.

Não ha duvida de que este ano o CAOC, vem atravessando a sua fase mais agitada mais vibrante: Todas as decorências naturais que agitam povo, em face do termino da guerra dos problemas sociais, políticos, economicos ideologicos do após-guerra, também fase politica brasileira que mobilizou as atenções de todos os homens, partidos associações civicas de classe, pelo palpitante assunto da redemocratização do país: tudo isso pegou os representantes dos alunos da faculdade numa atitude elevada patriotica.

Não ha negar ainda que nestes mezes decorridos, a diretoria Burza fez com que o CAOC atingisse mais alta ressonancia no seio da familia universitaria paulista, no seio da classe medica e na opinião publica em geral.

São esses fatos que podem não ser traduzir por uma figura material palpavel, porem as conquistas de ordem moral e de ordens social devem ser encaradas, como dos fatos que mais exaltam esforço e o idealismo daqueles que tem sobre seus ombros o encargo e as responsabilidades de representar e de dirigir.

Pelo trabalho das diretorias anteriores e pelo trabalho da atual diretoria, nome do C.A.O.C, tem honrado o nome da Fac. Medicina da Universidade de S. Paulo, porque é hoje um nome conhecido elogiado pelos estudantes, pela mocidade pelo povo.

Antes mesmo de ter assumido direção do centro, diretoria Burza, pelo seu Departamento de Aeronautica, já conseguia para seu patrimonio a posse de um magnifico avião-ambulancia, o prototipo I.P.T.X., nosso "Arnaldo Vieira de Carvalho", cujo batismo, nos jardins de nossa Escola, com presença das nossas mais altas autoridades aeronauticas, constituiu um ds mi expressivas festividades civicas realizadas em nossa casa.

Logo no inicio das aulas, foi nossa Escola abalada por um acontecimento dos mais serios e movimentados de toda a sua existencia. Pelo seu notavel Dep. do Ensino Médico, em boa hora creado para estudar defender os interesses especificos dos estudantes de medicina, vê-se C.A.O.C, de braços com uma greve total dos estudantes, sem caráter pessoal sem caráter politico, greve essa que vinha reivindicar um direito dos alunos.

Nos seus 32 anos de vida, nunca houve movimento que unisse tanto os estudantes que tanto demonstrasse a força e o alcance de sua união. Retirando-se das aulas e das enfermarias, num momento em que parecia tomar consequências as mais graves, não fora união dos alunos e a energia e lealdade dos diretores do nosso Centro, essa greve não teria bom exito que alcançou.

DEPARTAMENTO DO ENSINO MÉDICO

O Dep. do Ensino Médico realizou uma assembleia no 6-o ano medico para resolver sobre a tentativa de amputação da cadeira da 3.a Clínica Médica; no 3.o ano, resolveu com os alunos sobre a orientação de ensino dada pela cadeira de Clínica Obstétrica instalações para os mesmos no 10-o andar do Hospital das Clínicas; com o 2-o ano debateu sobre a orientação de ensino da cadeira de Microbiologia Imunologia designando-se para isso uma comissão que resolveu o assunto; com 3.o ano 4-o ano medico, estudou situação da falta de assistente na cadeira de Anatomia

Patologica, não chegando tomar atitudes porque o fato se resolveu por si.

Anteriormente em Assembleia Geral do Centro considerou o fato da demissão de assistentes de Anatomia Patologica, levando ao conhecimento dos responsáveis pensamento dos alunos.

O Dep. resolveu ainda em colaboração com chefe do serviço de Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas, a distribuição de escalas dos alunos para os plantões; no Serviço de Clínica Obstétrica estruturou os direitos obrigações dos doutorandos auxiliares da clínica e tem auxiliado o assistente encarregado no cumprimento dos mesmos.

Desde ha muito, e ainda tem sido objeto de atenção particular do Departamento uma serie grande de problemas principalmente relacionados com o H. C. como sejam a instalação de armarios para os alunos, a redução do preço das refeições, o aprendizado nos serviços de Transfusão Anestesia principalmente gravissimo problema do Pronto-Socorro. Finalmente vem lutando pela efetivação junto aos Congressos Medico-Sociais, congressos estudantinos - pela Imprensa, dos palpitantes problemas da nossa celebre Moção sobre o Ensino Médico. E cuidou da readaptação do estudante-expedicionario á vida escolar.

DEPARTAMENTO SOCIAL

O Depart. Social, que já vinha com grande impulso, teve sua estruturação definitiva, mobilizando um grande corpo de entusiastas de auxiliares. Porisso, iniciou suas atividades com "show" de posse da Diretoria Burza, que foi a mais concorrida festa realizada em nosso teatro.

Em Maio, fez realizar o nosso tradicional Baile de Gala "Noite de Maio", festa que pertence já á mais representativa sociedade paulistana, alcançando não só exito social como exito material para os nossos departamentos de assistência. O Depart. Social realizou Baile do Calouro e vem realizando iminutantemente, bailes mensais para os estudantes. Participou ativamente, junto aos outros Centros Acadêmicos, do "show" de recepção dos expedicionários de São Paulo, no Teatro Municipal.

As caravanas ás cidades de Catanduva de Rio Preto abriram a série de outras que se realizarão neste segundo semestre.

O Departamento Social promoveu nossa homenagem aos nossos expedicionários, médicos estudantes da Faculdade, fazendo realizar ato da inauguração de uma placa comemorativa na sede do Centro um baile ao nosso expedicionário.

Neste momento prepara ativamente grande "show" para o dia 14, aniversário do nosso Centro Acadêmico, baile mensal do dia 27, homenagem aos esportistas doutorandos deste ano e por fim, o Departamento Social, nesta Diretoria, vai efetivar o Baile de Despedida aos doutorandos da Faculdade.

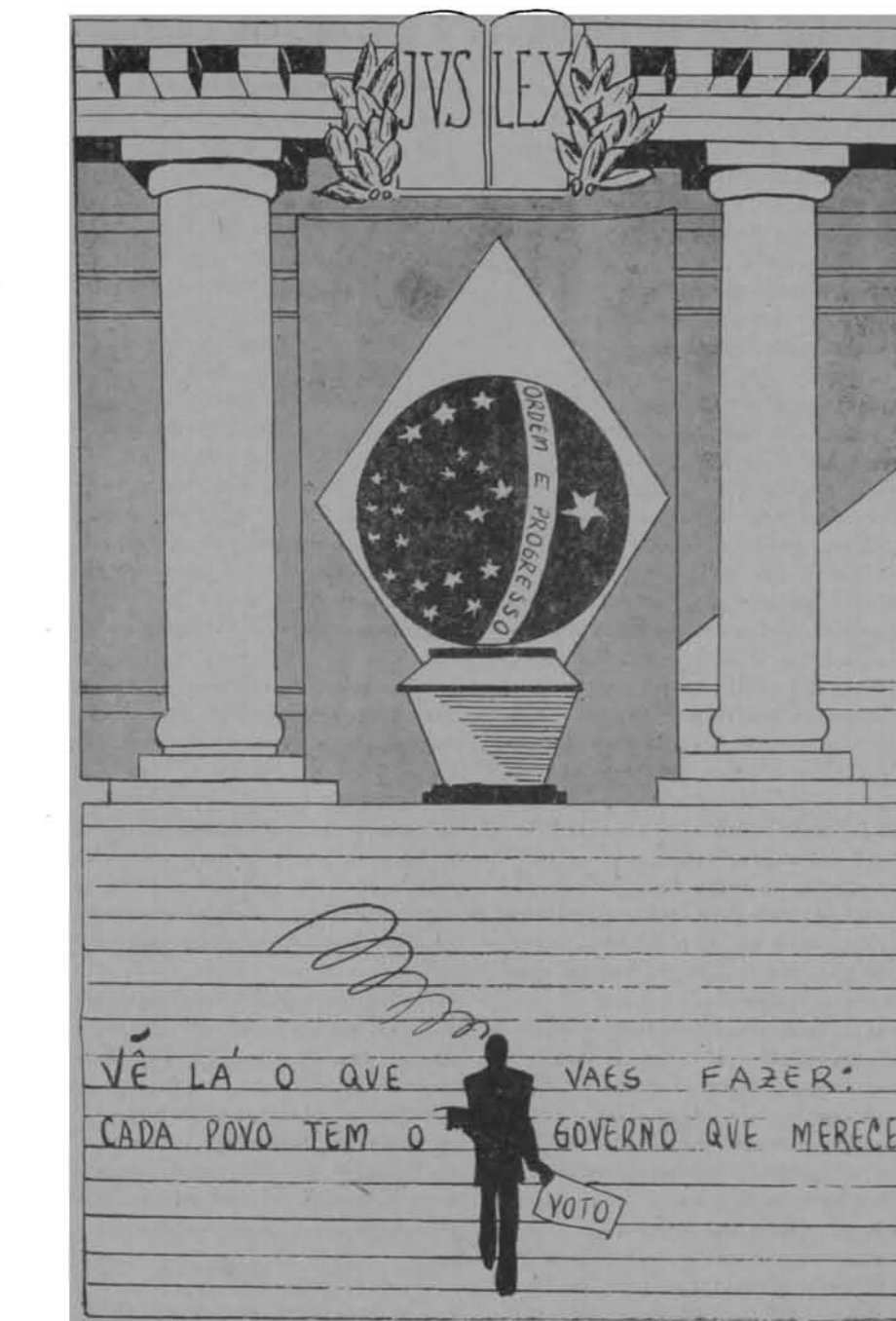
DEPARTAMENTO BENEFICENTE

Nunca Departamento Beneficente Arnaldo Vieira de Carvalho prestou tanto auxilio material cultural aos nossos estudantes mais necessitados Tarefa que é desenvolvida de baixo da maior reserva do maior respeito, a Diretoria Burza vem se esforçando no auxilio material ao estudante, sendo muito grande número de empréstimos monetários, de isenção de taxas de matricula, de fornecimento de passes para viagens, recomendações para empregos, etc., como está estabelecendo no Hospital das Clínicas uma assistência médica e hospitalar ao estudante doente.

O Depart. Beneficente está agora tratando junto ao Departamento Universitário do Instituto de Higiene e da Reitoria da Universidade, efetivação do exame médico controle médico e radiológico periódico, aos estudantes da Faculdade e ainda aos universitários paulistas. Está sendo também possibilidade do controle médico da Educação fisica dos nossos esportistas.

DEPART. DE PSICOLOGIA MÉDICA E PSICANÁLISE

Foi fundado esse departamento, com presença do grande psicanalista espanhol Prof Myra y Lopez, sendo o primeiro Centro de medicina Psico-Somática creado no Brasil. Esse Departamento acabou de realizar, em colabo-



ração com o Centro de Estudos Franco da Rocha, do Juqueri, um amplo de Psicologia Médica Fisiologia Cerebral, Nesses dias, em colaboração com Cadeira de Psiquiatria dos médicos do Juqueri, dará inicio á divulgação dos temas mais interessantes da moderna Psiquiatria.

DEPARTAMENTO DE CULTURA

Este Departamento inicia suas atividades, tratando com as Editorias fornecimento de livros de medicina e livros de cultura geral para nossa Biblioteca.

O Departamento de cultura vai cooperar com o Dep. de Ensino médico no amplo inquérito entre os médicos formados pela Escola sobre os problemas fundamentais do Ensino médico.

BIBLIOTECA

Está sendo revista atualizada, organizando-se o seu fichário.

DEPARTAMENTO CIENTIFICO

A sua atual diretoria, como é noticiado noutra parte do Bisturi, realizou uma grande série de cursos conferências resolveu definitivamente o problema da publicação mensal de nossa Revista de Medicina.

DEPARTAMENTO DE ESPORTES

Este Departamento tem desenvolvido prática dos esportes em nossa escola e o estímulo aos esportistas. Soube enfrentar e advzário valoroso na XII Mac-Md. Hoje está sendo tratado objetivamente sério problema da complementação da nossa Praça de Esportes, decidiu-se a Diretoria do Centro a resolver neste mes as deficiências da piscina.

Foi realizada primeira Ac-Med, competição os estudantes médicos.

DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL

Este importante Departamento realizou várias conferências e seminários de professores médicos estudantes, sobr os problemas médicos sociais do nosso povo. Realizou uma excursão á zona interior do Estado de São Paulo, para estudar os problemas dos males endêmicos, inclusive das condições sobre mal de chagas, etc. Está sendo realizada uma ampla "Campanha da Boa Alimentação", campanha essa de caráter educacional para alimentação racional higiênica da nossa população que está alcançando grande repercussão. Essa campanha, sem descurar do fundamento econômico-social de tão palpitante problema, tem finalidades populares e as mais patrióticas.

LIGA DE COMBATE A SIFILIS

Está sendo tratado o problema da sede definitiva da Liga de Combate á Sifilis da instalação dos seus postos e está sendo, em suma, encarado a situação atual para o maior incremento da Liga de Combate á Sifilis, instituição que honra os estudantes de medicina.

SÉDE DA LIGA DE COMBATE A SIFILIS. REFORMA DA PISCINA. FUNDAÇÃO DA LIGA DE DEFEZA DA CRIANÇA. FREQUENCIA FACULTATIVA AS AULAS TEÓRICAS E CAMPANHA PRÓ-CONSTRUÇÃO "CASA DE OSWALDO CRUZ" — São grandes tarefas da Diretoria Burza, neste 2-o semestre.

Retorna ao Brasil o Professor Vasconcelos

Chegaram recentemente ao Brasil, após uma excursão de estudos pelos Estados Unidos Canadá o prof. Edmundo Vasconcelos e dr. Eugenio Mauro, livre-docente de Anatomia Descrétiva.

O professor Vasconcelos além de representar condignamente a Cirurgia Brasileira no hemisfério norte teve oportunidade de estudar ensino médico norte-americano principalmente no que se refere ao ensino da clínica cirurgica.

O prof. Vasconcelos já teve oportunidade de realizar duas conferências entre nós: uma, na Faculdade de Direito sobre "Ensino Médico nos Estados Unidos" e outra no Hospital das Clínicas sobre "Cirurgia pulmonare cardíaca nos Estados Unidos".

O Departamento de Ensino Médico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" juntamente com "O Bisturi" estão interessados vivamente em obter do prof. Vasconcelos dados detalhados sobre o ensino da medicina no país amigo sobretudo no que se refere aos programas, responsabilidades dos mestres alunos, cursos de post-graduados, etc...

Dada a importância do assunto no momento atual para os alunos da Faculdade de Medicina, e em virtude da exiguidade do tempo resolvemos deixar para próximo número um estudo da matéria com o que contamos com preciosa colaboração do prof. Edmundo Vasconcelos a quem, bem como ao Dr. Eugenio Mauro, damos as nossas boas-vindas universitárias.

Festas que se foram... e que devem continuar

Nquele nosocômio que ali está atrás da Faculdade, nem tudo é triste "chato". De quando em vez uma noite alegre se faz sentir, cumulando todos de uma satisfação íntima de um convívio feliz. Não somente os doentes que se distraem na sua "Sala de Recreio"; quem trabalha por aquelas enfermarias ou quem perambula por aqueles corredores sem fim também tem oportunidade de brincar.

Queremos nos referir, particularmente a duas festas ali realizadas nas noites de Santo Antônio e de São João.

Sob um céu límpido e negro de uma noite bem bonita, as alunas da Escola de Enfermagem, ajudadas pelos "Bandoleiros do H. C." proporcionaram na véspera de Santo Antônio todos aqueles que lá trabalham e sofrem conjuntamente, um pouco de alegria e bem estar.

A noitada foi realizada na antiga quadra de tênis enfeitada a caracter, iluminada, se bem que a lua lá no alto se mostrasse em toda a sua magnificência e luminosidade. Não faltou boa música e a sanfona lá estava dando a nota característica da festança.

O casamento da roça, com seu séquito e tendo Miss Ella por testemunha (côm intérprete é claro) e "bandoleiro" Caricchio por juiz de paz se realizou com entusiasmo e tintas de realidade.

O quantão era absorvido com sofreguidão sob os olhares de censura do prof. Lange que lá estava controlando a turma da Faculdade da Escola de Enfermagem, com a economia imposta pelo Plínio do Bar e pelo Luzistano Américo.

A quadrilha foi executada com uma classe insuperável. Os pedidos de "bis" não foram poucos, mas não foram atendidos. Pudéra! Com uns pares daqueles escolhidos a dedo, tinha mesmo que sair algo de notável!! Entre os dois extremos. Paulo Machado que era o mais "da roça" com aquela "castanha do Pará" e o Caricchio que era mais "sizado" com aquela loira que mais parecia um "trigal", havia toda a sorte de nuances.

O "churrasco" demorou prá sair, mas saiu. E daí a festa se reanimou ainda mais. A "alcoemia" já tinha atingido um certo grau, havendo mesmo momentos em que parecia que o "rabo de arraia" ia correr ou que uma "laparô" traumática ia ser feita... Muita gente "boa" falava "bobagens". Felizmente, porém, lá acabamos de presenciar, e que foi a fundação da U. E. E. S. P. São os estudantes paulistas que em seu próprio nome assim fazem. Nós, estudantes brasileiros, congratulamo-nos com os estudantes de São Paulo, e o faço em nome dos estudantes baianos, e certo de que conseguiremos um vigor de organização trabalho. E assim todas as Uniões Estaduais do país poderão trabalhar para engrandecer esta Pátria, que é nossa, pela qual muito devemos estudar não menos trabalhar.

Em seguida, toma a palavra o colega Aluizio Moreira, do Maranhão, que apoiou as saudações anteriores, concluindo com as seguintes palavras:

"Eu saúdo os estudantes paulistas, na sua contribuição ao lema deste Congresso — unidos venceremos!"

Toma a palavra o colega Homero Quadros, da delegação do Paraná, que felicita os paulistas pela concretização da promessa feita no VIII Congresso Nacional e pedindo para constar em ata um voto de louvor agradecimento aos elementos que tiveram a idéia de erguer em São Paulo a U. E. E. S. P.

A palavra é tomada por Stélio Mendonça, do Ceará, que se associa todas as manifestações de regozijo.

Pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo, usa da palavra Valdir Troncoso Perez, expressando uma íntima satisfação pelo acontecimento que embora não existisse anteriormente U. E. E. S. P., nunca estiverem desunidos os estudantes bandeirantes" e propondo que juntamente com a aprovação da fundação da U. E. E. S. P., fosse aprovada a instituição das eleições diretas para diretoria da nova entidade. A proposta foi unanimemente aprovada.

Toma a palavra o colega Hugo Costa Pinto, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, que em nome desta Faculdade e da Faculdade Nacional de Direito,

estavam os "Bandoleiros do H. C.", firmes como nunca, dispostos a vender bem caro a disciplina e o alto padrão moral da festa.

O balão que o Primo Ruy fez subir ao som de "O balão subiu, subiu..." por isso ele ganhou um "pic-pic" extensivo também à Jovina, "Flor do Norte".

E assim pela noite dentro, embalada por uma valsa ou uma rancheira aquela mocidade que ainda não envelheceu passava momentos felizes.

Foi de se notar a contribuição feliz que nos trouxe o jovial dr. Felix Queiroz, convidado especial dos "bandoleiros" para se espalhar ali no "terrero".

Enquanto uns dansavam, outros pares ali em roda, sentados num montículo de terra ou numa "tábua" recebiam o bálsamo daquela noite do Santo casamenteiro... Deve, ter havido muitas juras de amor também algumas desilusões...

O cansaço da matéria ia aumentando e vencendo o entusiasmo do espírito e por isso a festa foi caíndo.

Pelas duas daquela madrugada que já ia ficando fria e "garoenta" sinal de recolher foi dado e logo obedecido. E muita coisa do que houve ficou gravada naquelas almas jovens, tristemente para alguns e agradavelmente para outros.

No dia seguinte os comentários eram os mais variados. O dr. Maciel lançou logo a idéia da Festa de São João substitutiva daquela que havia lá na "velha Clínica Obstétrica da rua Antônio Carlos". D. Stella, a cozinheira lá do H. C. logo foi encarregada da organização. A senhorita Filomena Chiarello presidente do Centro Acadêmico "31 de Outubro" da Escola de Enfermagem, desapareceu a baiana Jacy logo tomou as rédeas do movimento. Em vez de pedir ao Senhor do Bonfim que parasse com "aquela chuva" ela sonhava apenas com uma bela festa ou com algum "loirão bacana"... E nada de festa sair. Falta a gaita.

Nessa "emergência" tiveram lugar alguns assaltos dos "Bandoleiros" que nessa missão estiveram orientados pelo "popular Machadinho", resolveu-se o impasse. Meteu-se "mãos à obra" A chuva não parava mas a festa teria que sair.

Onde? Boas idéias não se fizeram esperar. Lá estava o Estádio do C.A.O.C. Porém, as dificuldades logo apareceram.

UNIÃO ESTADUAL DE ESTUDANTES DE S. PAULO

(Conclusão da pag. 17)

traz, sua solidariedade à fundação da U. E. E. S. P. e a proposta do colega Valdir.

Toma a palavra Gilberto Vasconcelos, que em nome da delegação do Pará, expressa felicitações pela estrondosa vitória no sentido decisivo de uma unificação dos estudantes do Brasil.

Com a palavra Ernesto Badgócimo, presidente da União Metropolitana de Estudantes que afirma que a fundação da U. E. E. S. P. representa mais uma manifestação no sentido unânime de união, que emana de todos os cantos do Brasil. Deseja que a U. E. E. S. P. venha a ser concretizada em sua estruturação definitiva numa ampla assembleia, com a participação de todos os estudantes paulistas e saúda os estudantes de São Paulo, por esta brilhante manifestação de espírito de união nacional.

Segue-se com a palavra Eugênio Lefèvre, que afirma que a U. E. E. S. P. teria como primeiro trabalho uma ampla campanha de alfabetização.

Toma a palavra o colega Eros Teixeira, que diz que a UNE manifesta sua satisfação pela fundação da U. E. E. S. P. expressando a crença de que ainda falta um trabalho de organização. Propõe que da sessão de hoje, além da fundação da U. E. E. S. P., fossem os signatários do manifesto investidos da função de realizarem as eleições diretas, constituindo-se em Junta Governativa.

O colega Geraldo Vidigal, depois de expressar sua satisfação pela fundação da U. E. E. S. P., declara que a sua estruturação definitiva deve ser feita na Capital Paulista e que todas as escolas sejam consideradas como fundadoras da U. E. E. S. P.

Uns diziam que não se podia usá-lo porque a festa não era do Centro. Entretanto, em última análise, a festa era dos alunos da Faculdade, pois estes é que sempre apareciam em maior número gozavam das melhores regalias... E, no mais, seria uma tentativa de união das alunas com os estudantes da Faculdade de Medicina, para, num futuro não muito longínquo, fazerem uma grande festa oficial do H. C. com a participação também dos doentes desse nosocômio.

Desta vez não haveria de faltar nada para os gastrônomos. E, de fato não faltou mesmo. Pelo contrário, sobrou muita coisa.

Começada a festa, eis que todo mundo vai surgindo com os pés enlameados. Mas de nada importava, pois a vontade de brincar é que imperava.

O chefe dos Bandoleiros, Caricchio, preocupado em demasia com a conduta dos festeiros e das festeiras quasi que não podia dispensar ao seu ainda "florido trigal" as atenções que este merecia.

A quadrilha sob a marcação da Lisette é dansada e desta vez todo mundo entrou. Só havia "errados" que tornou a dançar muito mais interessante. Não seria preciso dizer que o dr. Fadul não acertava uma...

A Eulina declamou "bonitas coisas" para todos, inclusive uma composição do dr. Queiroz, muito significativa.

Houve um concurso de danças par vencedor, o mais errado de todos era composto pela Eulina e pelo Mario Rocha Lima. No concurso para fantasias "malucas" a amazonense Garcia venceu brilhantemente as suas contendoras. Nesse concurso as baianas impressionaram bem, tendo Moema abafado com o seu "samba" (o Caricchio que o diga... e a Jacy com a sua "dança exótica" que tanto impressionou ao dr. Peggion que queria lhe aplicar 2 cc. de água ditilada intradêrmicamente...

A data foi além disso, festiva para as meninas, pois nesse dia viam transorrer mais um aniversário, o de Maria Lucia, diretora social da Escola de Enfermagem e do dr. Ennio Barbato, "rei das Jabotís" chefe dos Internos do H. C. Por isso foram-lhe oferecidos significativos presentes.

E a festa decorreu animada e boa. O quantão da D. Stella que mais parecia "gingibre quente" acendia o entusiasmo em todo mundo. Até o refresco amazonense... aluá... foi servido.

Como da outra vez, alguns foram mui-



— Puxa! Não pensei que patológica fosse assim. Será que há dependência este ano?

to venturosos; outros saíram desiludidos...

A's duas horas daquela úmida madrugada, os pares se desmancharam e todo mundo se recolheu, debaixo daquela chuva que São Pedro não quis parar...

Tudo decorreu bem. Apesar de que alguma inveja ou despeito tenham aquerido empanar o brilho dessas noites agradáveis, elas decorreram isentas de qualquer crítica acima de quaisquer conjecturas tendenciosas.

Algumas pessoas pouco se divertiram, porém controlaram tudo e afirmam sem receio que essas duas festas que se realizaram num ambiente de mais pura camaradagem, primaram pela ordem e pela alta moral demonstrada pelas moças e pelos rapazes.

E que este espírito e que esta moral sejam os pontos culminantes de outras festas que estas mesmas ou outras gerações farão realizar aqui neste pedaço de Paulicéia que é dos doentes pobres, que é dos alunos da Faculdade que é das alunas da Escola de Enfermagem e, por fim, que é de todos aqueles que trabalham neste "bloco" de magestosas instituições, ponto alto da defesa da saúde do povo de nossa terra...

OBERVADORES

ferentes à sua estruturação para serem considerados em São Paulo"

A ata está assinada pelo presidente da sessão, Francisco Osvaldo Castellucci, por Antônio Cordeiro, secretário da mesma.

ESTRUTURAÇÃO DA U. E. E. S. P.

Na sessão plenária do VIII.º Congresso, realizada à noite desse mesmo dia 26 de julho, por sugestão dos nossos representantes Burza e Caricchio, ficou definitivamente encerrada a questão da U. E. E. S. P. determinando-se que em São Paulo ela seria estudada, de acordo com as condições particulares de cada Escola as aspirações gerais dos estudantes paulistas, e consolidada após participação de todas as assembleias dos estudantes.

NOSSA ASSEMBLEIA GERAL

Convocada pelo Presidente do Centro, realizou-se uma Assembleia Geral Extraordinária dos Aunos da Faculdade de Medicina. Os doutorandos João Belline Burza e Carmino Caricchio, nossos dois representantes credenciados ao VIII.º Congresso Nacional dos Estudantes, fizeram relato completo de todas as atividades e resoluções do referido Congresso da União Nacional dos Estudantes. Os assuntos foram amplamente debatidos, referindo-se aos pontos do temário do Congresso: — elevação do nível do ensino superior, problema de assistência ao estudante, readaptação do estudante a entidades estudantis e papel do estudiantário aos cursos, fortalecimento das te no problema da democratização do país.

A Assembleia Geral aprovou as atitudes dos nossos representantes, junto ao VIII.º Congresso, deu poderes ao Presidente do Centro, colega João Belline Burza, para estudar e tratar do problema da organização da União Estadual dos Estudantes de São Paulo.

A' memoria de Oswaldo Cruz

Uma referência aos homens valorosos do passado não constitui somente simples homenagem mas sim dever imperioso que temos de os reavivar na lembrança, para que nos sirvam de exemplo também de estímulo a novas conquistas e realizações.

A nossa História, si bem que venturosamente rica de expressões no terreno cultural de modo particular, deixa de ser suficientemente conhecida e, muita vez, os grandes homens que nos serviram de modo soberbo, e que são motivo de orgulho perene, não têm sua obra bastante divulgada.

Na verdade, com passar do tempo, novos fatos se desenrolam, novas personagens aparecem no cenário da vida e, não se há de querer porisso, uma estagnação de pensamentos presos figuras tradicionais. No entanto, por outro lado, há figuras que se erguem como símbolos de um núcleo cultural e mesmo de uma geração a elas jamais se pode negar braço da imortalidade. Entre estas está figura de Oswaldo Cruz, cuja obra marcou o início de uma nova fase no terreno médico-sanitário brasileiro.

Quando em épocas passadas as ende-

uma realização magnífica, é de autoria do colega Irineu Teixeira de Assunção, atual vice-presidente do Centro. Este seu novo trabalho, aliado às suas tão conhecidas colaborações no “BISTURI”, vem tão somente confirmar os seus inestimáveis pendoros arísticos, por várias vezes postos a serviço dos interesses da nossa agremiação.

O magnífico bronze em referência ficará provisoriamente aqui na Faculdade, pois constitui um oferecimento à futura Casa de “Oswaldo Cruz”, aspiração máxima de todos nós e das gerações que nos antecederam, ora cuidada com afinco, dando-se a esperança de sua breve concretização. E propósito, podemos desde já assegurar não será busto para a nossa futura casa, digamos, de simples valor estético. Além de esplêndido meio de divulgação, tão necessário para uma iniciativa de tal amplitude, tornando-a suficientemente conhecida no nosso meio social, vem ser o marco inicial de uma campanha ser brevemente lançada — a Campanha do Busto de Oswaldo Cruz.

Esta se constituirá da venda de pequenos bustos para mesa, principalmente no seio da classe médica, a maioria dos quais



O Busto de “Oswaldo Cruz” esculpido pelo colega Irineu Assunção

mias grassavam nas nossas populações litorâneas, dizimando milhares de vidas, Brasil teve a felicidade de encontrar um OSWALDO CRUZ, cientista que, aliando à sua capacidade genial um senso prático incontestável, tão bem soube atender às necessidades do momento. E assim, o “Pasteur brasileiro” é de fato um imortal. Porisso, a sua obra deve ser sempre exaltada por todos os brasileiros; as suas realizações devem ser divulgadas amplamente, para que seu espírito viva entre todos aqueles que também trabalham e se esforçam a prol da medicina.

O nosso Centro Acadêmico, que já tem a figura inolvidável desse grande homem como seu patrono, encontra agora oportunidade magnífica para reverenciar, de modo todo especial, o vulto de Oswaldo Cruz: inauguração solene a ser levada a efeito no dia 14 de setembro futuro do busto em bronze do eminente patriótico. Acontecimento de larga significação que repercutirá amplamente, como fato de relevância, na vida social do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Esta iniciativa cresce de valor ao se considerar que o busto inaugurado foi idealizado modelado por um nosso colega. De fato, tal obra de arte plástica, que sob todos os pontos de vista, constitui-

passou por esta Faculdade que por certo não hesitará em apoiar esta realização. O lucro desta campanha reverterá em favor da futura casa a ser construída e, embora não venha constituir soma fabulosa, por si só suficiente, constituirá um fator moral valioso, colocando mais uma vez o nome do Centro em situação de destaque, demonstrando o espírito dos atuais alunos da Faculdade, sempre votado às iniciativas realmente proveitosas.

A inauguração dar-se-á, por feliz coincidência, como dissemos, no aniversário do Centro, data para todos nós festiva, em que se comemora a fundação do nosso glorioso Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Será um ato realmente expressivo a juntar-se às muitas festividades marcadas para aquele dia e, sem dúvida, brilho vulgar está para ele reservado, não só por se tratar de uma grande iniciativa em prol da “Casa de Oswaldo Cruz”, mas ainda pela intensa expectativa que reina entre nossos colegas em torno da apresentação da obra de arte idealizada realizada pelo colega Irineu Teixeira de Assunção.

Altas autoridades estarão presentes ao ato em que memória de nosso patrono será dignamente reverenciada.

B. A. C.



— No quarto ano é outra coisa!... Estou com vontade de fazer cirurgia, mas ouvi dizer que ha muita panela uns grandes “papadores”... vou pensar nisso no quinto ano...

O Departamento de Ensino Médico e sua orientação

Nos fins do ano passado quando já a Diretoria Burza havia sido eleita para 1945, Presidente da mesma, numa das muitas palestras que há já vários anos vimos mantendo manifestou sua intenção de criar um Departamento de Ensino Médico cujo trabalho primeiro e mais importante seria de estudar problemas relativos ao ensino médico e sobretudo a realização de inquéritos entre médicos formados pela nossa Escola e residentes tanto aqui como no interior. A realização de tal tarefa se enquadrava perfeitamente no idealismo do nosso Presidente.

Ao sermos convidados para dirigir tal Departamento e estruturá-lo recusámos ao encargo em primeiro lugar porque talvez tivéssemos que nos ausentar da Escola por alguns meses em vista de deveres militares em segundo lugar porque prevíamos que em virtude do nosso feitio pessoal nós poderíamos nos apaixonar por esses assuntos assim contribuiríamos para criação de situações de luta entre os interessados. Desaparecido o primeiro motivo após algum tempo, o Burza fez novo convite para colaborarmos com ele, exemplo de idealismo e honestidade ao mesmo tempo resolvemos pretender afogar os nossos imptos.

Pensámos logo na organização do Departamento com a participação de elementos de outras séries que serviriam não só nas funções de elementos de ligação como de conselheiros, em secretarias teosourarias. Entretanto, estávamos sendo teóricos demais pois não sabíamos ainda das necessidades do funcionamento de um Departamento como esse, pois não sabíamos nem ao menos, como iria, na prática, funcionar.

Pensámos também em convidar alguns professores, assistentes ou médicos amigos dos alunos para constituírem um Conselho Consultivo do Departamento. Até os nomes dos mesmos foram apontados.

Entretanto, o nóvel Departamento se viu logo frente a um problema da máxima importância que foi a tentativa de amputação da Clínica Médica do sexto ano, sem dúvida nenhuma, a melhor clínica geral da Faculdade. Como era de se esperar e de se temer nós nos apaixonámos, deixámos de lado os interesses pessoais, esquecemo-nos do medo e fomos ao campo da luta. Ao nosso lado, viamos todo instante Belline Burza, Duílio Farina e Álvaro da Cunha Bastos, que, diretamente nada tinham com o Departamento de Ensino Médico.

Logo mais, não éramos nós, mas sim os alunos desta Escola que em uníssono defendiam um lema bem próprio da mocidade: “Quando entramos na luta, ou voltamos com a vitória ou tombamos no campo de batalha”

E assim, empolgados por essa luta que por fim nos sorriu, estávamos também abalados pelas transformações que a Pátria experimentava. Nesse sentido, a estruturação do Departamento-caçula do C. A. C. O. C. foi sendo protelada.

Entretanto, queremos frisar que Diretor do Departamento supriu a falta de elementos de ligação com as turmas, com uma propaganda feita no sentido de cha-

mar atenção para os problemas de ensino como também na Diretoria do Centro existindo alunos de todas as séries, estes poderiam desempenhar tal função. Aliás, não nos ressentimos disso, pois na ocasião necessária, solicitadas por alunos que se interessavam pelo ensino ou que se sentiram prejudicados, foram realizadas diversas assembléias de classes como por exemplo do 2.º ano para tratar de assuntos relativo à cadeira de Microbiologia; dos 3.º e 4.º anos para tratar de assunto da Anatomia Patológica; do 5.º ano, com relação à Obstetrícia; e do 6.º ano, com relação à Clínica Médica.

E, assim o tempo foi passando...

Naturalmente conclusão teórica da necessidade de mais alunos para trabalhar no Departamento permanência, apesar dos nossos esforços que às vezes eram desviados em prol de outras funções que temos de desempenhar.

Entretanto, devemos fazer notar que não podíamos nos arriscar dispersar energias numa tentativa de estruturação; podemos justificar esta asserção.

Quando Diretoria Burza tomou posse, as portas de todos os setores do C. A. O. C. foram abertas para quem quizesse colaborar e trabalhar. No discurso de posse disse Belline Burza: “Comigo to-mam posse no C. A. O. C. todos os alunos desta Escola...” E assim muita gente boa foi convidada para os Departamentos e para Comissões além daqueles que se ofereceram para trabalhar. Nomes e mais nomes constam na organização desses Departamentos dessas Comissões. E no fim que vimos? Verificámos que em última análise, pequeno número ou um só é que continuava a trabalhar. Não vai nisto uma crítica severa aos colegas que por motivos ponderados ou não, não puderam arcar com as responsabilidades que lhes couberam por convite ou por oferecimento próprio. Entretanto, isto concorreu para que não vissemos uma necessidade premente na organização de uma comissão para o Departamento de Ensino Médico. Naturalmente não quizemos perder tempo numa estruturação que seria artificial por si mesma, pois ainda não tínhamos elementos objetivos para uma orientação prática, e arriscada ao mesmo tempo, pois não sabíamos at onde poderíamos contar com os elementos que integrariam tal organização dado o exemplo de outros Departamentos e Comissões.

Queremos frisar que Departamento de Ensino Médico esteve sempre aberto a todos aqueles que queiram contribuir para resolução dos diversos problemas, endossando todas as tentativas com esses fim seu Diretor, por isso, ficará sinceramente grato. Do mesmo modo, lamenta que se critique isto ou aquilo, que se queira organizar comissões para estudar situações dos estudantes sem antes se procurar estudar quais os problemas destas situações e se procurar estabelecer fórmulas de solução para os mesmos. E isto é muito importante porque os autores das críticas estão arriscados a serem convidados para tomar parte nas referidas Comissões...

Diretor do Departamento de Ensino Médico.

“Campanha da Boa Alimentação”

Por intermédio dos seus departamentos, o CAOC tem sido promotor de diversos movimentos correlatos á medicina, cuja repercussão e alcance, firmam mais e mais a entidade representativa dos alunos da Faculdade de Medicina.

E' agora no setor da alimentação, que se desenvolve uma campanha de caracter de assistência social, promovida pelo departamento Médico Social.

São objetivos da campanha: fazer um levantamento da merenda escolar sob forma de inquérito, tendo em vista a alta importância dessa merenda, pois por intermédio dela pode-se corrigir as falhas da alimentação das crianças; promover um incentivo á pequena horticultura pois por meio dela o povo pode obter uma alimentação econômica; incutir no povo o interesse pela alimentação higiênica.

Durante a campanha serão distribuídas ao povo sementes e folhetos ilustrativos para a pequena horticultura. Serão enviados conferencistas da campanha para as seguintes cidades do interior:

Campinas, Baurú, S. Carlos, Santos, Município de Bastos, Sorocaba, Rio Preto, S. José do Rio Pardo, Ribeirão Preto, Piracicaba, Franca, Marília.

Serão anexadas á campanha, por especial deferência do dr. Ariovaldo de Carvalho, as conclusões sobre o problema alimentar que chegou o Segundo Congresso Médico Social Brasileiro, a pouco realizado na Baía. Por concessão do sr. Francisco Rizzini, quem nos achamos agradecidos, serão pronunciadas uma série de palestras pela rede Ipiranga nos dias 3, 4, 5, 6, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19 20 ás 10,55 horas.

COMISSÃO PATROCINADORA

Já deram o patrocínio para a campanha:

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo por intermédio do seu Departamento de Fisiologia.

Faculdade de Higiene e Saúde Pública, por intermédio do seu Departamento de Higiene Alimentar.

Serviço de Alimentação Pública do Departamento de Saúde do Estado.

Sociedade de Gastroenterologia Nu. trição de São Paulo.

Sociedade de Nutrição Endocrinologia dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Por officio n. 125 de 28 do corrente, endereçado ao prof. Jorge Americano, Presidente dos “Fundos Universitários de Pesquisa para Defesa Nacional”, foi pedida participação dessa entidade na comissão patrocinadora.

Convidamos também para patrocinar a campanha o Serviço de Alimentação Previdência Social.

COMISSÃO ORIENTADORA

Prof. Dr. Franklin A. de Moura Campos, catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Presidente da Comissão Orientadora.

Prof. Dr. Samuel Barnsley Pessoa, catedrático de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

Prof. Dr. Antônio Cardoso, catedrático de Higiene Alimentar da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Dr. José Dutra de Oliveira, Presidente da Sociedade de Gastroenterologia Nu. trição de São Paulo.

Dr. Demostenes Orsini, assistente do Prof. Franklin A. de Moura Campos.

COMISSÃO ACADÊMICA

Presidente, Manoel Munhoz, Diretor do Departamento de Medicina Social do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”.

Secretário, Nuno B. de Paiva Braga. Tesoureiros: Remo Telini, Oscar Teixeira, René de Lima Yasaki, Renato Mendes, Luiz Camargo Fonseca, Oswaldo Monteiro de Barros, Alvaro da Rocha Macedo e Miguel Villa Nova Soeiro.

Conferencistas da Campanha: Doutorandos: Otávio de Moraes Dantas,

Declarações do Presidente da Comissão Acadêmica da “Campanha da Boa Alimentação” e Diretor do Dep. de Medicina Social do C.A.O.C. ao “O Bisturi”

Populações sub-alimentadas e dificuldades de vida — Arroz, feijão e farinha durante sete dias por semana — Um boi por mês para o consumo de uma população inteira — As causas da situação — Campanha do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”

Hilton Neves Tavares, Carmino Caricchio, José Carlos C. Aranha, Celeste Fava Neto e Antônio Carlos Mauri. Acadêmicos: José da Conceição Ferraz de Sales, José de Souza Meireles Filho, Yutaca Kubo, Ernani Hevaux Bernardinelli, Nuno B. de Paiva Braga, Bernardo de Oliveira Martins, Laertes de Moura Ferrão, Oscar Massariol Farina, Oscar Teixeira, Silvio Laroca de Paiva, Carlos da Costa Branco, Henrique Grecchi, René de Lima Yasaki, Scharif Kurban, Oswaldo Monteiro de Barros e Luiz Falgetano Sobrinho.

A mesma choça, o infalível campo deserto, e o mesmo homem magro, cheio de impudismo de barba rala sujando o rosto sulcado de rugas é ainda o mesmo quadro triste doloroso da vida rural paulista, naquele mesmo ritmo dolente do “Jeca Tatú” que até hoje não mudou.

Todos os anos, estudantes quintanistas de Medicina viajam pelo interior afim de apresentar uma relatório de higiene — e todos eles são testemunhas das precárias condições de vida do homem rural.

ARROZ, FEIJÃO E FARINHA

As condições de vida daquela gente

condições alimentares das crianças de uma escola isolada do Vale de São Pedro — verificou-se que as quarenta crianças, que ali estudavam, se alimentavam quase que exclusivamente de feijão, arroz e farinha, dessas 31 comiam carne, mas somente uma vez por semana. Existem cidades onde é abatida unicamente uma vez por mês para o consumo de toda a população.

Na fase de crescimento da criança, sub-alimentação vai dando ao homem de amanhã aquele mesmo aspecto raquítico dos pais.

O LEITE

Parece absurdo, mas o certo é que nosso trabalhador rural não bebe leite, apesar de viver, muitas vezes, ao lado de grandes rebanhos, em fazendas de criação. Essa observação foi feita pelos estudantes de medicina, que notaram também a falta de cuidados higiênicos com que precioso alimento é colhido e distribuído às populações das cidades. Isso quando é distribuído, pois há localidades onde não se encontra leite para tomar. Em 1942, no distrito de Rafard, município de Capivari, os estudantes de me-

AS CAUSAS DESSA SITUAÇÃO

“As causas dessa dolorosa situação são de ordem econômica, de ordem educacional e higiênica — diz-nos o sr. Manoel Munhoz. Em estudo recente médico Pompeu do Amaral afirma que o Brasil é independente politicamente desde 1822, mas que não foi até agora economicamente. E o exemplo disso é o fato da agricultura nacional visar apenas abastecimento dos mercados estrangeiros, naquela loucura de ganhar dinheiro que faz com que ela se esqueça de que o nosso povo também necessita de gêneros para sua alimentação”.

CAMPANHA NO CENTRO ACADÊMICO “OSWALDO CRUZ”

O Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, através de seu Departamento de Medicina Social, vai iniciar 1.º de setembro, a “Campanha da Boa Alimentação”, com propósito demonstrar às nossas populações rurais, a maneira mais acertada de utilizar os alimentos que a sua vida difícil pode oferecer.

“Será uma pequena contribuição para resolver o angustioso problema, cuja solução completa, evidentemente, não se conseguirá senão pela ação conjunta do governo e de todo o povo do país” — termina o sr. Manoel Munhoz.

O SR. NUNO DE PAIVA BRAGA, SECRETARIO DA CAMPANHA EXPÕE AO “O BISTURI” OS PRINCIPAIS OBJETIVOS DA PRÓXIMA JORNADA

O problema da alimentação ai está em toda a sua plenitude, a desafiar a argúcia de sociólogos, médicos, economistas, governantes; ele é complexo na sua natureza, apresenta muitos aspectos difíceis de serem resolvidos; é por um lado um problema de medicina, na resolução das múltiplas deficiências de alimentos indispensáveis; é por outro lado um problema econômico, dependente imediato do nível de vida do povo; é por um terceiro lado um problema de governo, autoridade que deve orientar a resolução da questão. Há, entretanto, um ponto que precisa ser cuidado exaustivamente, e que independe até certo ponto do fator econômico; é ponto de vista educacional; a maior parte do nosso povo, mesmo os bem dotados economicamente, não sabem comer.

sua alimentação se ressentia da falta de princípios vitamínicos outros ingredientes elementares de grande valor. Portanto, toda campanha educacional no setor da nutrição deve merecer os nossos aplausos e incentivos. E' justamente uma campanha de tal natureza que o Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” pretende desenvolver em um futuro próximo. foi sobre ela que nos falou o sr. Nuno de Paiva Braga, secretário da Campanha, e um dos seus mais entusiastas organizadores. A seguir transcrevemos as declarações do sr. Paiva Braga.

PROBLEMA ALIMENTAR EM NOSSA TERRA

“Devemos reconhecer que se não é impossível, é difícil atender a todos os aspectos do problema alimentar em nossa terra. Básica, complexa e ampla que era a questão da alimentação de nossa gente, ela se avolumou sobremaneira no período da guerra. Não se pode descurar da alimentação: sub-nutrição é índice de saúde precária. E' uma medida premente o estudo atento dos diversos pontos de vista que problema comporta, seja ele econômico, educacional, higiênico, médico, moral ou eugênico. Latinos e sentimentais que somos não queremos que se aplique a nós o clássico dizer: “A indigestão dos ricos vinga a fome dos pobres”

A CAMPANHA DA ALIMENTAÇÃO

O Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” continuou o sr. Nuno Braga, não ficou alheio a esse setor e é ele o promotor de (Conclui na pág. 29



são quase as mesmas que se pode observar em outros pontos do interior e do litoral do país. A sua alimentação básica é tão pobre e inadequada como a farinha, o peixe pimenta de todo o dia das mesas de famílias inteiras em lugarejos perdidos nos confins da Baía ou Ceará. No interior de São Paulo o arroz, o feijão e a farinha são o almoço e o jantar que alimentam durante sete dias por semana o caboclo paulista.

Cada relatório que os estudantes de Medicina apresenta anualmente, constituem uma nota de tristeza que se encerra nos arquivos do Instituto de Higiene que deveriam ser amplamente divulgados, para que se conheça a verdadeira situação em que vive o homem do campo e para que se procure urgente solução para o seu problema. Foi o que nos expôs o sr. Manoel Munhoz, diretor do Departamento de Medicina Social do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”.

Na sua opinião o problema deve ser solucionado com a máxima rapidez pois que interesse do próprio Brasil que exige e só assim chegaremos a ver transformado num cidadão útil à pátria esse trabalhador rural de hoje, abatido pelo impudismo e pela sub-alimentação. Os estudantes fizeram um inquérito das

dicina observaram que não existiam produtores de leite, que era comprado na cidade vizinha de Tietê. Devido a isso os moradores de Rafard apelavam para leite de cabra, que afirma o estudante Manoel Munhoz, ocasiona anemia.

NÃO EXISTEM VERDURAS

Em quase todas as cidades do interior não existem cultivadores de verdura para população e, em apenas algumas delas, encontram-se hortas domésticas. Diante da dificuldade de comprar a verdura de outros centros, as populações passam mesmo sem ela, e quando conseguem esse alimento, ele já lhes chega para o consumo com mais de metade de suas vitaminas perdidas.

OS PEIXES

A pesca em cada cidade é apenas um passa-tempo de alguns, e peixe que se consegue nos seus rios não dá absolutamente, para gasto da população, é a coisa mais difícil do mundo chegar até ele o peixe do litoral. O homem do campo é obrigado a excluir do seu almoço ou jantar o peixe como alimento.

Memórias de uma viagem a Franca

— Boa tarde dona. A senhora conhece aquele bicho chamado chupança? Nós somos doutores lá de São Paulo; nós viemos examinar todas as casas prá ver se tem chupança porque esse bicho dos diabos está dando uma doença no povo.

Depois desse introito inicial de identificação lá se ia comissão de estudos do Dip de Medicina Social examinar os lares do município de Franca, na busca do perigoso triatomídeo transmissor do Mal de Chagas.

As imagens se sucediam idênticas às queles de Freire, Pereira Pena outros, com uma aterrorizante semelhança.

Cada casa que visitávamos não era mais do que uma reprodução fiel da anterior, como se tivéssemos colocado diante do espelho.

Pau pique — barbeiro nas frinchas. Arroz magro no fogão. Cama dura improvisada povoada de percevejos, chupanças. Num canto uma criança magra, anêmica — verdadeira carniça de vermes — subnutrida, arqueada ao pilão gemer de dor nas cadeiras... O pai na roça que apesar da maleita, amarelão, Mal de Chagas ainda guarda no corpo infecto uma gotícula de sangue que mal faz mover enxada descacar a terra.

Miguel Pereira disse: “O Brasil é um vasto hospital”, mas qualquer indivíduo que se ponha em contato com a zona rural verá que diante da realidade brasileira essa frase perde muito da sua expressão pois se num hospital temos doentes, temos médicos enfermeiras, no Brasil temos apenas doentes desamparados, abandonados à fúria incessante dos microbios das intemperies.

O nosso povo é um conjunto de raquíticos maleitosos, verminóticos subnutridos que apesar de viver num sólo fértil e generoso, não tem forças para cultivá-lo.

Supliciado é que é... pois anteendo o paraíso vive no inferno.

MAÑOEL MUNHOZ

REVOLTA

J. C. Araujo Jorge

Não! não quero bocas fartas e relaxadas
Pelos desejos,
Frias
E saturadas de beijos,
Saturadas
E vazias...
Bocas que deixam manchas noutras bocas,
Tatuagens efêmeras loucas
De segundos de amor que estertoram de [tédio...]
Nem quero essa mulher que me dê seu [desejo]
com gestos indiferentes
de alguém que ofertasse aos meus nervos [doentes]
um fictícios remédio...

Não! não quero mulheres inúteis e lidas,
fúteis
conhecidas
como certos romances de edições proibidas [das]
sem dono sem autor,
— não quero só dois braços, não quero [só dois seios,
nem quero apenas um corpo apertado ao [meu peito]
nem quero apenas um leito
seja ele qual for!

Não! não quero mulheres estereis com [os olhos estagnado]
e sem luz,
de carnes infecundas como as terras cansadas [sadas]
ou as águas paradas
dos paúes!

Não, não quero abraços mercenários e frios,
de braços que “Lembrando amarras de [navios]
prendem-se a qualquer cais...”

Eu quero muito mais... Eu quero muito [mais!!!]

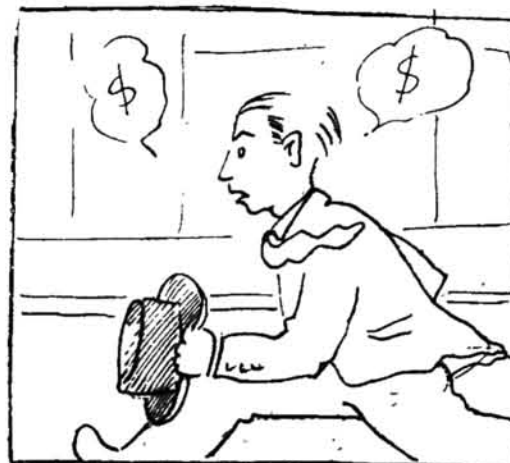
FORNEIRO - FORNALHA

Um monstro de aço,
sem perna, sem braço,
com uma boca no ventre
rubro de quente,
rumina ferro, rumina hulha,
cospe lava e fagulha
no bojo engelhado
de um cadinho espetado
em seus membros abertos.

O cachimbo pendente,
o dorso esplendente
banhado em suor
de tanto calor,
um descaso profundo
pelas coisas do mundo,
forno trabalha
esvurmando a fornalha
com ritmo certo.

Solene, moroso,
como quem plasma zeloso
obras da alma,
vislumbra com calma
no ferro, na hulha,
na lava e fagulha
a multidão que se agita
na ânsia infinita
de um instante de vida,
se consome na lida
como monstro de aço,
sem perna, sem braço...

ADHEMAR FIORILLO



— Antes que algum aventureiro lance mão de deixar ver se “agarro” aquele bico de propagandista de produtos farmacêuticos...

CANTIGA DE ADEUS

A. P. M. C.

Adeus!
Some na distância antes que eu chore.
Adeus!
Some na distância antes que eu acorde.

Desenha tua silhueta na estrada,
Alonga tua sombra p'lo caminho.
Foge na última révoada,
Esquece o ramo do último ninho.
Nem te vires sequer, para traz,

Nem agites sequer, tua mão.
Deixa comigo, sombra fugaz,
Um sonho em forma de coração.
Adeus! Tens pela frente uma estrada.
Adeus! Tens à frente esquecimento.
Vais da minha retina cansada,
Mas não te vais do meu pensamento.

Some na distância antes que eu chore,
Some na distância antes que eu acorde.
Adeus!

C.

“Sobre a Casa de Oswaldo Cruz”

Escrito pelo DR. JOSÉ ORIA

A atual diretoria do “Centro Acadêmico Oswaldo Cruz”, sob a inteligente ativa presidência de Burza, pretende pôr em andamento a magistral idéia de uma residência de estudantes sob égide do seu grande patrono. Pedem-nos pois uma opinião respeito do que desejam criar.

Seria notável realização a construção de um edifício que contivesse não só a sede do C.A.O.C. como a da Associação dos Ex-Alunos e Centro Social cultural dos diferentes departamentos, quer da agremiação estudantil, quer da ex-estudantil.

Já esse ultimo plano, posto em prática seria de grande realce: o de unir-se em cadêcia de contiguidade continuidade os alunos com os diplomados desta Faculdade, de estreitar em laços materiais e espirituais, os jovens com os mais experimentados. Que enorme benefício poderiam auferir os acadêmicos (e porque não?) os próprios médicos com este reciproco contato, com esta atmosfera de mútua influência e indução! Isso, atravez das várias modalidades de aproximação: desde a simples palestra nas horas de lazer, até às atividades culturais e científicas mais destacadas: reuniões, concertos, congressos, leituras, discursões em seminário, ciclo de conferências, aulas, cursos, etc.

A “Residência” oferecendo bolsa de estudos ou de viagens para os que dela necessitarem, compreendendo aqui a indicação daqueles estudantes que se esforcem mais para seu próprio preparo e para a grandeza da escola, deveria ser amparada por um patrimônio de porções não pequenas. Para isso, seria interessante iniciar-se desde já uma campanha junto aos que pagam impostos sobre lucros extraordinários... A exemplo do que fazem os magnatas norte-americanos que distribuem em fundações especiais, parte desses lucros, também aqui entre nós, conviria orientar para atitude semelhante, nossos grandes financistas, comerciantes, industriais, etc., prometendo-lhes em troca a oferta simbólica da égide e da indicação do nome nas diferentes secções da “Casa do Estudante”.

Quanto à finalidade espiritual: as secções da parte cultural é que devem formar a organização fundamental do novo edifício. Só através das manifestações espirituais é que se congregam as energias de inteligência. O pensar em comum acôrdo, de modo elevado, eis como aparece uma elite. E por mais que se queira nivelar, são ainda as elites que orientam as forças humanas. Numa Universidade é isso vem ser o tão famoso, quão culto “espírito universitário” Comunidade e intercâmbio: cooperação e senso de equipe.

Desde já porém é necessário preparar um certo clima mental, que possa construir por assim dizer a casa espiritual antes de fundar

edifício.

A juventude deve pois:

1) Instituir um maior apêgo à Universidade sem preocupações estereis pelas falsas demagogias. Cooperar com sacrificio nos estudos. Exigir-se a si próprio número de horas de trabalho com disciplina elevada.

2) Organizar um plano de critica superior sobre os Cursos, e sobre ensino universitário sem o ataque direto e pessoal, pois este, embora quasi sempre bem aplicado, é geralmente inútil e fere melindres. Usar-se meios indiretos e sugestivos, é preferível.

3) Aconselhar-se com homens de maior experiência que tenham acuidade analítica dos diversos problemas que interessam a inquietam as novas gerações, criar para isso comissões consultivas sem significado meramente social, ou seja afastar-se dos chamados “medalhões” que procuram apenas aparecer. Entre outras, por exemplo, buscar apoio moral, intelectual material dos “Fundos Universitários de Pesquisa” e de outras instituições universitárias para-universitárias.

4) Procurar entre os acadêmicos o right man para diretrizes intelectuais especificas. É sumamente árdua a escolha dos valores humanos para dirigir, fiscalizar e conservar os diferentes departamentos que um dia constituirão o patrimônio estudantil. Geralmente estes valores devem ser muito simples, mas de grande força moral. A prática ensina que os indivíduos muito salientes, sabidos prestigiosos, complicam as coisas quando não as destroem.

5) Exigir uma cooperação forte entre todos os representantes das classes acadêmicas. Unir os estudantes da escola e evitar a separação. Congregar os universitários e ex-universitários por meio de reuniões preliminares. Formar enfim uma frente única universitária. Para isso: a) isenção total de fins políticos; b) propaganda intensa por meio de palestras, panfletos, rádio, jornais, etc.; c) procurar instituições culturais científicas que prestigiem novel residência.

6) Criar desde já Boletim periódico da “Casa do Estudante” Utilizar-se de certos jornais que facilitem a publicação diária de notícias do que se faz e se vai fazer. Dar entrevistas, chamar atenção do grande público, dos poderes oficiais, etc.

7) Criar a imprensa própria. Fundar uma revista de caracter cultural ou aproveitar “O Bisturi”, remodelando-o. A faceta humorística deste expressivo jornal, poderia continuar, porém com mais serenidade... (Tenho notado ultimamente alguns deslizes... Além disso, há colaboradores que enviam coisas pueris que me lembram aqueles “berlindas” publicados em jornaleznhos do ginásio). A imprensa da “Casa de Oswaldo Cruz”, precisa estar na altura do patrono da esplêndida mentalidade de es-

tudente paulista. Lembro-me por exemplo, de exemplares há anos tive em minhas mãos, de uma magnífica revista da Residência de Estudantes da Ciudad Universitaria de Madrid. Colaboração de primeira água sobre todos os assuntos culturais, inclusive por autores estrangeiros de renome. Porque não fazer coisa semelhante?

8) Editora universitária. Ou criar uma, ou entrar em contato com editoras existentes. A Renascença por exemplo, tem significativas ótimas relações com Universidade. Os estudantes apontariam livros cuos autores que merecessem divulgação, publicação, tradução, etc.

9) Livraria para universitários. Aquisição facil de livros para os mesmos. Abonos, descontos, prêmios em livros, dados aos estudantes em certas circunstâncias.

10) Rádio, cinema, teatro, orquestra coral universitários. A) Rádio: porque não construir uma pequena estação de Broadcasting, de combinação com as outras escolas, aproveitando-se do material do magnifico pessoal do gabinete de Física da Faculdade de Ciências?

Caso isso seja impossível, arranjar 1/4 de hora diário que seja, em cada uma das estações da capital. B) Cinema: o cinema educativo está entrando na Faculdade. Conversar com os monitores do mesmo: profs. Souza Campos, Jayme Cavalcanti, Renato Locchi e outros, para estabelecer o plano definitivo anexando-se ou aproveitando-o para a casa dos estudantes. C) Teatro: há um teatro universitário fundado por Decio de Almeida Prado. Originou-se da Faculdade de Letras. Procurar entrar em contato com mesmo. D) Orquestra: já há uma organização em andamento. Procurar o Dr. Hilario Veiga de Carvalho, do Depto. de Medicina Legal, para que se conjugue seu interessante plano de orquestra de amadores, com os propósitos musicais que porventura venha ter a Casa de Oswaldo Cruz. E) Coral: o maestro Arquerons do Coral Paulistano, da Municipalidade, estava há tempos em contato com os estudantes da Faculdade para dar os primeiros passos na formação de um Orfeão. Houve na ocasião, apenas algumas dificuldades de ordem material. As horas dos ensaios poderiam ser à tarde, visto o maestro Arquerons ter suas noites tomadas. De qualquer modo, entrar em entendimento com o mesmo. Um orfeão da Residência de estudantes daria grande prestigio à instituição.

Assim, passamos em revista sintética as principais aspirações cabíveis no projeto grandioso da nossa “Casa de Oswaldo Cruz”. É um mundo! Mas assim é a juventude: cheia de aspirações generosas, cheia de idealismo nobre, cheia de vida. E para conter essa vida é preciso mesmo um mundo! Dr. JOSÉ ORIA
Livro docente de Histologia Embriologia

POSSE DA PRIMEIRA DIRETORIA DA SOCIEDADE DE NUTRIÇÃO E ENDOCRINOLOGIA

São Paulo, 23. de agosto de 1945.

Imo. sr. redator do “BISTURI”

Realizou-se no dia 16 de maio p. p. no salão de conferências da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo a solenidade de posse da 1.ª diretoria da Sociedade de Nutrição e Endocrinologia.

te cumprimentou dr. Atilio B. Flosi pela feliz orientação dada ao curso de Semiologia Endócrina, oferecendo-lhe um pergaminho, após o que foi feita pelo homenageado entrega dos certificados de conclusão do Curso.

Fizeram jús aos diplomas os seguintes acadêmicos: Gaspar J. Lopes, Guilherme Mattar, Masagochi Goto, Mauro



A Diretoria eleita

A novel agremiação que surge agora, mercê dos esforços de um punhado de rapazes desta nossa gloriosa Faculdade, conta na Diretoria os seguintes nomes:

Presidente Joaquim Lourenço.

Vice-presidente, Reynaldo Pascoal Russo.

1.º secretário, A. C. Pacheco e Silva Filho.

2.º secretário, Walter Bloise.

1.º tesoureiro, Osvaldo Pinto Mariano.

2.º tesoureiro, Décio Aranha Pereira.

Orador, Scharif T. Kurban.

Bibliotecária, Heda Arminante.

Abriu sessão prof. dr. Franklin A. de Moura Campos, pronunciando em seguida uma palestra na qual em brilhante síntese historiou o desenvolvimento da Endocrinologia. O conferencista prendeu a atenção da assistência, graças à beleza de oração e fluência de palavra, mostrando aos presentes quão sedutora atraente é a ciência dos hormônios.

Falou em seguida orador da Sociedade, que teceu comentários em torno da fundação das finalidades do novo órgão que acaba de ser criado.

Continuando sessão, sr. Presiden-

S. Solferini, Joaquim Lourenço, Nicolau Szasz, Moacyr Bohn Nobre, Nelson Gime-nes, Gabriel Russo, Scharif T. Kurban, Osvaldo Paulo Forattini, Osvaldo Pinto Mariano, Renato F. Mendes, Reynaldo Pascoal Russo, Remo Ruiz Tellini, Walter Bloise.

Logo depois Presidente do C.A.O.C. João Bellini Burza, em belíssimo impro-viso hipotecou apoio à Sociedade que ora se fundava, externando também sua satisfação por ver coroada de êxito mais outra iniciativa partida do seio do corpo discente da nossa Escola.

Agradecendo presença dos componentes da mesa e das famílias presentes, foi encerrada sessão pelo Presidente da Sociedade.

Como vemos colegas, a semente está lançada e caindo em terreno tão favorável como é o nosso por certo frutificará elevando ainda mais o nome e projeção científica da Escola fundada por Arnaldo Vieira de Carvalho.

Agradecendo a publicação do mesmo subscrevo-me atenciosamente

Walter Bloise — 2.º secretário.

DIA INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES

Desde 1941 o dia Internacional dos Estudantes é comemorado em todo mundo pelos estudantes detodas as raças e credos político-religiosos.

Não nos recordamos entretanto, de que tal dia tenha sido, cá entre nós festejado, si bem que, há 3 anos instituído pelo Conselho Internacional de Estudantes com sede em Londres comemorado em todo mundo com grandes pompas e festividades.

O massacre de estudantes na Tcheco-Slovaquia, levado a efeito pelos nazistas em 17 de Novembro de 1939, tornou-se em 17 de novembro de 1941, o símbolo dos estudantes de todo mundo.

De Chungking à Costa Rica, de Moscou à Delhi, os estudantes pararam seus trabalhos, para ouvirem os sinos que repicavam pelos seus colegas tchecos, mortos em holocausto à liberdade.

Em certos lugares as demonstrações foram verdadeiramente espetaculares.

Em Quito cerca de 6.000 estudantes, reunidos na Universidade Central, ouviram a palavra de seus mestres, que em eloquentes orações homenagearam os estudantes tchecos.

Durante a cerimônia fizeram-se ouvir inúmeras musicas nacionais tchecas, tendo sido queimado em praça pública a efígie de Hitler, enquanto outra foi colocada no assonho da porta principal para que todos os estudantes ao passarem, pisassem nela.

Em Havana, milhares de estudantes vieram às ruas com suas fanfarras e bandeiras. Fundou-se Federação Nacional dos Estudantes consagrando-se o dia 17 de novembro como dia de luto.

Em Costa Rica o “Consejo Estudiantil Universitario” “Federação Nacional dos Estudantes” realizaram no Teatro S. José um grandioso “meeting” presidido

pelo Ministro da Educação.

A Federação Uruguáia de Estudantes organizou em Montevideu uma “marche aux flambeaux” até a Legação Tcheca onde falaram diversos oradores.

Na Venezuela o dia 17 de novembro recebeu especial carinho da imprensa nacional que dedicou sua 1.ª página às inúmeras homenagens prestadas aos tchecos, sendo declarado feriado estudantino.

Idênticas homenagens foram prestadas na Universidade de Wellington, no Canadá.

Nos Estados Unidos as comemorações não foram menos impressionantes.

Em Nova York, Ohio University, Chicago University e outras prestaram também sua solidariedade ao dia 17 de novembro.

As escolas superiores da Suíça, Malta, Nova Zelândia e China enviaram seus telegramas de apoio.

Em Delhi foi organizado pela Federação Pan-Indú de Estudantes um grandioso programa de pezar.

Em Tebruk um grupo de soldados tchecos poloneses, que eram estudantes em suas pátrias, comemoraram juntos o Dia Internacional dos Estudantes.

A Universidade Hebraica de Jerusalem comemorou condignamente o data.

Em Moscou toda a U. R. S. S. a Organização Estudantina Komsomol realizou reuniões de pezar.

Na Grã Bretanha todas as universidades integradas na National Union of Students comemoraram o data.

Em Oxford, Cambridge, Birmingham, Lencester, Leeds, Liverpool, Manchester, Sheffield, Welsh Bangor, Cardiff, Glasgow, Edinburg, todos aderiram suas vozes ao protesto geral e resolveram instituir o dia 17 de novembro como Dia Internacional dos Estudantes, assegurando sua comemoração todos os anos.

Eleições do

D. C. para 1946

(INDEPENDENTE)



Joaquim Lourenço Para Secretário

O maior “meeting” entretanto realizou-se em Caxton Hall, Londres e contou com presença de representantes do governo e de todas Nações Aliadas, tais como: General S. Ingr., sr. secretário da Educação Mr. F. C. Douglas, o ministro da Tcheco Slovaquia, Miss Sena Chivers, da National Union of Students, Miss Claude Guy, representante da França, Mr. Olav Ritter, representante da Noruega, Mr. A. Viajeic, representante da Yugoslavia.

O Presidente da República Tcheca enviou seguinte mensagem ao Congresso:

MESSAGE FROM THE PRESIDENT OF THE CZECHOSLOVAK REPUBLIC

“In connection with your commemorative gathering today I am glad to have opportunity of emphasising the great moral and political significance of the sacrifices of November 17th, 1939. Our students on that occasion by their active resistance to the Nazi oppressors made a fundamental contribution to the fact that today, after two years, our fight has been carried so far that the defeat of Germany and Fascism are already on the way to being accomplished.

“I am here referring not only to our own struggle for liberation but to the fight for those ideals which gave birth to our freedom during the first world war and which T. G. Masaryk taught them to recognise and love; the ideals of freedom, humanity, justice and the right to live; the striving for a more perfect organisation of human society. It is such ideals which unite those Czech students who fell in the streets of Prague with the students of all the free nations of the world who are today together with you in recalling their sacrifice.

“The terrible oppression of freedom of conscience and of scientific research in our country and the closing of the Charles University, of which I was once a student and professor, and in which many of you have pursued your studies impels us all to continue in our struggle until complete victory is secured for that cause for which on November 17th, 1939, our colleagues and pupils shed their

blood.”
No final dos debates os estudantes de todas as Nações Livres reunidos, fizeram a seguinte declaração conjunta, que transcrevemos na íntegra para conhecimento dos alunos desta Faculdade:

DECLARATION OF STUDENTS FOR NOVEMBER 17th

We, students of Great Britain, all her Dominions and India, North and South America, of the U.S.S.R., Belgium, Czechoslovakia, France, Greece, China, the Netherlands, Norway, Poland, Yugoslavia and all freedom loving nations, pay homage to the executed Czechoslovak students who were the first to give the signal to mass resistance against the Nazi oppressors in Autumn, 1939, and we declare:

NOVEMBER 17th THE INTERNATIONAL DAY OF STUDENTS

We, who today form a united front against all forms of Fascism and all kinds of oppression, without any distinction of country, race, class and creed and who fight with weapons in our hands in the air, on the sea and on the land for the liberty of our peoples, bow to the memory of these heroic young victims of barbarian violence who died in the vanguard of the battle, and by their dying lit a flame in the darkness which can never be put out.

We declare that November 17th shall always be for us not only the day on which free students everywhere shall pay tribute to their dead Czechoslovak fellows and to those who are still in prison and concentration camps, but it shall also be the day when we will remember with fervent determination the ideals for which they suffered and are suffering.

Realising that the triumph of Fascism means among other things the death of culture every where and the destruction of the brotherhood of unfettered learning, we free students give our solemn promise to do all that is in our power to crush this brutal Fascist violence and to dedicate ourselves to preventing its renewal in any shape or form.

O Dr Barbato é entrevistado pelo «O Bisturi»

A Direção do “O BISTURI” também quiz contribuir para esclarecimento dos problemas do Hospital das Clínicas e nesse sentido encarregou o acadêmico Carmine Caricchio, que além de ser redator deste órgão de defesa dos estudantes, desempenha na Diretoria Burza a função de Diretor do Departamento de Ensino Médico do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”

— “Naturalmente que nos interessava era saber alguma coisa sobre as possibilidades de ensino do H. C. Nesse sentido precisaríamos conversar com alguém que estivesse ao par de todo aquele mecanismo, das possibilidades de ensino encerradas naquelas enfermarias, naqueles serviços especializados, no Pronto Socorro até naqueles corredores: (aqui também se aprende alguma coisa). A pessoa mais indicada para isso era, naturalmente dr. Ennio Barbato, Chefe dos médicos-estagiários do H. C.

O dr. Barbato, dada a atenção amigável com que trata todos os alunos da Faculdade, não se esquivou ao nosso pedido. Comprometido assim conosco, e após a exposição do que queríamos saber, obteve do professor Godoy Moreira permissão para nos atender.

Foi assim que submetemos dr. Barbato um interrogatório que nos pareceu incisivo e suficiente que ele respondeu do seguinte modo:

1 — Que acha do rendimento quanto ao aprendizado dos internos e adjuntas do Hospital das Clínicas?

— “Teoricamente as vantagens que oferece internado são evidentes por si só. Participando dos trabalhos das enfermarias pela manhã, em igualdade de condições com os médicos adidos, tem o médico estagiário restante do dia à sua disposição para acompanhar novos casos ou para estudar, sem preocupação de qualquer ordem. A presença constante de Assistentes no P. S. ajuda-o na resolução das dúvidas que possam surgir. Os plantões no P. S. permite-lhe conhecer casos de urgência em número e qualidade tais que não encontram paralelo em qualquer outra condição.

Na prática, até momento não houve nenhuma determinação do Conselho de Administração que diminuísse essas vantagens”

2 — E' possível proporcionar aprendizado útil a número de estagiários maior do que atualmente estabelecido? Qual esse número, no máximo?

— “O regulamento interno do Hospital permite a permanência de 27 estagiários, sendo 18 internos, em rodízio mensal pelas diversas Clínicas, 9 adjuntos. Estes fixos nas Clínicas Médicas (3), Ortopédica Traumatológica (1), Obstétrica (1) Radiologia (1). Parece-nos que razão dessa distribuição, em relação aos adjuntos, está no fato de serem elas as que arcam com maior trabalho fóra do período matinal. Cremos, porém, dado o carácter de aprendizado do estágio hospitalar, que deveria ser permitido, quando houvesse interessados e de acordo com o professor da Cadeira, a permanência de adjuntos nas Clínicas especializadas. Darse-ia assim a esses médicos a oportunidade de aumentar o seu rendimento científico”.

3 — Acha útil o sistema de rodízio preconizado pelo regulamento interno do hospital? Tem sido aplicado regularmente esse sistema?

— “O sistema de rodízio é de grande utilidade porquanto permite ao estagiário contato íntimo com as diversas Clínicas antes de sua fixação numa delas. Ganha assim visão mais ampla dos problemas médicos. Esse sistema vem sendo aplicado regularmente, em relação às Clínicas funcionantes no Hospital, e quanto ao seu acerto basta dizer que sua execução tem sido exigida pelos atuais internos”.

4 — Acha que os internos adjuntos têm melhorado na sua situação quanto às instalações, quanto ao tratamento e quanto às atenções por parte dos funcionários do Hospital?

— “O estágio hospitalar, nos moldes de atual, é uma inovação entre nós e como tal nem sempre bem compreendido de

“.. O treino Cirúrgico ou Médico dos sextanistas deve ser feito nas enfermarias, em paridade de condições com os médicos formados”.

início. Houve quem interpretasse como emprego público como tal, dado que valor de um emprego público é traduzido pelo salário, de importância insignificante quase que humilhante. Aos poucos foi se compreendendo fim exclusivamente desse estágio, passando a merecer estagiário a consideração devida.

Quando às instalações ainda são provisórias, mas há promessa formal do Presidente do Conselho de Administração de se dar ao estagiário instalações definitivas condignas.

5 — Acha que os estagiários têm merecido atenção devida por parte do presidente do Conselho de Administração, do Diretor Clínico do Superintendente? Nesse particular, qual a atenção dispensada ao chefe dos estagiários?

— “Pessoalmente, quer em carácter particular quer no carácter de Chefe dos Estagiários, somos devedores ao Presidente do Conselho, do Diretor Clínico ao Superintendente porquanto têm eles se excedido em atenções para conosco. Em relação à Secção de Estagiários temos tido também bom acatamento aos pedidos feitos e estamos certos de que resolvidos os problemas maiores, passará a Secção de Estagiários a ver realizadas todas as suas aspirações”



O Dr. Barbato ao lado do nosso Redator, posa para objetiva do “O Bisturi”

6 — Quais as relações de serviço que vigoram entre estagiários e assistentes principalmente em relação ao P. S.?

— “A posição do médico estagiário, em relação ao Assistente, no estado atual, é de independência administrativa absoluta dependência científica. Sob ponto de vista administrativo está o estagiário mais apto encarar os problemas sob aspecto geral ou seja, considerando o hospital como um todo. Sob ponto de vista científico, função do estagiário é estritamente de aprendizado, enquanto que do Assistente é de Ensino.

Em relação aos médicos adidos é que essa posição não está bem definida. No período matinal os médicos estagiários têm trabalhado nas mesmas condições que os médicos adidos, isto é, “tem trabalhado como médico adido” Qual, porém, sua situação em face das promoções? Tem primazia, obedecerá ao critério de antiguidade ou obedecerá a outro qualquer critério? Se prevalecer critério de antiguidade, as vantagens que adquirir no seu estágio serão em grande parte prejudicadas. Terminado estágio estará inferiorizado, em relação aos adidos, de dois anos (os dois anos de rodízio, sem enfermaria fixa), que lhe poderá ser extremamente danoso, principalmente numa enfermaria de Cirurgia. E' uma situação a esclarecer”

7 — Sugere alguma coisa no que diz respeito ao aproveitamento dos alunos sextanistas no P. S. e de outros alunos nos serviços de transfusão e de anestesia do Hospital das Clínicas?

— “Em relação ao P. S., é necessário

antes de qualquer comentário lembrar que esse Serviço não pode obedecer aos ditames comuns às outras Clínicas. Os doentes que a ele chegam não procuram espontaneamente, mas são ali levados, às vezes inconscientes. Pesa pois sobre o Hospital outra responsabilidade quando se trata de tais doentes em relação aos que o procuram e se submetem de “motu” próprio. Acresce que são doentes em condições precárias. São essas as razões que nos levam a pensar que o treino cirúrgico ou médico dos sextanistas deve ser feito nas enfermarias, em paridade de condições com os médicos formados, não no Pronto Socorro. Já com algum recurso técnico, agora como estagiário, poderá completar seu aprendizado, prestando socorros de urgência. Nessas condições julgamos que a posição atual dos sextanistas no P. S. é boa; acompanham o exame clínico, observam o trabalho dos médicos, instrumentam ajudam intervenções apenas não operam ou fazem tratamento clínico.

Quando ao Serviço de Anestesia e Transfusão de Sangue do Hospital das Clínicas, sendo eles os únicos lugares onde estudante pode aprender essas práticas, cremos que devam ter papel saliente, isto é, que possam executar essas operações, sob as vistas dos médicos especializados e após preparo teórico indispensável”

8 — Acha que na situação atual os médicos alunos têm aproveitado mais, ou menos, do que na Santa Casa?

— “Dada nossa situação somos absolutamente suspeitos em responder esta pergunta”

Foi assim que o dr. Barbato nos respondeu.

Naturalmente, última pergunta não foi respondida e nós que também já frequentamos a saudosa “Santa Casa” e estamos frequentando ainda bem como H. C.; confessamos que se estivéssemos no lugar do dr. Barbato que lá passou todo seu curso, também encontraríamos dificuldades em atender a um repórter que abordasse esse ponto.

Vemos pelas respostas que acertamos na escolha do entrevistado.

O dr. Barbato que gentilmente nos acatou, valorizou imensamente a sua entrevista pela sinceridade com que se houve conduzir, vista mesmo do nosso pedido no sentido de que deixasse de lado sentimentalismo que a nós, estudantes, lhe dedica.

Louvamos seu conceito sobre os sextanistas, pois do mesmo modo como já tivemos oportunidade de externar nesse mesmo jornal, dr. Barbato acha que aluno do último ano deve agir nas enfermarias como médico, para sair de fato como tal, e não apenas lhe ser permitido agir como médico após a cerimônia de formatura; neste último caso que é que acontece, o aluno se transforma em médico, adquire experiência conhecimentos, de um dia para o outro após ter cumprido a formalidade de formatura.

Oportunas foram também as suas considerações quanto à permanência de adjuntos nas Clínicas Especializadas, quanto às instalações para os estagiários, no que diz respeito às promoções de médicos adidos e sobre as possibilidades dos alunos no Pronto Socorro e nos serviços de transfusão e anestesia do Hospital das Clínicas.

Como aluno da Faculdade em nome do “O BISTURI” e do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” queremos tornar público o nosso agradecimento pelo carinho atenção que dr. Barbato dispensou tão importantes problemas.

“CAMPAHA DA BOA ALIMENTAÇÃO”

(Conclusão da pág. 23)

uma Campanha de Alimentação, que visa ministrar princípios básicos alimentares por intermédio de estudiosos no assunto. Pretendemos ainda mais, organizar uma publicação de ordem científica com artigos recolhidos dos mais esclarecidos mestres na questão. Está no programa desse movimento trabalho de incentivo à horta doméstica”.

O INQUERITO DA MERENDA ESCOLAR

Interrogado pelo repórter respeito do problema da alimentação em face da mortalidade infantil enorme existente em nosso país, o sr. Nuno Braga depois de afirmar que serão feitas várias conferências sobre alimentação das crianças, nos informou:

— “De nossa parte vemos na alimentação da criança uma faceta seria do problema e atentos ela promoveremos um inquerito da merenda escolar. E provavelmente desse inquerito retiraremos dados que falem a favor dos cuidados e medidas de proteção à criança brasileira.

Encerrando suas declarações nosso entrevistado disse: — “Manteremos o contacto com imprensa, e tudo que julgamos útil à coletividade merecerá nosso empenho trabalho. Queremos consignar os nossos agradecimentos ao sr. Francisco Rizzini que nos cedeu alguns minutos na rede Ipiranga, ante cujo microfone serão pronunciadas diversas conferências sobre assuntos de nutrição. E' oportuno também registrar os melho-

res agradecimentos ao Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina que vem nos emprestando marcado apoio orientação; ao Departamento de Higiene Alimentar da nova Faculdade de Higiene e Saúde Pública; à Sociedade de Gastroenterologia Nutrição; ao Departamento de Saúde; a todos os médicos que vêm cooperando no movimento médico-social que Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” está organizando”

O Departamento de Medicina Social friza bem que sua Campanha da Boa Alimentação não se restringe apenas ao setor educacional, qual não deixa de ser de grande importância, mas tem por finalidade também estudar alimentação dos escolares que constituem esperança da nação; visa também o incentivo à pequena horticultura, meio econômico de se obter uma alimentação sadia; procurará enfim perseguir a opinião dos principais nutrilogos brasileiros a respeito do problema da alimentação no Brasil para encaminhá-las aos dirigentes da Nação. Não nos limitaremos portanto, aconselhar ao povo o consumo da carne, do leite dos ovos, pois estamos bem cientes de que ele não tem meios de adquiri-los como também é difícil encontrarlos. Abordaremos, conduzidos pela nossa Comissão Orientadora, tanto as faces científica educacional como também face econômica da questão.

No 25. aniversário da morte do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho

O professor Eurico da Silva Bastos, catedrático de Clínica Cirúrgica da nossa Faculdade de Medicina, ao discursar durante a comemoração verificada no jardim da Faculdade, disse, entre outras coisas, o seguinte:

“Assim a transformação, antes a recriação da Santa Casa, a fundação do Instituto Vacinogenico, das Sociedades jornalísticas, do Instituto de Radium sobretudo a sua obra máxima, o seu climax: Faculdade de Medicina. Ai é de ver a segurança, a prudência, o tato, diligência, a desambição, tudo provendo, tudo organizando, fiscalizando tudo, num belo exemplo de idealismo para criar no nosso meio, com o auxilio dos que lhe parecerem mais categorizados, o núcleo germinativo de uma grande obra, do seu grande sonho.

A obra do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho neste particular, é a do desbravador de terras virgens, do bandeirante que ele foi no bom sentido, do conquistador. Esse olhar aquilino, essa inquietação, essa sede de água nova, esse desejo de novas coisas, isso que faz os pioneiros e os descobridores, era a sua principal característica.

Pelo seu dinamismo cultural, pelo seu forte sentido de solidariedade humana, pela sua ansia constante de renovação ele pertence à mesma linhagem de J. B. Murphy, de Mayo Robson, de Lord Moy-niam, dos irmãos Mayo todos aqueles que foram em regiões diversas, os heróis e os santos da nova cirurgia, legítimos benfeitores do género humano. Dessa cirurgia que ele exerceu com uma grande proficiência e maior ternura, constituindo-se um dos pontos mais salientes da cirurgia nacional do seu tempo.

O dr. Arnaldo era um homem de caracter, na plena força da expressão. Isto é, um homem de princípios, sacrificando todas as conveniências a esse código de humanidade tão difícil de ser preservado no meio do progresso material e intelectual. Não que eu pense ser a civilização moderna incompatível com carac-

ter, nem que hoje, como ontem, não haja homens de caracter em meios civilizados ou primitivos. Mas é mais difícil ter caracter à medida que cresce este progresso material e intelectual. Cria-se um clima de aceitação, de coexistência, de ecletismo, de política que torna árdua a vida dos homens de caracter. Ainda sob esse angulo avulta a sua forte personalidade que transborda da ética profissional inatacável para se expandir em nobres campanhas patrióticas, na liga nacionalista de que foi vice-presidente.

Quanto aos defeitos do dr. Arnaldo eles só podem ser considerados à luz das idéias do seu tempo dentro do seu meio. Seus excessos pertenciam ao período de transformação em que viver.

Outra razão para esses defeitos é o seu temperamento de reformador. Não esqueçamos que o dr. Arnaldo o era na plenitude de expressão — reforma dos métodos — reforma dos conhecimentos — reforma nos sistemas e, no caracter de todo reformador, há uma certa musculardade, uma certa rudeza reserva, companheiros da sinceridade da crença da força dos sentimentos.

Nesta casa que ele fundou e dirigiu superiormente, sempre empolgado por um largo e profundo sentido de responsabilidade, procurando incutir-lhe como conseguiu à custa de desprendimento sem menor sentimento de vaidade pessoal um clima de cultura original, quanto lhe devemos, sem o saber, todos os da actual geração?

Ao iniciarmos nossas atividades, já não tivemos que travar as mesmas lutas. Encontramos o caminho desbravado. Já podemos, sem risco, afirmar como postulados o que lhe custara tanto impôr como possibilidade.

Percorrido o espaço aberto por ele na nossa frente, podemos tomar outras direções, mas a cada momento distinguimos traços da sua passagem. Ele ocupa, definitivamente, o centro da Faculdade de Medicina de São Paulo”.

tua representante das idéias regeneradoras que enobrecem a humanidade, interrompe o silêncio da indiferença universal para pregar ás sociedades descrentes a fé e a esperança no futuro, nesses momentos solenes em que a inspiração refere em todos os espiritos, em que as idéias se engrandecem e santificam pela convicção, e a palavra vivificada pela sinceridade levanta-se magestosa, enérgica, irredutível, só os homens vis cerram os olhos á luz interior, e não se atrevem a confessar verdade que lhes queima os lábios. Eu, pois, como irmão vosso, eu que não creio senão no futuro, como o asilo do direito da liberdade, abomino a restauração do passado como um crime contra as leis eternas, não posso resistir ao impulso que me arrasta a deramar em vossas almas o amor, as esperanças, as inquietações os receios que me preocupam nesta hora. Falarei, pois, tranquilo, certo de que a mocidade que professa a franqueza como uma religião, e venera a consciência como um santuário, não condenará jamais a expressão leal de uma criança sincera enérgica.

Senhores! Desde os tempos heróicos da história, logo que as tendências inatas do género humano começaram a desenvolver-se em aspirações vagas, inconsistentes, desde que as faculdades sociais do homem principiaram a revestir-se de um caracter mais amplo, mais vivaz, mais civilizador, desde que a família patriarcal entrou a ramificar-se na tribo, e tribo a converter-se em nação, desde que a índole exclusivista, odienta, feroz das gerações primitivas deixou a sua rigidez selvagem para transformar-se ao influxo do espirito comum, um instinto profundo como a natureza, impetuoso como as fatalidades arrebatadas para um ideal superior, para um destino comum, destino vago, remoto, progressivo, mas evidente e infalível. Esta unidade de nossos destinos tão patente no meio das transformações históricas, das vicissitudes dos séculos, da sucessão dos acontecimentos, como a identidade da natureza humana entre a opulenta variedade das raças, dos idiomas, dos caracteres, das aparências físicas, esta lei que constitui a base de toda a ciência histórica, enlaça-se intimamente com outra lei, igualmente santa, universal, indestrutível, a emancipação absoluta do espirito humano.

Condenar a liberdade é negar a solidariedade providencial dos povos, das raças, das gerações, é regeitar a perfeitibilidade humana, e o embrutecimento é a imobilidade, degradação, a asfixia moral; cativar a uniformidade intrínseca do desenvolvimento humano é justificar a opressão porque não há liberdade sem progresso, sem aperfeiçoamento, sem harmonia.

A chave do futuro é, pois, a liberdade, principio maravilhoso que senhorea as tendências do nosso espirito, que esclarece os instintos do nosso coração, fecunda o nosso trabalho, depura as nossas paixões, ilustra as nossas crenças, alimenta os nossos esforços, que confraterniza todos os homens pelo amor, pela dedicação, pelo sacrificio, que engrandece as nações, pela atividade, pela paz, pela justiça e pela instrução. O principio do futuro é democracia.

NOTICIAS DE ÚLTIMA HORA

Por P. Y. 2 (enviado especial)

R. PRETO — 5 (H) — Passou por esta cidade nesta madrugada tremendo furacão. Faltam noticias mais detalhadas.

R. PRETO — 5 (AP) — Os meteorologistas, afirmam que não se trata de um furacão, mas sim de movimentos cataclísmicos. Reina confusão nas afirmações.

R. PRETO — 5 -- Urgente (R) — Não se trata nem de furacão, nem de movimentos cataclísmicos, causa é ainda ignorada. Pensa-se na aproximação de um meteorito. Espera-se confirmação.

R. PRETO — 5 (H) — Os estragos, até o presente conferidos são: Desaparecimento de grande número de cartazes de propaganda, desaparecimento de lâmpadas elétricas, de vidros, alguns dos quais já foram encontrados em miserio estado. Desapareceu, “em grande estilo” o alto-falante da porta do Cine R. Preto. Bancos da Praça Rui Barbosa foram virados de pernas para o ar. Desabou forte torrente de água na porta do Hotel Terminus. Os guardas-noturnos estavam todos “na água”

R. PRETO — 5 — Urgentissimo — (AP) — De momento a momento novos estragos são encontrados, assim apareceu a Placa do Café Bom Gosto, nadando no fundo do lagozinho. Nos telhados das residências foram encontrados tampas de gasogênio. Desapareceram várias placas da G. N. assim como de números de casas.

R. PRETO — 5 — Ultra urgentissimo — (R) — Apareceu, também em grande estilo, uma parte do alto-falante, no fundo do lagozinho, e outra empulerada em uma árvore da praça pública.

R. PRETO — 5 (H) — Parece que esse fenômeno passou ainda por IBIRA e pelo leito da E. F. Araraquarense, pois foram notadas várias cousas fóra de seus lugares, como paliteiros, toalhas, talheres, etc., etc.

R. PRETO — 5 — Urgente — (AP) — Acabam de se reunir em conclave secreto, todos os “sabidos” desta terra, para o estudo das causas deste desastre.

R. PRETO — 5 — (R) — Ainda não chegaram a nenhuma conclusão, após três horas de reunião os sabidos.

R. PRETO — 5 — (H) — Há seis horas e trinta e cinco minutos que a reunião começou e só agora é que se chegou ao conhecimento dessas causas.

R. PRETO — 5 — (AP) — A CAUSA DE TANTOS ESTRAGOS É SEM DÚVIDA ALGUMA DEVIDA A AÇÃO DESTRUIDORA DO “FENÔMENO” DENOMINADO POMPOSAMENTE DE COR-DÃO DA BAIXARIA.

Nota da redação: Qualquer semelhança entre esse “fenômeno” e um tal “COR-DÃO DA BAIXARIA” que existe em nossa Faculdade é “PURA E MERA COINCIDENCIA...”

UMA ORAÇÃO DE RUI BARBOSA AO TEMPO EM QUE ERA ESTUDANTE EM S. PAULO

Senhores associados.

Elevando-me pela vossa espontânea eleição, ao alto e espinhoso cargo de presidente do Atheneu Paulistano, vos submetestes as minhas forças a uma provação suprema decisiva, lançando-me sobre os hombros o peso esmagador da mais honrosa, mas ao mesmo tempo da mais séria, da mais difícil, da mais arriscada missão. Confundido perante imensidade de vossa benevolência e a profundeza de vossa generosidade, eu mostraria desconhecer a gravidade da minha situação, se vindo sentar-me nesta cadeira enobrecida por tão antigas e gloriosas tradições, procurasse exprimir a minha dedicação e meu agradecimento com as formulas desbotadas triviais da etiqueta. Não quero prometer, porque sinto-me aniquilado

diante do empenho que tomei convosco; não venho patentear-vos a minha gratidão, porque não é com palavras mas com o esforço que se responde a um testemunho de tão elevado apreço. Limito-me, pois, a suplicar o vosso apoio, vossa benignidade, a vossa confiança, para que minha capacidade possa atingir a altura dos meus desejos e da empresa que me incumbistes. Cumprido este dever que me impunha minha fraqueza e consideração com que me honrastes de que eu participe também desta grandiosa comunhão intelectual, que eu me engolfe convosco nas entranhas deste vasto oceano de idéias que agita as especulações da filosofia, as necessidades do século os interesses do nosso país.

Senhores! Quando a mocidade, perpé-

DIRCEU DORETTO

Para Secretario Geral do D. C.

Prof. Dr. Antonio Dacio Franco do Amaral



A habilitação de Antonio Dacio Franco do Amaral, no concurso que prestou, em Março de 1945, de docência-livre da Cadeira de Parasitologia, foi o coroamento de uma vocação moça que vicejou á sombra desta nossa Faculdade de Medicina.

Modesto e culto, Dacio do Amaral labuta desde 1929, ano em que se diplomou em Medicina, galhardamente, como clínico antes, depois como homem de laboratório, engrandecendo o ramo da Ciência que abraçou.

Como amigo impõe-se pela delicadeza empenho que faz para corresponder á confiança que nele depositam, recebendo, no socego da sua sala de estado, a todos, cordialmente, animando e aconselhando os que o procuram.

Como professor ministra com honestidade e sabedoria as aulas que lhe são destinadas, acorçoando todas as iniciativas, ou resolvendo pacientemente as dificuldades com que, muitas vezes, se veem á braços os seus alunos.

Na pesquisa no estudo dispense ele o melhor de suas energias abrilhantando aluminosa esteira traçada pelos maiores da Parasitologia nacional, mesmo estrangeira.

Por tudo isso, Dacio do Amaral, grangeou de todos os que o cercam o respeito e a admiração de que é merecedor.

A ele, pois, as homenagens de seus alunos e amigos, com os votos de um futuro brilhante, que já se delinea, no obscuro e tortuoso destino dos Homens de Ciência.

*

ANTONIO DACIO FRANCO DO AMARAL nasceu na Capital do Estado de S. Paulo, aos 27 de Janeiro de 1905. Matriculando-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, entrou ininterruptamente os seis anos desta Faculdade de 1924 a 1929, defendendo etse de doutorando em 5 de Abril de 1930, obtendo aprovação com grande distinção.

Depois de exercer suas funções como clínico geral e de Medico-legista na Capital e no Interior do Estado, foi indicado pelo Prof. Samuel B. Pessoa para o cargo de 2.º Assistente da Cadeira de Parasitologia desta Faculdade de Medicina em fins de 1936, e, em 1942 foi nomeado 1.º Assistente-substituto da mesma cadeira. Em 1944 foi exonerado do cargo de 2.º Assistente, para ser nomeado 1.º Assistente em comissão.

Em 1940 foi eleito 2.º Secretário da Secção de Higiene, Molestias Infecciosas e Tropicais, da Associação Paulista de Medicina, sendo reeleito em 1941, e, em 1942, exerceu o cargo de Presidente da mesma secção, para a qual foi eleito. Concorrendo a uma vaga de socio titular na Secção de Ciências Aplicadas á Medicina, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, foi eleito para a mesma.

Em 1943, concorrendo ao Premio Oficial da Academia Nacional de Medicina, foi agraciado com a medalha de Prata e diploma respectivo.

Prestando concurso para Docente-

Literatura brasileira

II ESCOLA ROMANTICA (1830-1870) — A POESIA

O gênero poético no Período Romântico, verdadeiro período de renovação de nossa literatura, marca a prodigalidade de paixão pela dor pelo ideal da alma brasileira, no movimento de liberdade dos espíritos da disciplina moral e intelectual do classicismo.

Sofreu também a nossa alma todo o palpar do movimento de reorganização que tinha que vir, na Europa, após a derrota das velhas concepções do Estado da sociedade, no século XVIII e nas guerras do princípio do século XIX.

Caem os ânimos exaltados e febris, dellantes cheios de pujança, da revolução de 89 e da epopéia napoleônica numa época de lamurias e queixas, "um sentimento permanente de melancolia invadiu todos os corações"

Já às massas não mais interessavam os moldes os escritos da alma antiga, era mistér um pouco de sombra e ermo para ambiente desse novo sentimento que se instala.

A existência do poeta devia ter algo de excepcional extravagante, "a sensibilidade, enormemente mórbida, de Werther, é padrão da sensibilidade do momento".

E êxito popular desse novo movimento que se afirma mostra exaltação imaginativa do público diante dos conceitos falhos imprecisos; deixa notar vontade de todos se subjugarem aos "caprichos às extravagâncias do autor, livre da vontade do público"

Inicia-se novo movimento de divórcio dos moldes e ideal clássicos de liberdade do individualismo, com Goethe, Schiller, Klopstock, na Alemanha, no último quartel do século XVIII; irradia-se daí para Inglaterra França e desta vem até Brasil.

Aqui, em nosso meio encontra essa nova atmosfera um dos ambientes mais propícios, levantando-se com caracteres próprios, dando nos independência literária.

Aparece assim em nossa poesia realização de um jogo de belezas, toda uma gama de aspectos variegados, desde sublime ao grotesco, desde sorriso à lágrima.

E em todos os três tempos da criação poética de que nos fala Bilac, traduzem os nossos poetas românticos a sublimidade reverencial de nosso ambiente, de suas paixões, da exteriorização de seus anseios.

Encostramos em nosso período romântico poesias as mais belas, orientadas por pensamentos paixões variáveis, com influências diversas provocando vibração detodas as cordas da alma brasileira.

Assim vamos encontrar inicialmente Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Teixeira e Souza, Varuhagem e outros, tendo havido antes um período de transição, o que é muito natural, no qual Silvio Romero filia Maciel Monteiro, Odorico Mendes Salomé Queiroga.

A poesia de Magalhães é inspirada na natureza, na pátria na religião, sendo esta última a preocupação mais frequente, traço predominante de sua eloquência.

Vem após Gonçalves Dias com as tintas coloridas da representação da natureza, "aquele que vos integrou na própria consciência nacional", um dos criadores do indianismo", mais alta eminência do primeiro romantismo brasileiro" Diz-se que foi um poeta da natureza isto constitue uma verdade palpante em suas obras. Celebrizou o índio nos "Timbiras" na "Canção do Tamoio" e no "Juca Pirama"; chorou o africano na "Escrava"; português de canção nas "Sextilhas de Frei Antão"

Enquanto isso toma caracter diverso a nossa poesia com Alvares de Azevedo, Laurindo Rabelo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. Mostraram-se ães todos tristes e desalentados, sendo traço fundamental de seus espíritos "vontade da doença", dúvida inquietante, exteriorizando em suas poesias imprecações contra vida, diante da qual mostraram-se fracos desalentados.

Finalmente, encontramos Tobias Barreto e Castro Alves, criando uma nova feição de poesia social, ardorosa emotiva, com chamada escola condoreira.

A. B. B.



Ten. Florismundo P. Zaragoza

Homenagem

Circulo vicioso

J. C. ARAUJO

Deitado sobre um banco, o olhar triste o [parado] corpo exausto e vencido, alma cansada [morta], pensava: — "ah! quem me dera um pá-lácio encantado banquetes sobre as mesas sedans á portá"...

Deitado sobre um leito de seda, alma [inquieta], a cabeça escaldar em mil preocupações dizia: — "ah! — quem me dera ter nascido um poeta, viver para o amor, de sonhos e ilusões!"

Debruçado á janela, olhos no céu profundo, ele escrevia um poema [comovido] assim: — "Se eu tivesse nascido aquele vaga-lum [ubndo] talvez que não sentisse a dor que há dentro em mim!"

livre da Cadeira de Parasitologia, foi habilitado pela comissão examinadora.

O Prof. Dacio do Amaral pertence ás seguintes agremiações científicas: Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, socio titular. Associação Paulista de Medicina.

Sociedade Paulista de Historia de Medicina, socio-titular-fundador.

Sociedade de Serviço do Prof. Celestino Bourreul.

Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

E' autor de um grande numero de trabalhos, publicados em varias revistas científicas do País, com os quais deu uma preciosa colaboração á Parasitologia nacional.

Carta de aniversário

"Que queres que eu te diga no dia do teus anos? que os da virgem, são como as manãs das flores? e que na aurora da vida, flores e donzelas cintilantes do orvalho de Deus, tem mais pureza e perfume?"
 Não, disse o poeta.
 Mas eu digo sim.
 Sim... Porque nesta nesga do céu, onde as andorinhas cruzam e re cruzam o espaço, onde as estrelas sempre brilham e a lua derrama sua luz cristalina e romântica, sobre um casal de namorados aconchegados num banco de jardim, onde o ruído de bronze rompe-se no espaço, chamando os síris para o culto, onde a terra é fértil e a vida alegre, só se poderia responder sim.
 Campinas é um jardim florido!
 E tu o que és?
 Uma linda rosa,
 a mais linda rosa entre as rosas lindas!
 Mas o vento furioso só esperou que a rosa se formasse, soprou forte, e a flor caiu na torrente da vida.
 Vê! a mocidade é como a flor, breve, muito breve, e beleza é como a fragância da rosa, efêmera e frágil.
 Mas a flor perdendo as pétalas transformar-se-á nu ramo inerte, tua beleza ficará sempre na rotina do meus olhos, a lembrança de teus gestos, de tuas frases, de tudo que há em ti, traz sempre um pouco de alegria ao meu coração já triste.
 E os anos passarão,
 e os teus cabelos ficarão cor de prata, brancos como o luar!
 Então, quando abraçar uma velhinha meiga, virtuosa, talvez bela, lembrarei duma linda rosa,
 e mais linda rosa entre as rosas lindas,
 e meu coração já triste, ficará um pouco alegre...
 Setembro de 1940

L. FERRÃO

" SECÇÃO LIVRE "

Chapa Assumpção

ELEIÇÕES DE 1945

Presidente - Irineu Teixeira de ASSUMPÇÃO

Vice-Presidente - Orfeu Gilberto D'AGOSTINI

1. Secretário - Aurelio FALCÃO Ruiz

2.º Secretário - Paulo PRATA

1.º Tesoureiro - Ernani S. BERNARDINELLI

2.º Tesoureiro - Orlando INFANTE

1.º Orador - ÁLVARO da Cunha Bastos

2.º Orador - Augusto José ESQUIBEL

Diretor de Esportes -

Francisco de Paula Santos ABREU

Departamento de Assistência ao estudante

Prof. Ernesto de Souza Campos

Nestes últimos cinco anos muito me tem preocupado problema de criação de um departamento de assistência ao estudante. Seria organização capaz de atuar em todos os sentidos, de ordem moral, intelectual e material. Teria como exclusivo objetivo o de promover os meios capazes de solucionar ou orientar miríades de questões que asoberbam nossos jovens acadêmicos principalmente os que, sendo oriundos de cidades do interior ou nelas residentes, procuram nos grandes centros as casas de educação superior.

Existem no estrangeiro numerosas instituições que se devotam a este mister.

Nos Estados Unidos elas são de vários tipos e eficientes.

Entre nós é impressão corrente de que todo o americano é rico. Seus filhos estariam, portanto, a coberto das necessidades de ordem material. Entretanto, a realidade demonstra que muitos dos estudantes daquele grande país trabalham para sua manutenção. Vejamos este conceito com as próprias palavras de Robert Lincoln Kelly (Tendencies in College-Administration — The Association of American College — New York).

"Many students in all universities, most students in many, work to help pay their way through college"

Em certa ocasião esta circunstância ocorria com 85% dos estudantes de uma escola. Outras acusaram porgetangens de 68% de 60%.

Em muitas instituições organizaram-se serviços destinados a indicar colocações para os estudantes em atividades que não interferem com frequência aos cursos. Inscrevem-se os estudantes que desejam tais ocupações e recebem, então, a lista dos lugares disponíveis, muitas vezes correspondentes aos períodos de férias de empregados ou funcionários.

Em Yale, uma estatística assinalou 40 por cento de inscritos em um ano letivo, no "University Bureau of Appointments".

Em um ano escolar Universidade de Columbia registrou terem seus escolares recebido de vencimento pelos cargos que ocuparam a quantia total de 300.000 dólares. A de Nova York, no mesmo período de tempo assinalou 1.250,00 dólares com que foram beneficiados 1.305 estudantes.

O "employment and Placement Bureau" da Northwestern anunciou 2.000.000 de dólares como total recebido pelos estudantes colocados por essa organização.

Os estudantes americanos não se sentem vexados em exercer as mais humildes tarefas. Todo o trabalho é digno. Preocupam-se apenas em obter pelo seu próprio esforço, os recursos suficientes para melhorar o seu nível de vida de profissão.

Pertencem um país onde atingiram altas posições homens que começaram exercendo os mais ínfimos misteres. Basta recordar caso de Lincoln, figura de alta projeção no cenário americano, direi mundial. Poderei mencionar neste particular as seguintes profissões temporárias exercidas por estudantes: repórteres, organistas, músicos de orquestras, cantores de coro, guarda-livros, arquivistas, bibliotecários, bilheteiros de teatros, cinemas estradas de ferro, encarregados de vestiários, indicadores de cinemas, motoristas, garçons, camareiros, acensoristas, caixeiros em armazéns e outras casas comerciais, operários agrícolas industriais. As moças que trabalham para estudar exercem geralmente profissões caseiras, de camareiras, garçonetes, costureiras, governantas. Exercem, também, encargos de caixeiros de armazém de outras casas de negócio.

A "Women's Educational and Industrial Union" verificou certa vez, que 35% dos alunos que trabalham para estudar na Universidade de Boston Colégios anexos, exerciam os encargos de empregadas em casa de família.

Em certos casos recebiam, como recompensa, quarto, comida, dinheiro para transporte. Outras percebiam, além disso, um a dois dólares por semana.

Conta Kelly que as jovens americanas dão preferência aos serviços domésticos. A relação dos empregos para estudantes

alcança mais de cem tipos de trabalho. Vários estudantes recorrem a um esforço intenso, de tempo integral, durante as férias. Deste modo podem consagrar todo seu tempo aos estudos no período dos cursos.

Não se preocupam com o volume e natureza das tarefas. Empregam-se, por exemplo, nas colheitas onde percebem três a quatro dólares por dia, além dos retêções.

Dest'arte:

"any young man or woman, who does not have home obligations which prevent, may work his way through almost any american college".

Todavia não assumem tarefas de grandes responsabilidades durante o período de aulas que é reconhecido como pernicioso ao trabalho escolar (is recognized as injurious to scholars life).

C. S. Marsh em seu livro "American Universities and Colleges" conta que algumas instituições como a Universidade de Cincinnati, por exemplo, desenvolveram um plano cooperativo. Formularam períodos alternados de aulas e trabalho. Algumas semanas são dedicadas aos cursos outras aos trabalhos de onde o aluno retira os seus proventos materiais.

Em algumas casas de educação foram instituídos planos industriais. Os trabalhos de toda a espécie de que a instituição necessita são efetuados por alunos que, dest'arte, têm custo de sua vida escolar bastante reduzido.

Existe uma organização conhecida pela abreviatura NYA. E' a Nation Youth Administration. Presta auxílio ao estudante. Seu programa prevê empregos de tempo parcial, com salário, para os alunos de idade entre 16 a 24 anos de modo permitir que possam estudar.

Qualquer colégio de bom renome pode solicitar a assistência do NYA em benefício de seus alunos.

Os trabalhos compreendem investigações, inspeções, estudos estatísticos, serviços públicos, serviços religiosos, construções equipamento de pequenos edifícios, etc.

Sempre que possível encargo se relaciona com a futura profissão do candidato.

Em 1940 a NYA estava em condições de auxiliar 170.000 estudantes em colégios e universidades. Na descrição das atividades universitárias norte-americanas encontramos um capítulo com este título: "Student aid" -- ou auxílio do estudante.

Vejamos alguns dos algoritmos no que se refere aos empréstimos ao estudante.

Em 1940 a Universidade de Chicago dispunha de 175.000 dólares para tal fim; a Stanford, Califórnia, dispunha de 122.796 dólares; a Colúmbia (Nova York) possuía 894.291 dólares; Duke Univ. (Carolina do Norte) tinha 1.400.000 dólares para empréstimos, fellowships e scholarships, etc.

Os auxílios concedidos por intermédio da Universidade não se limitam aos empréstimos e empregos.

Para uma idéia tomemos alguns exemplos de atividades deste gênero desenvolvidas por universidades.

A Colúmbia em um período letivo proporcionou, além dos empréstimos por conta dos fundos já mencionados, 1.400 fellowships e scholarships de 100 a 2.000 dólares, cujo total, abrangendo os empréstimos, chegou a 595.381 dólares.

Na mesma ocasião a NYA auxiliou 490 estudantes dessa universidade com 46.817 dólares.

Um antigo aluno da Escola Médica da John's Hopkins University promoveu uma campanha destinada a angariar fundos para "scholarships". Sua idéia encontrou eco e apoio no "Advisors Board". Foi constituída uma comissão com um representante de cada turma de diplomados. O plano foi lançado em 1941 e limitado exclusivamente aos antigos alunos. No ano seguinte estava já registrada soma de 15.903,75 recebida de 848 subscritores. A Escola Médica deu 3.500 dólares e John's Hopkins Medical.

Atingiu total de 20.000 dólares.

Não preciso ir além.

Fato interessante é revelação de que

jovens dos dois sexos que venceram dificuldades financeiras pelo trabalho, ocupam posições em altos cargos receberam grandes hourarias na vida profissional pública.

"and yet many men — and women — occupying high positions of trust and honor in American business professional, and public life, "worked their way through college"

Dez por cento dos que se mantiveram pelo trabalho em Yale (Phi, Beta, Kappa) deram homens de extraordinário valor na vida prática.

Durante minha permanência na Universidade de John's Hopkins em Baltimore, Ma., observei muitos casos semelhantes. Em dada ocasião, um grupo de estudantes de medicina engajou-se, durante as férias, em navios que transportavam gado de raça para a Europa. Tiveram de cuidar dos animais durante a viagem. Trabalhando e ganhando fizeram excelente e ilustrativa excursão. Conheceram vários países. Alguns adquiriram microscópios para seu uso. Esta foi a primeira vez que vi um microscópio binocular. Era novidade, naquela época. Foi trazido por um dos alunos, aliás, filho de um secretário de Estado norte-americano.

Em navio que transportou minha família dos Estados Unidos para Brasil, vi-nham vários estudantes entre os membros da orquestra como garçons.

Meu filho que se achava na escola primária em Baltimore, em 1921, observando lista em que sua professora indicava os lugares disponíveis durante as férias escolares, pressuroso (levado pelo ambiente), o mister de entregador de mercadorias do armazém que ocupava a esquina do nosso quarteirão. O americano, jovial, bom esportista, bem humorado aceita todos os encargos sem considerar quebra de dignidade realização de um trabalho honesto, ainda que rude de humilde aspecto.

Nosso ambiente é diverso. Todavia a utilização de empregos, compatíveis com assistência aos cursos, pode se verificar dentro de outros moldes.

Não resta dúvida, porém, que será de grande vantagem estabelecer um sistema capaz de proporcionar boa oportunidade aos nossos jovens estudantes. Um acurado estudo do caso pode estabelecer um regime compatível com as nossas condições. Seria interessante por exemplo, examinar possibilidade de substituições de funcionários empregados durante suas férias regulamentares. Tais férias, poderiam coincidir com o período em que as escolas estejam fechadas.

Ocupações que possam ser desempenha-

das fora do horário escolar são proveitosas para o caso.

Impõe-se minuciosa análise da questão para lhe dar solução adequada.

Existem já no Brasil algumas organizações que visam auxiliar estudantes. Na Bahia, em Belo Horizonte, em São Paulo no Rio de Janeiro já se formaram núcleos ou instituições devotadas a esta prática de amparo ao estudante menos protegido da fortuna. Constituíram-se casas de estudantes no Rio e em São Paulo, com este propósito.

Na Universidade de Minas Gerais tem sido incansável e eficiente-sima atuação do meu eminente amigo professor Ba-tista Viana quem quero render, neste momento, justo preito de admiração pela obra realizada.

Um grupo de abuegados engenheiros de São Paulo estabeleceu recentemente "Fundação de Auxílios a Estudantes Técnicos" Essa instituição filantrópica foi instalada em assembléia geral 11 de novembro de 1943.

Com entusiasmo recebi esta notícia e comunicada pelo meu prezado amigo colega Francisco Machado de Campos, presidente da benemérita instituição que conta, entre seus administradores, os engenheiros Edgar de Sousa, Antônio Carlos França Meireles, Argemiro Couto e Barros, Antônio Prudente de Moraes João Caetano Álvares Júnior. Foi constituído um capital de 600.000 cruzeiros "com o fim de incentivar os estudos de engenharia e formar técnicos em nosso país" Reza o artigo 19.º dos seus estatutos, formulados por escritura pública que "a cooperação com o estudante se feita mediante empréstimo resgatável sem juro" Para obtenção do empréstimo as condições essenciais são as seguintes: deficiência de recursos, boa moral e certificado de primeiro ano da Escola, feito em condições de destaque.

O contrato de empréstimo poderá ser rescindido pela diretoria quando houver má conduta moral ou mau aproveitamento nas provas anuais dos cursos. Obtido diploma cessa o empréstimo. O início da vida profissional indica o começo do seu resgate. Este será feito em parcelas que não onerem o custo de vida do contratante.

Seguro conveniente prevê os casos de não restituição por morte ou invalidez. Assim, estudante recebendo sua mesada não se coloca na posição de quem está sendo alvo de caridade alheia. Recibe com dignidade empréstimo pois tem a certeza de que restituirá sua totalidade acrescida da módica percentagem que lhe couber para serviço do seguro.

Com esta prática o capital mantém-se

Calçados inconfundíveis

CASAS BRISTOL

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 54
RUA 15 DE NOVEMBRO, 118 AVENIDA RANGEL PESTANA, 1531

intacto podendo beneficiar outros, indefinidamente. Crescerão os fundos pela adição de novas doações de altruistas. Concorrendo para tal fim estarão os doadores seguros de que sua dívida se multiplicará, anos em fora. Proporcionará novas oportunidades aos seus jovens patriotas com aptidão e vocação para as carreiras em que se empenham. Os estatutos da F. A. E. T. são um modelo de circunspecção, dignidade e elevação moral.

Dentro dos seus moldes qualquer membro da “mocidade brasileira do Estado de São Paulo ou cujas famílias ali residam”, podem, sem qualquer constrangimento, solicitar empréstimo para realização de seus estudos de engenharia ou outros de caracter técnico com ela relacionados”

As associações estudantinas também se ocupam com obras deste gênero.

No Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo existe o Departamento Beneficente Arnaldo Vieira de Carvalho que presta assistência econômica aos estudantes necessitados de auxílio.

Faz empréstimos em dinheiro. Consegue isenção de taxas escolares e obtém emprego.

As concessões são feitas sob sigilo por uma comissão de seis estudantes, presidida por um professor catedrático.

As associações de antigos alunos dos estabelecimentos de ensino da Universidade de São Paulo têm cuidado do problema.

A pioneira, entre todas, da Faculdade de Medicina daquela Universidade, tem posto em prática o principio de auxilio na presente administração de Felício Cintra Prado.

Fazendo dêsse modo um ligeiro “mis au point” da questão com as falhas que porventura existam nesta exposição que não pretende ser completa, tenho o intuito de demonstrar como problema de assistência ao estudante se tem imposto naturalmente como necessidade indispensável aqui e alhures.

As escolas são feitas para estudante. O estudante deve ser, portanto, o alvo de toda a nossa atenção. Deve ser tratado não somente sob o ponto de vista da educação e instrução, no sentido pedagógico e didático, como ainda sob os vários aspectos da sua vida durante o período acadêmico.

Eis porque desejo que maior amplitude seja dada aos beneméritos aparelhos de amparo que se tem formado ao correr dos tempos, entre nós.

Pretendo a criação de um Departamento de Assistência funcionando na própria sede das organizações universitárias ou das escolas superiores isoladas. Pugno por uma organização de caracter extra burocrático, dispondo de fundos patrimoniais, com administração de mãos livres, exercida por uma comissão executiva e um conselho deliberativo, em comunhão com o Departamento de Assistência. Este fará todo o trabalho burocrático cabendo ao seu chefe a função de secretário geral da comissão executiva do conselho deliberativo.

Comissão conselho serão presididos pelo reitor nas Universidades pelos diretores nas Faculdades escolas isoladas.

Serão membros da comissão e do conselho antigos alunos estudantes designados, respectivamente, pela Associação dos Antigos Alunos pelas agremiações estudantinas.

Ambiciono amplo patrimônio.

A dotação inicial deverá ser feita pela União ou pelos Estados que, além disso, igualarão, anualmente, valor das doações de origem privada.

Sugiro que os doadores sejam considerados contribuintes ou beneméritos de conformidade com o valor da sua doação para o capital destinado aos empréstimos.

Os empréstimos, as colocações que não interfiram com o horário escolar, os conselhos e orientação solicitados concedidos sob sigilo ou não, conforme o caso, formarão o cómputo das atividades a serem desempenhadas no Departamento de Assistência ao Estudante (D. A. E.).

Sua organização e funcionamento demandam minucioso estudo.

Com a experiência poderá este serviço sofrer alteração até que se constitua como um aparelhamento eficiente proveitoso.

As somas empregadas darão elevado juro. São representados pela preparação de jovens selecionados competentes (o

Conceituando..

Na penúltima Assembléia Geral do Centro que, para não fugir às nossas tradições, contou apenas com presença de uma minoria de colegas, ventilou-se demoradamente o problema complexo das nossas reivindicações junto ao Hospital das Clínicas, tendo sido muitas as críticas feitas aos atuais trabalhos, mas poucos os novos rumos traçados a serem seguidos.

Parece-nos errada a política de se estar, em todas as oportunidades, vituperando contra os graduados do Hospital, pois, tal forma de reclamo não só deixará de ser ouvida, mas poderá mesmo ser ridicularizada, desde que se a deturpe com uma possível interpretação falsa, trazendô-a ao campo mesquinho dos acirramentos pessoais. E mais ainda, estar-se dizendo aos quatro ventos que o problema precisa ser resolvido, que devemos agir, que não nos servem métodos protocolares é também inoperante e não foge ao terreno pouco prático da crítica destrutiva, cujo único resultado será a exacerbação de ânimos, precipitando-nos a atitudes sem firmeza e sem o senso de oportunidade tão necessário.

A sugestão, pensamos, é um complemento indispensável à crítica, pois quem critica desfavoravelmente é porque está enxergando erros e quem vê erros é porque conhece o certo e o caminho para a ele se chegar. Fora disto, em nosso caso, tudo será um amontoado de palavras que não encontrará eco e acabaremos mesmo chamados de “turma do contra”, quando se sabe que a razão está conosco sem dúvida sem discussão.

A resolução do nosso problema, ou melhor, o meio para essa resolução deve nascer de nós mesmos, de um trabalho geral, de uma verdadeira cooperação, de um movimento conjunto decisivo que tenha por base sólida nossa união indissolúvel por arma a convicção que não nos deve faltar dos direitos que são nossos.

O Governo do Estado organizou o Hospital das Clínicas, cujo objetivo principal, pensamos, é o de ser campo propício para estudos, cobrindo a grande lacuna existente no meio de ensino médico paulista. Portanto, será o Governo do Estado, em qualquer época, por suas mais altas expressões, o responsável pelas condições daquela organização, cabendo a ele sanar os erros existentes e dar “a Cesar o

que é de Cesar” Sendo assim a ele cabam, talvez, as maiores culpas pelas deficiências do momento, seja porque não tenha sabido fazer um regulamento à altura das necessidades dos estudantes, seja porque, tendo feito um ótimo regulamento, não cuida de que ele seja cumprido pelos funcionários responsáveis e dirigentes do Hospital.

Ora, o Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, que é nosso órgão máximo de representação, tem o Departamento de Ensino Médico, ao qual estão afetas questões dessa natureza. A ele compete, pois, expressar o nosso pensamento dirigir o trabalho de conquistas nesse campo. Agora estamos de acordo com o pensamento geral da Assembléia de que o Dep. de Ensino Médico seja integrado por elementos de todas as séries do curso, formando um Conselho. Acrescentamos, apenas, que ele deverá ser dirigido por um colega dos dois últimos anos, preferentemente um doutorando, cuja experiência é imprescindível no tratar de assuntos dessa importância.

Assim, o Departamento poderá cuidar, de maneira conclusiva, dessa questão do Hospital das Clínicas:

- 1.º — analisando detalhadamente todos os defeitos da organização do Hospital, que causem prejuizos aos alunos da Faculdade em geral e, si possível, dos alunos de cada série separadamente;
- 2.º — formulando sugestões, que visem dar solução a todos esses problemas, cuja existência é para nós desfavorável;
- 3.º — levando tais sugestões, não funcionários graduados do Hospital impossibilitados de agir, seja pelo firme propósito de executar à risca os regulamentos errados, seja por uma predisposição que nos é pouco simpática, mas a autoridades diretamente responsáveis e que porisso mesmo são as únicas com reais poderes de ação.

Só assim nos parece decisiva a orientação a ser tomada. Que é preciso resolver o problema, não se discute. Do contrário ele ficará para nós, sendo um mal crônico. E os males crônicos acabam, quasi sempre, conformando os pacientes. Confiamos, porém, em que tal conosco jamais se dê.

Agosto de 1945.

ALVARO DA CUNHA BASTOS

«Sala de recreio do H. C.»

A maioria daqueles que perambulam pelo H. C., ignora, por certo que lá, fora as altas “futricas” e complicadas burocracias, existe algo de útil ao próximo que toca mesmo ao coração de qualquer mortal. Uma parte dêsse “algo”, bem grande aliás, é a Sala de Recreio para os doentes que funciona no 8.º-A na ala central da 3.ª Clínica Médica.

Para ali, em determinados dias vão os doentes, ou os homens, ou as mulheres ou então as crianças. Estes doentes poderão ir distrair-se sem “cartões” pois basta que possam se locomover e que haja quem os leve. E então, conversando entre si, jogando dominó, tómbola ou baralho, ou ouvindo música, passa aquela gente minutos de satisfação, esquecendo-se mesmo que sofre de algum mal do corpo.

Muitos já se acostumaram e logo após o jantar esperam ansiosos que alguém os leve para a sala de Recreio.

Como tudo o que é útil, esta Sala tem também a sua história. A grandiosidade do seu significado sombreou, porém o seu passado. O que importa é que lá está ela notável realização no campo da assistência social aos doentes, de máxima importância para o momento já que entramos de cheio para Medicina psico-somática.

Os doentes, entretanto, lá não vão sóinhos desordenadamente. São eles procurados nas enfermarias, levados e atende-

auxilio visa apenas os moços de valor) que irão contribuir valiosamente para o desenvolvimento e enriquecimento da nação brasileira. E' incalculável, porém, vulgo o prêmio oriundo dêsse capital que beneficia sem se extinguir.

didos durante todo o tempo que permanecem no 8.º andar. E quem faz isto? São as alunas da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina. Algumas delas, não pararam ante os obstáculos que se lhes antepuzeram na realização dêsse ideal e estas mesmo não esmorecem na manutenção desta grande empresa. Não sabemos quantas são as que se dedicam de corpo e alma a este trabalho à propaganda entre as suas colegas para que ele não sofra solução de continuidade. Entretanto, deve-se notar que essas se prontificam voluntariamente para isso. Não há obrigação nenhuma, nem por parte do H. C., nem por parte da Escola.

Com o coração na mão e demonstrando um grande amor ao próximo, principalmente quando este se encontra nas condições de doente de um Hospital gratuito, vão estas moças espontaneamente ou após pequeno “sermão” de alguma colega que lhe aviva na alma a caridade, proporcionar aos também “filhos do sol” alguns momentos de alegria que não podem ter por estarem longe do lar ou por não terem lar.

Mesmo na “sala de recreio” os doentes tomam os seus remédios pois as alunas vêm até ali. Numa homenagem dos enfermos às “calouras”, que assistimos, estávamos tão convictos de que eles já tinham esquecido os seus males que quasi impedimos que uma aluna procurasse ali na festa um doente para tomar remédio.

Sinceras congratulações a essas jovens justas esperanças temos naquelas que no futuro seguirão esse magnífico exemplo de abnegação.

KAR-KAR.

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO

(o)

O Departamento Científico do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, muito tem contribuído para o desenvolvimento das atividades culturais dos acadêmicos de medicina, incetivando o interesse pelas pesquisas e questões científicas.

Foi fundado há 14 anos por um grupo de estudante, tendo à frente, Eduardo Etzel, Paulo de Almeida Toledo Sebastião Hermeto Jr., que concretizaram assim, uma velha aspiração dos alunos de nossa Faculdade. Foi constituída, então, a primeira Diretoria, encabeçada por Eduardo Etzel. A seguir ocuparam a presidência do Departamento Científico: Paulo de Almeida Toledo, Jaime Rodrigues, Silvio Bertachi, Aloisio Matos Pimenta, José Ramos Jr., Mário Degni, José Finochiaro, Emilio Mattar, Carlos da Silva Lacaz, Atilio Zelante Flosi, Fuad Al Assal, Ary do Carmo Russo e Paulo de Castro Corrêa.

No corrente ano o Departamento Científico vem apresentando um elevado número de realizações, graças ao esforço dos seus diretores, Otávio de Moraes Dantas, presidente e João Sampaio Góis Jr. Emilio Salum, secretários.

Foram realizados os seguintes cursos:

- 1 — Propedêutica do Aparelho Circulatório, pelo prof. dr. Ariovaldo de Carvalho.
- 2 — Propedêutica do Aparelho Respiratório, pelo dr. Piero Manginelli.
- 3 — Propedêutica do Aparelho Circulatório, pelo dr. Aldo Bruno De Finis.
- 4 — Propedêutica do Aparelho Respiratório, pelo dr. Febus Gikovate.
- 5 — Propedêutica do Aparelho Circulatório, pelo dr. Rafel Giannella.
- 6 — Propedêutica do Aparelho Respiratório, pelo dr. Enio Barbato.
- 7 — Propedêutica Ginecológica, pelo dr. Licinio H. Dutra.
- 8 — Propedêutica Obstétrica, pelo dr. H. Neme.
- 9 — Propedêutica Endocrinológica, pelo dr. Atilio Zelante Flosi.
- 10 — Propedêutica Física Funcional do Aparelho Digestivo, pelo dr. José Fernandes Pontes.
- 11 — Patologia e Terapêutica das Moléstias Infecciosas, pelo prof. dr. Oscar Monteiro de Barros.
- 12 — Discussão de Casos Clínicos, pelo prof. dr. José Ramos Jr.
- 13 — Orientação Geral no Diagnóstico e Tratamento dos Reumatismos, pelos professores drs. José Ramos Jr., Luiz V. Decourt e Paulo de Almeida Toledo.
- 14 — Cirurgia Plástica, pelo dr. J. Rebelo Neto.
- 15 — Temas de Terapêutica Clínica, pelos professores drs. Luiz V. Decourt, Reynaldo Chiaverini, Inácio Alves Corrêa, Ariovaldo de Carvalho, João Alves Meira, José Ramos Jr., Orestes Rossetto, Jairo Ramos, A. Ulhôa Cintra Bernardino Tranchesi, e pelos dr. José Fernandes Pontes, Michel Abu Jamra, Hélio Lourenço de Oliveira Emilio Mattar.

Foi realizada uma conferência pelo prof. dr. Benedito Montenegro, sobre “Cirurgia das Vias Biliares”, por ocasião da posse da atual Diretoria. Juntamente com a Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina, foi promovida uma conferência do prof. dr. Edmundo Vasconcelos sobre “Alguns Aspectos do Ensino Médico nos Estados Unidos” O Departamento Científico fará realizar ainda este ano, mais alguns cursos e conferências, que se acham em organização.

O interesse despertado por esses cursos pode ser bem avaliado pela elevada frequência observada nos mesmos, que ultrapassou de 100 alunos no Curso sobre “Orientação Geral no Diagnóstico e Tratamento dos Reumatismos”, e atingiu perto de 200 no Curso sobre “Temas de Terapêutica Clínica”

REVISTA DE MEDICINA — Apesar das inúmeras dificuldades, impostas pela atual situação, no que se refere aos trabalhos de tipografia, nossa tradicional Revista acha-se em dia, apresentando artigos originais, de grande interesse aos seus leitores. Assim, Revista de Medicina, vem contribuindo para maior difusão da cultura médica em nosso meio.

Secção Livre

Para as Eleições do C. A. O. C.

Vote na

Chapa Farina

CHAPA ESFORÇO - CHAPA TRABALHO - A VOSSA CHAPA

Presidente - Duilio Chrispim **Farina**

Vice-Presidente - Carlos da Costa **Branco**

1.º Secretário - José de Souza Meireles Filho
(Chamberlain)

2.º Secretário - **Americo** dos Santos

1.º Tesoureiro - **Iraja** Lopes Ribeiro

2.º Tesoureiro - **Oswaldo** Monteiro de Barros

1.º Orador - **Walton** Carneiro

2.º Orador - José R. de Albuquerque **Fortes**

Diret. de Esportes - Ubirajara Barreto **Dellape**

A Força Expedicionária Brasileira, gloriosa pelos seus feitos e pelo seu significado, encerrava em suas fileiras algo de muito “nosso” que em nenhum momento deixou de ocupar o nosso pensamento — Os acadêmicos expedicionários.

Assim foi que o VIII Congresso Nacional dos Estudantes incluiu no seu temário “Reajustamento dos Estudantes Expedicionários e Convocados à vida Escolar” para tratar de uma legislação adequada sem burocracia para todos os casos, cursos de emergência, etc...

De todos os estudantes partiram atenções ao tema e nós, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em nome do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” quizemos traduzir numa tese-recomendação aquilo que de há muito residia em nossa mente:

Eis a tese-recomendação apresentada aos estudantes do Brasil aprovada por unanimidade:

1) Que seja dado ao convocado para F.E.B. direito de recuperar tempo escolar perdido do modo que achar conveniente, alcançando ou não os seus antigos colegas de turma.

2) Que as Diretorias, Secretarias, C.T.A. Congregações dê(m) o máximo de atenção a todos os casos por mais particulares que sejam, ouvindo acatando as ponderações dos estudantes convocados quando estes se sentirem prejudicados.

3) Que seja dada prioridade aos estudantes convocados quando eles necessitarem de usar as instalações para seu aproveitamento prático.

4) Que os horários cursos extraordinários necessários, sejam organizados atendendo aos interesses e sugestões do estudante convocado.

5) Que seja facultado ao estudante convocado o direito de optar por programas considerados mínimos e por médias de aprovação também mínimas.

6) Que seja concedida isenção de taxas escolares ao estudante convocado tanto dos períodos em que estiveram servindo à Pátria como no restante da conclusão do curso que estiverem fazendo.

7) Que o estudante convocado para a F. E. B. tenha a sua ausência a certas aulas respeitada pelos professores e não levada em conta para nota de aproveitamento prático, quando esta ausência teve por motivo reajustamento do estudante expedicionário convocado à vida escolar.

8) Que se recomende ao Ministro da Guerra facilidades para desmobilização do expedicionário convocado mais brevemente possível.

Fizemos também empenho em tomar parte na Comissão de Teses para o Tema em questão, assim colaborando com colegas de outros Estados pudésemos confeccionar algo de concreto no sentido do reajustamento dos colegas-expedicionários à vida escolar.

Nesse sentido após recolhermos todas as teses a respeito, resolvemos apresentar ao plenário do VIII Conselho Nacional dos Estudantes um conjunto único de recomendações traduzindo uma síntese geral que foram aprovadas por aclamação.

READAPTAÇÃO DO ESTUDANTE EXPEDICIONÁRIO E CONVOCADO A VIDA ESCOLAR
Resoluções do VIII Conselho sobre importante tema:

A Comissão de Teses, baseada nas teses enviadas pelo colegas M. F. Sabbag, Nelson Procopio Gomes Ribeiro, E. S. Bagdócio, Maurício Gorenfer, Virgílio Leal Junior, Carmino Caricchio uma tese enviada pela Comissão Estudantil de Ajuda ao Expedicionário Estudante Convocado da Escola Nacional de Engenharia, apresentou ao plenário de VIII Conselho Nacional de Estudantes, em sessão de ontem, as seguintes sugestões sobre o tema acima, que foram unanimemente aprovadas pelos congressistas brasileiros:

Medidas de ordem militar:

1.º licenciamento imediato de todos os estudantes convocados por qualquer das forças armadas, desde que os mesmos não hajam assumido compromissos quanto ao tempo de serviço, ou quando não desejem continuar no serviço ativo.

Medidas de ordem escolar:

2.º Criação em cada escola de uma JUNTA ESPECIAL DE READAPTAÇÃO DO ESTUDANTE EXPEDICIONÁRIO OU CONVOCADO, com poderes para resolver todos os casos escolares ou econômicos de tais estudantes, sendo suas resoluções independente de qualquer órgão administrativo encaminhadas diretamente à ratificação do sr. Ministro da Educação.

A Junta acima compor-se-á dos seguintes membros: — a) diretor da Escola; b) 2 membros do Conselho Técnico-Administrativo; c) dois membros do corpo docente indicados pelos Departamentos Acadêmicos.

OS ESTUDANTES NÃO SE ESQUECEM DOS SEUS COLEGAS EXPEDICIONÁRIOS

3 — Que os estudantes expedicionários sejam matriculados nas faculdades em que desejarem realizar ou concluir seus cursos, independentemente do número de vagas.

4 — Criação imediata em cada Escola de Cursos de Emergência constantes de programa mínimo de cada disciplina, com cunho essencialmente prático, visando:

a) preparar tais estudantes para os exames especiais de todas as disciplinas das séries que perdeu ou não realizou em virtude da convocação;

b) conseguir a recuperação cultural necessária à perfeita adaptação ao regime escolar normal.

5 — Colocação dos estudantes expedicionários ou convocados como internos de hospitais, auxiliares de laboratórios, etc, ou como funcionários de departamentos de prática profissional para aperfeiçoamento de seus conhecimentos práticos, independentemente do número de vagas, ou com prioridade.

6 — Facultar aos estudantes que não puderam

incluído a concessão de diplomas.

11 — Para acautelar os interesses das Escolas particulares, as medidas de ordem econômica, bem como o financiamento dos Cursos de Emergência, Exames, etc. deve correr por conta do Governo Federal.

Medidas de ordem social, econômica e médica:

12 — Que o acadêmico expedicionário ingressem nos empregos sem concurso, bem como, em 2.º plano, tenham-na os estudantes convocados em geral.

13 — Que os estudantes expedicionários ou convocados, quando submetidos a concursos, para obtenção de empregos, em caso de empate com outros concorrentes, gozem de prioridade na nomeação.

Medidas de ordem educacional, social, econômica e médica, extensivas a todos os expedicionários, estudantes ou não:

14 — Estabelecimento de seguro proporcional às inabilidades decorrentes da guerra.

15 — Garantia de readaptação vocacional, para os mutilados ou inválidos no exercício da antiga profissão.

16 — Intervenções plásticas, aparelhos ortopédicos tratamentos de neuroses de guerra, enfim, o emprego de todos os recursos capazes de recuperar física e mentalmente todo expedicionário que deles necessitarem.

17 — Criação de “bureau” de empregos para os desmobilizados.

18 — Doação de terras cultiváveis aos desmobilizados que as requeram.

19 — Concessão de isenção de impostos aos que pretendam, depois de desmobilizados, encetar novos empreendimentos.

20 — Concessão de um período de repouso remunerado, no mínimo de 30 dias, aos desmobilizados da FEB e FAB antes da reintegração em suas ocupações.

21 — Conceder matrículas gratuitas em qualquer grau de ensino aos expedicionários que o desejem.

22 — Prioridade matrícula para os filhos de expedicionários mortos ou inválidos, em todos os graus de ensino.

23 — Bolsas de estudo para pessoa dependente da família de expedicionários mortos.

24 — Realização da campanha para doação de casa de moradia à família de expedicionários mortos ou inválidos.

Financiamento destas concessões: — a) a do n.º 20 por conta dos empregadores quando for caso:

b) de n.º 24 em partes iguais pelo Governo por campanhas populares;

c) As demais concessões por conta do Governo (Federal, Estadual, Municipal).

As presentes sugestões submetidas a plenário foram unanimemente aprovadas, sugerindo-se sua pronta entrega as autoridades do país para que as referendem bem como sugeriu-se que esta seja a principal tarefa da UNE até a decisão do problema.

A Comissão de Teses do 3.º Ponto do Temário:

- M. F. Sabbag — Paraná
- Manuel Tanajura — Bahia
- Roberto Toledo — Distrito Federal
- Carmino Caricchio — São Paulo
- Antonio Amaral Braga — Rio Grande do Sul
- José Franklin Casado Lima — Alagoas
- José Barbosa de Castro — Minas Gerais
- Sebastião Azeredo — Pará

E assim foi que os estudantes não se esqueceram dos seus colegas expedicionários.

C. C. CARICCHIO

HOMENAGEM



Paulo Homem de Mello

ram realizar exames vestibulares ou concursos de habilitação, devido à convocação, bem como daqueles que em razão do serviço de guerra devam mudar de cursos, matrícula no 1.º ano do curso que desejem realizar, integrando-os então no sistema de Cursos de Emergência previstos no número 4.

6 — A: “O estudante convocado para F. E. B. deve ter sua ausência a certas aulas respeitada pelos professores e não levada em conta para nota de aproveitamento prático, quando esta ausência teve por motivo reajustamento do estudante expedicionário convocado à vida escolar”.

7 — Que as propostas acima sejam extensivas também a estudantes do curso secundário ou de qualquer gênero de estabelecimentos de ensino.

8 — Que, uma vez realizados exames segundo os cursos de emergência resultando em reprovação, facultar-lhes exames de 2.ª época, pelo menos 30 dias depois, bem como a aprovação com dependência das matérias em que foram reprovados.

9 — Que sejam canceladas as dívidas contraídas pelo estudantes convocados em suas Faculdades, quando constituam entraves ao prosseguimento dos estudos, à critério das Juntas Especiais de Readaptação.

10 — Que, aos estudantes expedicionários se estendam os benefícios do n.º 9 e mais inteira gratuidade dos seus cursos até fim.

NOTAS EXPLICATIVAS DO DISTINTIVO

identidade com conformação do planeta da abóboda celeste, um sentimento de universalidade que se observa em todos os que representam a mesma idéia e que muito bem se harmoniza com o espírito da ciência.

O templo a palavra grega que pelo seu caracter personalissimo não se podem subordinar a nenhum estilo, inspiraram linha dos pormenores do desenho.

Primeiro, terminação dos raios solares em número de 14, que por ser múltiplo de 7, número cabalístico, fala das práticas simpáticas empíricas da medicina do passado, ainda vivas na tradição popular, cujas intenções poderão vir ser definidas pela ciência de algum dia.

O letreiro foi estilizado em ornato grego, afinando com conjunto.

A serpente tem em toda a sua extensão um traço em zig-zag, que além de repetir cimalha do templo e de constituir uma primeira ordem de raios solares, combinada com as linhas externas, forma um ornato de estilo indígena brasileiro, que mais confirma aquela nota nacionalista que a serpente dá.

A parte inferior da cobra é toda de traços verdes dourados, convergentes, que repetem o mesmo tema das colunas dos raios solares.

O templo grego acha-se contido no círculo do meio, que pela disposição do desenho ficou excentrico, permitindo que

ponto central das “ascloepia” formado pela intercepção das diagonais do retângulo em que o templo fôr inscrito, coincide com centro do desenho. Isso dá este símbolo um aspecto de solidez e importância de “celula mater” de que todos os outros se derivam.

Igual impressão dá o cimo do frontão tocar circunferência central no ponto em que o eixo do desenho a corta, as molduras da cimalha terminam naquelas mesmas linhas.

Para obter-se este resultado foi preciso acomodar as proporções do templo ao espaço, usando prudentemente das liberdades que a heraldica concede.

As colunas, em número de quatro, se alternam com vãos de igual largura, por maior conveniência de estética.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

A aureola solar, será de metal amarelo, toda cinzelada no sentido dos raios.

Os espaços marcados com verde, serão coloridos com esmalte verde esmeralda, os marcados com branco serão pintados com esmalte branco.

No círculo central, onde os esmaltes se avizinham, serão separados por ligeiros traços dourados, marcando os contornos pormenores do templo.

Eis aí leitores do “O BISTURI” os motivos que inspiraram a criação do distintivo da Fac. de Medicina.

Banco do Estado de São Paulo S/A

MATRIZ: São Paulo — Rua 15 de Novembro, 251 — Caixa Postal, 789 — End. telegráfico. BANESPA

AGÊNCIAS: Amparo — Araçatuba — Atibaia — Avaré — Barretos — Batatais — Baurú — Botucatu — Braz (Capital) — Caçapava — Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga — Itapetininga — Jaboticabal — Jau — Jundiá — Limeira — Marília — Mirasol — Novo Horizonte — Olímpia — Ourinhos — Palmítal — Pirajui — Pirassununga — Pres. Prudente — Quatá — Ribeirão Preto — Rio Preto — Santo Anastácio — São Carlos — São Joaquim — S. José do Rio Pardo — Santos — Tanabi — Tupan.

Depósitos — Empréstimos — Câmbio — Cobranças — Transferências — Títulos
— As melhores taxas — as melhores condições — Serviço rápido e eficiente. —

A liberdade e a pessoa humana

Pela observação da natureza, encontramos-a constituída por entidades indivisíveis perfeitamente distintas; são os indivíduos, todos mais ou menos dependentes entre si, de acordo com grau de interrelação que os liga. É assim que falamos de um livro, de um gato ou de uma roseira como indivíduos. Tanto quanto um objeto, um animal ou um vegetal, o homem se enquadra nos limites dessa conceituação. Mas de imediato percebemos que ele possui certas características, algumas propriedades específicas, que o elevam acima dessa categoria individual.

Aprofundando um pouco nossa análise, vemos em primeiro lugar que o homem tem noção de sua existência, sente conhece sua realidade; é seu primeiro atributo distintivo: faculdade de entender, ou seja, a inteligência. Toma assim o homem uma posição toda especial no universo, pois, é capaz de pensar e de apreender pelo conhecimento realidade que cerca. A inteligência liberta o homem das cadeias que limitam a atividade dos indivíduos, aponta-lhes caminho para infinito desperta nele uma vocação para

Absoluto, único ideal que agora o pode saciar. O homem sobreleva-se então ao mundo dos indivíduos e afirma-se como pessoa; este é, portanto, "um indivíduo de natureza racional" ou seja, um indivíduo provido de inteligência capaz de ter consciência de si mesmo de seu papel no mundo.

Mas, falta ainda um dado para completar a conceituação do homem; tendo por sua inteligência conhecimento da natureza de seus atos dos meios que podem levar esses atos a determinados fins, o homem tem poder para julgá-los consequentemente para dominá-los dirigí-los. Senhor de sua atividade, podendo norteá-la ao seu arbítrio, o homem sobrepõe-se às regras do mundo físico aos impulsos do instinto.

proclamando assim grandeza de sua liberdade. Concluimos então que o homem é um indivíduo que pensa (uma pessoa) e porque pensa tem de ser livre. A liberdade, dando à pessoa humana poder de livremente conduzir-se no mundo, marca-a perfeitamente no universo.

Ora, em artigo anterior, já tentáramos conceituar a verdadeira liberdade, que se deve aspirar, assegurar, em uma palavra, viver! Já vimos que desmandos, no terreno moral, econômico e político, conduz o liberalismo sem pelas, sem demarcações; concluimos pela necessidade da existência de algo que limite liberdade, atividade do indivíduo no terreno delicado que são as relações que o homem é levado a contrair com seus semelhantes, por viver em sociedade com eles; concluimos pela necessidade de se indicarem ao indivíduo linhas, além das quais ele já esteja interferindo naquilo que não lhe pertence. A dificuldade está em imaginar como essas limitações devam ser sugeridas. O mais simples seria certamente lançar-se mão de um organismo que, recebendo de cada indivíduo uma parcela de sua liberdade, usasse dessas prerrogativas para propor tais limitações; entidade mais indicada para realizar essa tarefa seria o Estado, já organicamente constituído nas sociedades civilizadas. Mas, a experiência nos indica as experiências da guerra que terminou nos provam que o Estado é um Moloch de apetites insaciáveis, que, recebendo de início pequenas concessões, exige sempre cada vez mais que elas se dilatam, até acabar por perturbar personalidade do homem, pois, absorve sua liberdade, apanágio do indivíduo como pessoa

humana. Com os olhos fitos nessas consequências dos governos fortes, sempre os repudiamos não aceitamos na atualidade os programas que, partindo do terreno político sejam "todo um modo de viver". Se de início regulam a vida particular afetiva do indivíduo, que, irá mais tarde exigir do cidadão um Estado organizado nesses moldes?

Se falham assim os meios extra-humanos, a única solução será voltarmos para o próprio homem, buscando a chave do problema nas potências da nossa própria alma. Realmente, toda revolução que deva ser feita deve começar por uma reestruturação do homem e partindo daí atingir todos os setores da sociedade, sem nunca perder de vista, porém, o centro da inteira renovação — pessoa humana.

O indivíduo não pode ver em seu semelhante um concorrente esmagar, mas imagem de Deus, uma pessoa com os mesmos direitos que ele próprio, um indivíduo racional livre. Nosso homem deverá compreender a necessidade de fazer certas concessões seus vizinhos, de lhes ceder a parcela de si próprio que entra em choque com eles, não só por interesse material de assim levar uma vida mais fácil, mas por convicção de não estar alterando dessa maneira a harmonia da Criação. Em consequência dessa orientação, haveria melhor compreensão do matrimônio, organização mais sólida da família, com possibilidade de desenvolvimento mais amplo da personalidade dos filhos, maior respeito à pessoa humana na vida social, especialmente à pessoa humana pobre à pessoa humana operária; seria possibilidade de solução da questão social, problema que todos preocupa neste momento.

São Paulo, 27 de agosto de 1945.

ERNESTO LIMA GONÇALVES

Dr. Carlos Virgílio Savoy



Nos recentes Concursos realizados em nossa Faculdade distinguiu-se a figura distinta e amiga do Dr. CARLOS VIRGILIO SAVOY, conquistando também a Livre Docência de Clínica Neurológica.

Dedicando-se desde a sua formatura ao estudo e prática da Neurologia, tornou-se o Dr. CARLOS VIRGILIO SAVOY, dono de invejável cabedal de conhecimentos teóricos e de grande experiência prática, particularmente no tocante as relações entre Eletricidade e Neurologia, tornando-se um dos melhores de nossos especialistas no assunto e destacando-se sempre como um dos mais brilhantes discípulos do grande ENJOLRAS VAMPRE', confirmando o valor e as tradições da Escola fundada por esse insigne mestre e do qual o Prof. ADHERMAL TOLOSA é digno sucessor.

Defendendo tese "Mistena Gravis", Dr. CARLOS VIRGILIO SAVOY apresentou o maior número de observações até hoje reunidas na literatura nacional sobre essa rara e interessante enfermidade, revelando-se absoluto dominador do assunto, atualizando-se e expondo-o de maneira clara e precisa; apresentando nesse estudo uma observação anatomo-clínica, primeira registrada no Brasil de casos dessa espécie.

Soube assim, o Dr. CARLOS VIRGILIO SAVOY defender com fibra e energia no campo científico o prestígio de nossa Escola, com a mesma dedicação com que nos tempos de acadêmico defendeu nossa Faculdade nas competições esportivas.

A' ele, nossas felicitações por mais esse brilhante feito de sua carreira médica.

CASA DO ESTUDANTE

Franklin de Moura Campos

Professor Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina de São Paulo

Entre os problemas que Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" deve estudar com carinho sem demora merece destaque da Casa do Estudante. No seu plano de trabalho, que é grandioso merece o apoio de todos, já figuram três itens — residência, bolsa de estudo para os necessitados assistência médico-social — que são assuntos vitais não podem ser protelados. A sua resolução é um imperativo da época que travessamos. Já em 1929, por ocasião da posse da 1.ª diretoria da Sociedade "Arnaldo Vieira de Carvalho", ferimos nessa tecla. Análizamos, então, a situação dos nossos estudantes menos favorecidos pela sorte e dos que vivem longe da casa paterna. Relatamos que tivemos ensejo de verificar em associações de estudantes de algumas escolas médicas dos Estados Unidos, com seu sistema de dormitórios amplos, com todo conforto, favorecendo e selecionando o contacto social, reduzindo as despesas contribuindo, em larga escala, para desenvolvimento manutenção do espírito universitário. Reunindo alunos de cursos diversos, como era o caso da Universidade Harvard, que frequentamos durante dois anos, ou aproximando mais os de cursos similares, como preferia a Universidade de Chicago, os dormitórios resolveram naquele país os problemas de união de proteção da classe. As horas de convívio não se resumiam mais nas de trabalhos escolares e de refeições, mas se prolongavam pela noite, quando se reuniam nos salões de leitura, ou de divertimentos, antecediam pela manhã, quando praticavam desportos. E os dias de descansos contribuam, também, para que as relações de amizade se estreitassem.

O quarto do estudante na Universidade de Harvard era simples. Uma pequena mesa, cadeiras, um guarda-roupa e uma estante formavam o mobiliário. Com seu enxoval os estudantes traziam as cortinas, os enfeites, objetos de arte e as lembranças da família. Na parede nunca faltava flâmula do seu clube. Os pré-

mios conquistados nos certames científicos e os troféus que marcavam as vitórias desportivas davam vida graça ao ambiente. O edifício onde os estudantes residiam possuía ótimas instalações para banhos, piscinas por vezes, barbearias, biblioteca, restaurante, salas para jogos repouso, para reuniões científicas, ou do carácter social e até para diversões.

As contribuições eram modestas. Mas havia, sempre, uma classe de alunos não contribuintes. A estes Casa do Estudante abria um crédito, que lhes garantia a realização normal do curso. Mais tarde eles saldariam dívida. Durante curso, porém, tinham obrigações para com coletividade, pela execução das quais eram remunerados, e, assim, amortizavam os seus compromissos. Agrupados vivendo sob o mesmo regime duas questões básicas para saúde dos estudantes foram facilmente resolvidas: alimentação e assistência médico-social. Alimentação equilibrada, sadia farta, escolhida e recomendada por nutricionistas, com o seu valor nutritivo perfeita, mente conhecido; assistência médico-social contínua, exames médicos periódicos, para garantia da saúde do corpo do espírito.

O curso de medicina é longo dispendioso. A responsabilidade do futuro médico será muito grande quando ele iniciar a vida profissional. Daí necessidade de uma aprendizagem rigorosa consciente para a execução da qual ele deverá consagrar toda sua atividade. A sua atenção não poderá ser desviada, mas concentrada nos afazeres escolares. É justo que sejam removidos os empecilhos que comprometem carreira de muitos destreem, por vezes, os sonhos que povoam os seus cérebros, criados e mantidos pela mais doce das esperanças — esperança da juventude. E esse milagre sómente poderá ser executado por intermédio de uma agremiação perfeitamente organizada, que possa socorrer os mais necessitados, justamente nos momentos

Si...

Si de fazer-te consciente, visse ensejo
Do que perdura há tempo em meu intento
Si na alegria desse pensamento,
A ti descortinasse meu desejo...

Si desse amor crescente em que me vejo,
Falar ti, me desse Deus momento...
Si vislumbrar pudesse meu tormento,
Ao teu olhar num tímido lampejo...

Si me prestasse ouvido Realidade,
Ao surdo éco que minh'alma invade,
Quando diviso o teu corpinho airoso...

Eu não sabia se estavas em holocausto,
Ou si me via gozando em pleno infausto,
Ou si me via chorando em pleno gozo...

ANA CHORETA

Ignota

Em minha frente ela passou um dia,
Serpenteando seu corpo luxuriante,
E recendendo um aroma palpitante,
Dos rubros lábios ninhos de poesia

Tinha no olhar, altivo e cativante,
Do encantamento lírica magia,
E dos agudos seios resplendia,
Todo um raiar de aurora fulgurante.

E balouçando seu corpo qual serpente,
Ela passou tudo indiferente,
Ao meu olhar, ansia dos meus beijos.

E, lá se foi deitando n'alma minha,
Uma paixão que errante se definha
Num labirinto imenso de desejos.

ANA CHORETA

oportunos, impedindo, assim, que setransforme em desilusão a fé que os aquece
lhes dá energia coragem.

Oxalá os estudantes da nossa Faculdade consigam resolver os seus problemas sociais com a construção da Casa de Oswaldo Cruz, obra grandiosa, humanitária patriótica.

OS VELHOS!

Fontana alma moça num rosto velho
Somos dois inseparáveis companheiros
Eu, cabelos brancos, tú os tens verme-
[lho
Como um cardeal entre os colegas faceiros!

Tens os olhos azuis, côr de azulejo
Em faces frescas qual botão que se não
[colba:
Como em minha velhice enfraquecida,
[invejo
Tua potencia, branca, novinha em folha!

Desta vida melancolica eu descrente,
Eu que Veloso já fui, hoje no poente
Vejo ir-se minha vida como linda rapariga

E tú Fontana, rí da vida, vida
que fugiu de mim e por mim tida,
Como sonhos doirados de espigas.

APOLONIUS

QUADRO SEMPITERNO

Na natura, irradiando os esplendores
De sua beleza, áurea e definida,
Fez fino artista após ardente lida,
Uma sublime tela, em várias côres!

O poeta quiz da vida seus horrores
Pintar. Com inspiração, pronto nascida,
Em versos, retratou quadro da vida,
Com tinta feita das humanas 'dôres!

Tempo destruidor! Pois enegrece
A tela, no porvir desaparece
Numa transformação que desfaz!

Com voz rouca, a miséria equalta, berra:
Que enquanto existir magua na terra,
Da vida o quadro não se apaga mais

REGIS NOGUEIRA

Numa dessas manhãs riosas, de céu límpido e muito azul, o repórter de O BISTURÍ recebeu um amável convite. Passando defronte ao portão da Santa Casa foi reconhecido por um amigo que lhe disse:

— Olá fulano, você por aqui a estas horas! Venha, vamos comigo assistir uma boa aula.

A princípio hesitou mas à força da insistência do amigo apedeu ao convite lá foram. Galgaram pequena elevação que vai dar ao portão de entrada do hospital. Prosseguiram em direção à direita. Subiram uma pequena escada a poucos passos depois dirigiram-se para a esquerda.

Na metade do extenso corredor havia um ajuntamento de gente. Uns de avental branco, outros sem ele, todos numa discussão animada.

— As eleições no centro este ano serão fracas — dizia um. — Também, — dizia outro — com essas chapas michas que têm aparecido, que é que você queria?

Outro grupinho comentava: "A Mac-Med este ano está de colher... para a Mac. Viram o primeiro jogo de futebol? Também pudéra, 11 contra 1. Como assim? Ora, você não viu? A Med só tinha o Franca, porque o resto..."

Doutro lado havia um moreno simpático, que falava ria a bandeiras desprezadas. O repórter achou interessante rapaz e procurou saber quem era ele. Logo obteve a informação: "Aquele é o Vaquero, grande clínico lá de 4.a Parada, sócio atívido do coveiro do cemitério de lá!"

O bate-papo foi interrompido. Era hora de começar aula. A turma começou entrar uns corredores labirínticos que fo-

UMA ÓTIMA AULA DE CLÍNICA MÉDICA

ram dar a um cubículo, que por sua vez se comunica com uma sala um pouquinho maior, que é chamada de laboratório.

Como em vasos comunicantes, as cadeiras preenchiam a pequena sala e se deram pelo laboratório.

Era numa quinta-feira prosso o repórter foi avisado de que a aula seria de apresentação de caso clínico.

Numa das extremidades da pequena sala — um divã — espichado no qual descansava um doente de olhos fundos, encovados, de olhar parado, como que esbanhando com um bom prato de comida.

Os alunos procuraram seus lugares. Logo depois o repórter observou: por que será que ficam duas ou três fileiras de cadeiras vazias lá perto do doente?

Um aluno, que ouvira observação respondeu: "É que aqui na porção mais posterior a chance de fuga é maior" O repórter não compreendeu a resposta mas calou-se. Toda sentada foi começada a chamada. Como ha gente de nome duplo e até triplo aqui nesta terra, observou o repórter. Alguem lhe diz: "Não se incomode, de vez em quando alguem se estrepá"

Terminou chamada. Levanta-se um respeitável senhor de baixa estatura, olhar firme, cabeça luzidia, envergando um avental por sobre paletó.

O repórter logo deduziu: deve ser o professor. "Senhor fulano" disse professor, pôde ler a observação do seu doente.

Levantou-se um moço, que com voz tímida e um tanto trêmula, começou:

Joaquim Filaboia — 42 anos — brasileiro — solteiro — lavrador — procedente de Buraco da Onça.

Neste ponto foi interrompido pelo professor, que lhe interroga: sr. saber onde fica o Buraco da Onça?

O pobre aluno, arriscando um palpite, diz: fica na Alta Paulista.

— Qual Alta Paulista qual nada. sr. é um grande ignorante. Há 40 anos que sou professor de medicina e há 40 anos que exijo a geografia do Brasil. É um absurdo essa ignorância por parte dos srs. alunos. Nós não estamos no Japão, na China ou na Itália, estamos no Brasil. Por isso eu exijo que os alunos conheçam geografia do Brasil.

Como poderá sr. diagnosticar uma bronquite crônica se não conhecer geografia, pelo menos do Brasil?

É um absurdo tamanha ignorância. Buraco da Onça fica na Serra do Mar. É uma importante cidade, com quasi 50 habitantes. Tem uma igreja, com o respectivo padre, uma cadeia, nos fundos de qual mora o delegado. Possui ainda 2 botiquins onde se vende excelente pinga. E sr. sabe qual é a ação da pinga? Pois é, não sabe, sr. é mesmo a ignorância personificada.

A pinga é a responsável pelos filhos do sábado, como este nosso doente aqui.

Buraco da Onça tem ainda muita impor-

tância do ponto de vista médico, pois antigamente havia lá muita onça e sr. pôde prever que onde há onças há perigo de vida para o homem.

Dai o valor da profilaxia.

Em Buraco da Onça passa um importante rio o sr. sabe que é? Não sabe. É muito burro mesmo.

É o rio "Acaba Alegria". Sabe o sr. de onde provem esta denominação? É que neste rio havia muita traíra, que é um peixe terrível. Todo homem que ia banhar-se nele sofria uma certa amputação, após a qual lhe aparecia um síndrome de melancolia. Quem sabe se este nosso doente não sofre disso?

Por aí o sr. verifica quão importante é geografia em medicina.

Neste ponto repórter já estava para estourar, quando alguem diz: está na hora.

O professor então finaliza a sua magnífica preleção dizendo: tivemos, portanto, nesta aula, a oportunidade muito feliz de dissipar umas tantas dúvidas que pairavam na mente ignorante dos srs. alunos, sobre a molestia tida havida como "cor pulmonale crônico" É como diz velho latim: "dissipare duvitas de caput asnus, divinum opus est".

O repórter levanta-se, com traços vivos de desespero e remorso pelo tempo perdido, estampados no rosto e disse ao seu amigo: o diabo que queria ser estudante de medicina nesta terra. Por tudo que haja de santo, juro nunca mais assistir a isto que chamam de aula.

E foi a verdade. Apesar dos insistentes convites que lhe temos feito, resposta é sempre — mesma, isto é, não.

Les élèves chatiés

Bravos, Prof. Briquet!

Em séculos que já se foram, feliz da, aquele que se distinguiu dos demais viventes, por possuir em dose um pouco mais elevada, aquilo que se chama muito ostensivamente — cultura intelectual. Em outros termos, poderíamos dizer — os menos ignorantes.

Por que eram eles felizes? Pela simples razão de que naquele tempo indivíduo procurava guardar bem no fundo da cachola, tudo o que aprendia, nada transmitindo aos outros. De modo que estava sempre em situação vantajosa em relação aos ignorantes.

Diz velho rifão: na terra dos cegos, quem tem olho é rei.

Portanto, naqueles velhos tempos não havia esse título tão honorífico que há hoje, qual seja, o de professor. Nem mesmo por nomeação ou decreto do governo havia professor. Era um verdadeiro salve-se quem puder.

Decorrente disso, — número dos ignorantes cresceu assustadoramente e começou a preocupar os sábios daquela época. Então ficou resolvido que se deveria derramar um pouco da luz da sabedoria, no meio da densa treva da ignorância. Isso foi feito e achou-se que tudo estava bom. Nessa época apareceram então os Socrates, Aristoteles outros que reuniam em torno de si, um grande número de discípulos que iam abeberar-se naquelas fontes de sabedoria. E note-se: frequência era livre, completamente livre. Nasceram então os títulos de Mestre e Professor, que eram conferidos áquelles que transmitiam seus conhecimentos aos mais ignorantes.

Os anos se passaram Terra continuou sua trajetória em torno do Sol.

Dizem que a história os tempos se repetem e é verdade.

O título de professor permaneceu, mas parece-nos que sua aceção se modificou.

Voltamos aos tempos em que cada um guardava para si aquilo que aprendia. Nada de ensinar aos outros. As escolas foram feitas para que se justificasse o título de professor, porém relegando para segundo plano o componente aluno. Os pobres dos alunos que continuam mergulhados na escuridão da ignorância.

Aceitar sugestões ou opiniões de alunos respeito de como deveriam ser ministrados os cursos, é rebaixar, humilhar título de Mestre. É descer da cátedra e misturar-se com aquela massa sem substância cinzenta.

O dever do aluno é fazer exames e o seu castigo é assistir as aulas.

Mas sempre há, felizmente, as exceções. Numa das primeiras aulas deste semestre, os alunos do 5.º ano foram surpreendidos pela atitude assumida por um distintíssimo e muito ilustre professor, que de fato merece ostentar tão alto dignificante título.

Desceu da sua cátedra e veio ao encontro dos anseios dos alunos. Fez mais: sugeriu aos alunos que apresentassem as razões pelas quais achavam que curso não estava sendo eficiente.

E tudo isso num ambiente da mais franca cordialidade e entendimento recíproco.

De momento os alunos nem souberam que dizer, ficaram mesmo boquiabertos ante tal atitude tão rara em nossos dias.

Posteriormente tudo ficou ajustado e queremos crer que de agora em diante sairão da Faculdade médicos capazes de atender, com consciência honestidade, as parturientes que necessitam dos seus serviços profissionais.

Professor Briquet!

Dizem que a juventude é explosiva e inconciente. Mas ela sabe reconhecer seus verdadeiros mestres amigos. Atitude como a que acabais de assumir, ficará gravada perenemente no coração dos jovens que anseiam pelo apoio seguro de u'a mão que os guie aos píncaros mais elevados da verdadeira medicina, lugar reservado aos mestres da mais nobre e sublime das profissões.

Vós já tendes vosso lugar naquela mansão.

Continuai, caro mestre, derramar as luzes da vossa sabedoria e experiência, sobre o caminho áspero que estamos palmilhar. E assim, guiados por mãos firmes seguras, poderemos percorrer, de frente erguida, a estrada áspera e plena de escolhos que nos conduzirá ao fim almejado e sonhado, qual seja, a formação de médicos capazes e concios de suas responsabilidades, o que reverterá em honras para a nossa Faculdade e glórias para Brasil.

DOC

Jubileu de prata do Prof. Antonio Paula Santos

Decorreu no dia 20 de agosto a passagem do 25.º aniversário do prof. Paula Santos como catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

No dia 21 após aula costumeira, de Oto-rino-laringologia, o prof. Paula Santos enalteceu perante aos atuais doutorandos as figuras ilustres que no passado tudo fizeram pela Escola para os moços de boa vontade de então. O prof. tomado de emoção por recordações agradáveis apresentou aos seus atuais alunos, com profundo reconhecimento, os nomes de Hilário Gouveia, Ethecles de Alcantara Gomes do saudoso Arnaldo Vieira de Carvalho e outros.

Falando de improviso, doutorando Carmino Caricchio em nome dos seus colegas, do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz e dos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo manifestou satisfação que todos sentiam pela passagem de data tão auspiciosa hipotecou solidariedade às homenagens áquelas figuras do passado.

O orador congratulou-se com os colegas por estarem frente de um professor que sempre esteve ao lado dos alunos, sacrificando-se mesmo para resolução de problemas destes últimos. Finalizando colega Caricchio agradeceu em nome das gerações passadas ao prof. Paula Santos pelo que ele fez por elas e concitou-o a continuar a ser perante as gerações futuras o mesmo exemplo de dedicação e de trabalho.

O "BISTURÍ" aproveita oportunidade para associar-se a essas homenagens íntimas e envia ao prof. Paula Santos felicitações as mais sinceras e faz suas as palavras do colega Caricchio.

Frases célebres

— Sabe que é chato gostar de 2 garotas ao mesmo tempo? (Salzano).

— (o) —

— Tem alguma coisa para mim? (Augusto Pereira).

— (o) —

— Isto não seria uma desconsideração ao permissão do cremaster? (Sacramento).

— (o) —

— Sabe que Degni disse que eu vou readquirir 50% dos movimentos? (Beraldí).

— (o) —

— Que é isso titio? Espere um pouco, titio. (as meninas do H. C. dirigindo-se ao Caricchio).



CRESCERA SADE ZOLLO ESTE CABELO?

O Ensino, O H. C., A Faculdade

e os alunos

Colégas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo! Homens de bom senso! Sómente em seus corações é que pode encontrar eco a voz de alguém que se viu despojado dos seus direitos. E, por isso mesmo é a vocês que nós nos dirigimos.

Nas nossas críticas e nas nossas acusações, despojamo-nos das vestimentas covardes do medo e incômodas da hipocrisia; desprendemo-nos dos nossos interesses pessoais e vemos acima de tudo alguém que, enfermo entregou ao médico a sua pessoa, o futuro do seu lar e da própria Pátria.

A formação do médico em todos os seus detalhes sempre foi e ainda é da maior importância para concretização de qualquer campanha tendente a melhorar as condições de saúde do povo. Entretanto fazem-se planos os mais brilhantes concatenados, porém no momento da sua transformação em realidade falta quem os execute. Já tivemos oportunidade de comentar sobre os ótimos planos de assistência médica apresentados no I Congresso Médico-Social Brasileiro com relação ao Estado de S. Paulo, e agora na Bahia tais planos foram adaptados para resolver o problema da saúde do povo nesse Estado e noutros setores do Brasil.

Nós perguntariamos aos estrategistas desses planos: Quem executará com eficiência essas campanhas? E; para isso baseamo-nos no fato de que o principal elemento apontado para realização dessas campanhas é o médico recém-formado.

Entretanto, em vez de se cuidar da formação médica da mocidade, os responsáveis por essa formação na nossa Escola, não mais contentes com "Hospitais Modelos" passaram a querer fazer "Hospitais Padronizados".

Em absoluto, não somos contra o progresso médico da assistência hospitalar, principalmente nas cidades onde outros problemas relativos a essa mesma assistência já tenham sido resolvidos. Porém não podemos apoiar o fato de que, num país, ou melhor numa cidade como

própria Paulicéia onde a assistência médica mínima necessária ainda é insuficiente para a população, se vá cuidar de "padronizar" um Hospital o que naturalmente exige atenção para um grande número de minúcia de requisitos desperdiçando-se por isso energia e dinheiro, que poderiam ser utilizados útilmente noutro sentido. Em vez de se ter em mente, antes de tudo que H. C. foi construído para o Ensino, pensa-se em mandar vir uma Comissão não sabemos de onde, para estudar e verificar a possibilidade da "padronização do Hospital".

A culpa não cabe um só. Cabe a todos, inclusive aos próprios alunos. São estes que fazem o "cartaz" dos professores e estes na ânsia de brilhar ainda mais vivem sonhar com "grandes castelos" esquecendo-se de que só temos necessidade de coisas úteis e de que ainda não temos alicerces para esses castelos.

Os professores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, salvo poucas mas honrosas exceções, esquecem-se de que têm este título de "professor" porque devem "ensinar". Esquecem-se de que têm sobre si responsabilidade nada pequena da formação de muitas e muitas gerações de médicos. E que fazem? Se utilizam do título para aumentar clínica, angariar postos ou fazer "farol". Se a remuneração é pequena, isto não nos interessa, porque eles nunca nos reclamaram este fato. E se não compensa remuneração, não devem eles faltar às responsabilidades que o cargo lhes impõe, mas sim, abandonar este cargo para não ter mais estas responsabilidades.

A que vem todos estes brados? Assim pode perguntar alguém...

Eles vêm como protesto solene ante uma situação que em absoluto não se adapta às esperanças de uma melhoria de vida daqueles que já sofriram que passaram sofrer mais com as consequências da guerra, isto é do Povo. Não podemos descurar dos problemas da assistência médica ao povo, agora muito mais subalimentados e predispostos portanto inúmeros males, por isso não deixaremos de incriminar os responsáveis pela formação de médicos incapazes.

Tocados fomos na nossa vaidade de paulista, ao sermos indicados para relatar tese de um coléga mineiro, no VIII Congresso Nacional dos Estudantes, tese esta que versava sobre: "Melhoria das Instalações Escolares; caso particular da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte". O coléga das Alterosas na sua argumentação estabelece um paralelismo entre sua Escola e a Faculdade de Medicina de São Paulo. Esta é colocada nas nuvens, com este contraste conseguiu autor a aprovação da sua recomendação ao Ministro para a melhoria das condições de instalação da Faculdade Mineira. E dizia, a certa altura: "E assim, com esse auxílio do Govêno, maior número de moços mineiros poderá estudar e mais facilmente assim serem mais capazes na prestação de assistência médica quem precisar, etc..."

Justamente São Paulo serviu de termo de comparação. Também, pudé! Era que mais podia impressionar, pois fachadas e entradas magistrais não faltam. Porém se o coléga mineiro soubesse que apesar de todas essas magníficas instalações, nem vinte alunos num futuro bem próximo sairão capazes para vida prática, isto mesmo após "Arranjos" ou "grandes escravaturas" conforme as oportunidades, ele não diria isso. O nosso parecer sobre tese deu-lhe a cotação de "útil" e recomendamos sugestão para aprovação do plenário. Porém, no coração tínhamos mais a seguinte recomendação: "Que a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte seja de fato igual em tamanho à Faculdade de São Paulo, mas que seja muito melhor em qualidade de Ensino".

Colégas!

A quem cabe culpa de muitas e muitas gerações terem saído desta Escola sem mínima noção de setores importantes da Medicina ou com noções insuficientes das partes mais básicas da Arte de Curar? A quem cabe, por exemplo, a culpa nas falhas de conhecimentos com relação à Fisiologia, Terapêutica, à Patologia Médica, à Propedêutica Médica, à Pediatria, etc. etc. etc.?

Cabe única e exclusivamente estas mesmas gerações. Sim; porque é que estes jovens, do mesmo modo como fizemos com relação à amputação impensada que se queria dar à útil cadeira de Clínica Médica do 6.º ano, não se revoltaram? Porque é que não se recusaram a assistir a preleções inúteis de muitos "medalhães". Porque é que não se recusaram seguir as orientações erradas dadas a muitas dessas cadeiras por seus responsáveis comodistas ou incapazes?

Só há uma explicação para isso. Esses jovens apesar de conhecerem gravidade de situações assim, deixaram-se levar pela Lei do Mínimo Esforço, tão aplicada entre nós. E sempre diziam ainda dizem: "Deixa tudo como está para ver como é que fica".

Será que podemos confiar nesta mocidade que vem nos substituir, forjada que está sendo no espírito da luta pelo que é útil e pela destruição do que é inútil e supérfluo?

Porque é que estas gerações do passado não estabeleceram por si mesmas a "frequência facultativa" a essas "boas aulas" assim teriam mostrado aos assim chamados Órgãos Competentes e aos próprios professores que nem mesmo moscas gostariam de se sacrificar para assisti-las?

Todos, menos os alunos, têm medo da frequência facultativa às aulas teóricas. Porque? É fácil responder: é porque eles estão certos que deveriam procurar a aprender dar aulas, ou teriam de passar palavra para os mais capazes que fazem parte destas gerações novas que estão surgindo. E que desprestígio não cairia sobre certos professores ao se ver as suas aulas completamente vazias?!

A nosa razão não compreende certas atitudes tomadas pelos mestres e responsáveis quando se apogam de unhas dentes aos seus cargos. Naturalmente ninguém é obrigado a nascer sabendo dar au-

las e orientar cursos. Portanto esta incapacidade é desculpável. Porém, também, nos parece que ninguém é obrigado a ficar enterrando um curso prejudicando centenas e centenas de jovens, só porque o título de "professor" é bonito e serve para aumentar o "cartaz" e a clínica particular.

Quanto de útil teríamos conguído se ao em vez de termos responsáveis comodistas que tomam ou não submetidos a concurso, tivéssemos entediados de fato que puzessem acima de tudo a cátedra e os alunos?

De há muito tempo que nós ouvimos como resposta menor agitação tendente a endireitar alguma coisa, o seguinte: "Vamos esperar a reforma do Ensino que o sr. Ministro já tem prontinha pra soltar...". E' assim que vimos agora a transferência da cadeira de Oto-rino-laringologia para 6.º ano, sobrecarregando ainda mais esta série, que agora conta também como mais Clínica Cirúrgica.

Perguntamos: Pensaram estes homens no modo de encaixar tudo isto nos horários já extensos do 6.º ano? Ah! respondem eles: "A reforma está aí, certas matérias de especialidade serão facultativas se assim tudo isso será possível..."

Tão velhos tão ingênuos!!!

Porque não pediram eles ao sr. Ministro um ante-projeto desta tão propalada reforma? Nós, alunos fizemos. E o sr. Ministro, se confiamos na sua palavra, respondeu o que já esperávamos: "Eu não tenho propriamente um projeto de reforma; dado contato que tive com diretores professores das diversas escolas eu tive de solver muitos problemas com eles, tudo isto recolhido e concatenado constituiria a reforma porque tem que passar o ensino".

Pobre Ministro!

Vive na ilusão que essas suas soluções foram sempre magníficas decisivas. Será que ele não sabe que tais soluções foram sempre cheias de emendas, por não terem alicerces firmes, e como soluções paliativas somente foram aceitas porque resolviam situações angustiosas em que por muitas vezes se encontrou o ensino, carecido que sempre esteve desde as suas bases?

O Ministro ficou com tamanho medo de fornecer "tal ante-projeto da Lei Orgânica do Ensino Superior" aos alunos que foram ter com ele, a seu convite, para discutir certos itens dessa reforma, que chegou a dizer: "Se for para provocar celeuma eu prefiro não mexer nisso agora; deixarei para quem tudo seja discutido lá no Parlamento, onde pretendo estar também..."

O sr. Ministro poderá estar lá no Parlamento, mas não será com voto dos estudantes.

Disso-nos ainda ele, da existência de uma proposta de alguns professores da Universidade de São Paulo, de que o ensino universitário deveria ser regido por regulamentos de três ou quatro itens apenas ditados pelo Ministério, de modo a dar ampla liberdade de organização às

Direções das Universidades. Estaríamos de acordo com esta grande liberdade se os alunos também ou se somente gente decente fosse chamada para dar esta organização própria às Universidades. Mas não poderíamos concordar com fato de esta organização ser entregue a pessoas incompetentes ou irresponsáveis, que infelizmente abundam por aí, ocupando cargos da mais alta importância na vida universitária do país.

O erro maior está no classicismo estúpido da mentalidade dos nossos dirigentes. Os programas são os mais extensos possíveis; quer-se impingir ao aluno, em seis anos, toda Medicina, inclusive os seus casos raros e excepcionais. O nosso curso comporta todos os ramos da medicina com programas os mais vastos. Por fim ninguém cumpre o programa ou quando este é dado inteiro foi insuficiente na qualidade ou na ministração e nada de útil ficou no cérebro dos discípulos. Se nós disséssemos aqui que no Instituto de Radiologia de Viena no Instituto Sklivosich de Moscou se fazem técnicos radiologistas e ortopedistas e traumatologistas em dois anos apenas com cursos intensivos teórico-práticos, sem exigir formação universitária integral anterior, seríamos taxados de visionários. Na verdade isto lá acontece com eficiência pessoal foi comprovada tanto nas frentes de batalha como na retaguarda ante as sequelas que se apresentaram.

Confiamos no alto grau de inteligência do brasileiro e talvez pudesse ele aprender todos estes ramos da medicina de um modo geral e depois se dedicar a um ou mais setores em particular. Porém, isto seria possível se estas cadeiras todas fossem ministradas por gente sensata que não pensasse que única cadeira importante fosse sua, e que as aulas fossem tornadas mais interessantes e de um cunho mais prático.

E, por fim, que vemos no H. C.?

Lá está uma ultra-especialização, com restrição ação dos alunos, as mais absurdas e com uma pompa impar. O Hospital pelo seu atual reglamento, só dá oportunidade de aprendizado aos já formados que lá estarão como "médicos internos" ou "médicos adjuntos" assim mesmo com certa dificuldade.

"O Hóspital vai ser padronizado, dizem eles, tem seu regimento de ensino apropriado para uma reforma que está por vir há anos, reforma esta que estabelece posto-graduado, etc..."

Nós perguntariamos a esses utópicos e insensatos: A Faculdade está formando por ano, uma dezena de médicos ou oitenta? Que não sejam infantis nas suas argumentações, dizendo que Reforma vai vir, pois o sr. Ministro pretende ser eleito para o Parlamento e discuti-la lá. E se por acaso esta reforma vier, posto-graduado que ela estabeleceria teria que ser para oitenta não para dez, apenas.

Vamos sair desses sonhos dourados de "padronização" e adaptar as nossas instalações às nossas condições e necessidades. Isto seria mais útil ao Ensino e ao Povo em geral.

C. C. CARICCHIO

SUCURSAL DO C. C. D.

—(o)—

Com mais de 1 ano de existência, grande tem sido as manifestações de entusiasmo recebidas por parte de todos os colégas. O Russo administra otimamente esse grande clube.

De todas as turmas, sobressaiu-se grandemente 1.º ano.

Justiça seja feita, o primeiro ano é realmente "chato". De fato, entre 10 cadavros, 11 são "chatos".

Mas o 1.º ano não se faz notar somente pelo grande número, mas principalmente pela excelente qualidade: cada "chato" do 1.º ano, vale por 2 do 2.º (evidentemente, com exceção do Gabriel, Antranik, Samuel Vira e Mexe e outros), por 3 do 3.º, (idem, idem do René, etc.), 4 do 4.º e a progressão se segue.

Por tudo isto e por motivos outros, a diretoria do C. C. D. resolveu abrir entre os calouros sua primeira sucursal. Para esta, houve renhida eleição finalmente foram eleitos os seguintes para dirigirem as chateações sucursais:

Presidente, Uszer Z. Dikstein (por unanimidade).

Vice-presidente, Odon Maranhão (por unanimidade).

1.º secretário, Lisias do Amaral.

2.º secretário, Marcos P. Rezende.

1.º tesoureiro, Abdalla Abduch.

2.º tesoureiro, Fuad Chaim.

Bibliotecária, Rosa Stella Briquet.

A princípio, o Cruz ficou em dúvida se votava ou não na chapa Uszer, porque já se tinha comprometido com Jabara.

A sucursal conta com numerosos associados, como o Abrão, Osvaldo, Amaral, Wladimir, Cardoso, Soeiro e muitos outros.

O Belda ficou louco da vida por perder para o Uszer e Odon, e o Wladimir Alfer, que é chato p'ra burro, estava certo de merecer mais que o Chaim ou Abdalla, um cargo na diretoria. Que se há de fazer...

Assim, instalou-se a 1.ª sucursal do C. C. D.

Aos primeiros anistas, nossos sinceros parabéns por tão esmerada escolha.

O Amigo da Onça.

Desde os tempos em que exercia intensa atividade acadêmica no Departamento Científico do CAOC, como secretário, secretário-geral e presidente desta notável organização, trazia a minha atenção voltada para o fato da reduzida participação que os alunos e ex-alunos tinham na vida da Faculdade, particularmente no que se referia ao ensino aí ministrado.

Reformas se projetavam, modificações se faziam nas cadeiras do "currículo" médico, programas intensos eram organizados, cursos teóricos e práticos se ministravam, sem que a voz dos alunos fosse ouvida.

Como aluno que fui desta Faculdade como filho espiritual que dela continuo a ser, achava e acho muito natural que os acadêmicos deveriam entrar em contato mais direto com os seus mestres, fazendo-os ver, muitas vezes, das vantagens recíprocas que um entendimento mútuo proporcionaria ambas as partes.

A meu vêr, este ponto de vista eu mantenho até agora, alunos e ex-alunos da Faculdade, conhecedores perfeitos do valor dos cursos que lhes são ou que lhes foram ministrados, são os elementos que, em contato com os diversos professores e assistentes, poderão, harmoniosamente, colaborar de modo seguro e eficiente, para que o padrão do nosso ensino se torne cada vez melhor.

De um modo geral, as críticas dos alunos têm a sua razão de ser. Com efeito: os acadêmicos elogiam os bons professores, tecem comentários sempre elogiosos aos cursos bem dirigidos e bem orientados, procuram avidamente os mestres que lhes possam auxiliá-los, com segurança e eficiência, mas criticam, muitas vezes com razão, as aulas destituídas de interesse, enfadonhas e pesadas, chegando mesmo a fugir das preleções que eles sentem inseguras e "cacetes".

Quando doutorando, tem o estudante uma visão mais geral das coisas, analisa o que aprendeu e que restava a aprender,

A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS E DOS EX-ALUNOS NA VIDA DA FACULDADE

Por CARLOS DA SILVA LACAZ

(Docente-livre de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina de São Paulo).

para se lançar à vida prática com possibilidades de êxito. Procura fazer um balanço dos seus conhecimentos sente-se, então, inseguro e deficiente em vários ramos e setores da medicina, onde não aprendeu aquele mínimo de conhecimentos que lhe permita iniciar a sua carreira de médico militante. Observador que é, o estudante sente-se, muitas vezes, revoltado diante das inutilidades que lhe foram ensinadas, das deficiências do curso, dos programas hipertróficos que não são cumpridos, procura então, auxílio de outros colegas, para suprir as suas falhas, adquirir os conhecimentos e a prática que ele necessita para a sua carreira profissional.

Si o aluno percebe nitidamente as falhas de nossa organização médica, o ex-aluno, particularmente o recém-formado que procura interior do estado para exercer a sua atividade clínica ou cirúrgica, vê, com muito maior segurança, as

deficiências do curso em seus múltiplos aspectos.

Si a função principal da Faculdade é formar bons médicos, na acepção mais ampla da palavra, fornecendo aos alunos, com uma base científica, os conhecimentos que eles necessitam para o exercício de sua nobre e elevada missão, que mal haverá em se ouvir as críticas e as sugestões dos acadêmicos dos ex-alunos?

Obra meritória e democrática fariam todos os professores de nossa Faculdade, si se dessem ao pequeno trabalho de ouvir as impressões dos alunos, dos doutorandos e dos ex-alunos, sobre o curso e o ensino por eles ministrado. Inquéritos bem dirigidos poderiam fornecer aos ilustres mestres de nossa querida Faculdade, elementos valiosíssimos para a execução de programas de ensino mais eficientes e mais práticos.

Durante minha estadia em Montevideo Buenos Aires, pude verificar que os alu-

nos e ex-alunos têm, realmente, uma participação mais direta na vida da Faculdade. Os acadêmicos elegem o seu representante no Conselho da Escola e aí se discutem os grandes e os pequenos problemas do ensino médico.

O prof. A. de Almeida Junior, presidente da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina, em seu discurso de posse, encarou este problema com muita elegância, achando que os ex-alunos devem se interessar igualmente pelo ensino médico, tudo fazendo para que as novas gerações encontrem um ambiente cada vez melhor para seus estudos e atividades. Penso que seria muito vantajoso a criação de um "Conselho para Debates referentes aos Problemas do Ensino Médico", constituído por representantes dos professores, de docentes, de assistentes, de ex-alunos e de alunos. Neste conselho seriam ventiladas e discutidas todas as questões de maior interesse para o ensino da classe médico-estudantina.

Assim, os alunos teriam um órgão para dirigir as suas críticas, sugestões e até elogios, os professores poderiam, então, conhecer perfeitamente a eficiência ou não dos seus cursos, tendo os elementos necessários para, com a colaboração de todos, orientar o ensino de modo mais eficiente.

A maior satisfação que um professor pode ter, é a de se certificar que os seus alunos estão tendo máximo proveito na especialidade que ensina. A maneira mais eficiente de se colher este dado, não é, mu ver, representada pelo resultado de provas escritas ou de exames, mas sim, a de se receber, democraticamente, as opiniões leais e sinceras dos moços e dos ex-alunos.

Lembrando a criação desse Conselho, nada mais faço que cooperar, modesta mas sinceramente, para resolução de problemas que afetam profundamente o ensino da medicina em nossa terra.

Com as meninas

— Há no D.F. lugares adequados para a colocação de aviso mas, se o dito é importante e o preço que todas o vejam, é de praxe colocá-lo... no espelho.

— Há um aviso no D. F. que reza no seu bôjo: "Quer jogar pin-pongue? Fale com Mitsu, tal e cousa, etc".

Mas, e a mesa que nós tínhamos, o vento ou quem a levou?

— Há certas cousas no D. F. que, afinal de contas, não ficam bem...

Tal é o caso de pura bigamia da Denise. Pobres dos Pereiras! Por enquanto ela está indecisa entre 2 deles: um dos Pereira (Aracnideo) está longe dos olhos... e o outro Pereira, (esse eu não esclareço porque vocês sabem), perto dos mesmos olhos, mas não tanto assim! (Que gente maliciosa que vocês são...)

Vou avisar um outro Pereira para que tome cuidado...

❖ O "Bisturi" nos Esportes ❖

XADREZ

Terminou Campeonato da F. U. P. E. Foi um torneio acidentado. A sua excepcional disputa no 1.º semestre, desfalcou nossa equipe, que se viu privada do concurso do enxadrista Orpheu D'Agostini, que é no diezêr de Eliskasses, um jovem mestre paulista. Além disto, a participação de turmas absolutamente não credenciadas, veio diminuir o seu pleno brilhantismo. As irregularidades culminaram com a falta de organização ou de interesse da turma da Faculdade de Direito, que jogando completa contra a nossa equipe e a da Escola Paulista, entregou 3 pontos por ausência contra o Mackenzie e 4 da presente para a Politécnica. Estes fatos lamentáveis, embora não desmereçam as vitórias da turma campeã, desequilibraram a luta pelos títulos em jogo. Apesar de tudo, conseguimos um brilhante 2.º lugar seguindo o de perto a Politécnica e ombro a ombro com nossos tradicionais adversários, os mackenzistas.

Os resultados que conseguimos foram: 5 x 0 contra o C. A. Horácio Berlink. 4 1/2 1/2 contra o C. A. 25 de Janeiro.

3 x 2 contra o C. A. XI de Agosto. 3 2 contra o Mackenzie. 2 1/2 x 2 1/2 contra o C. A. Pereira Barreto.

2 x 3 contra o Grêmio Politécnico. Nossos pontos foram feitos por: Fábio Augusto de Souza 5 pontos em 6 jogos.

Bernardo O. Martins 5 pontos em 6 jogos. Celestino Bourroul Filho 3 pontos em 6 jogos.

J. R. Velloso de Asdrade 2 1/2 pontos em 3 jogos.

Laerte Ferrão 1 1/2 ponto em 4 jogos. Smill Aranzar 1 2 ponto em 1 jogo. Orfeu D'Agostini 1 ponto em 1 jogo. J. H. F. Brandão 1 1/2 em 3 jogos. Este é o melhor resultado alcançado pela nossa turma desde 1942.

O departamento de Xadrez do CAOC, sofreu este ano, uma verdadeira revolução. A nossa sala está sempre movimentada e nosso quadro de avisos se torna pequeno para espelhar as nossas numerosíssimas atividades.

Entre as nossas maiores realizações se destaca o fato de nos termos filiado à Federação Paulista de Xadrez. Somos agora uma entidade oficialmente registrada na Federação temos uma equipe disputando o campeonato paulista por equipes, que se chama Torneio inter-clubes. De acordo com desenvolvimento técnico de nossa equipe, estamos disputando na 2.ª categoria. Naturalmente, nosso melhor enxadrista, Orfeu Gilberto D'Agostini, não pode fazer parte de uma equipe de 2.ª categoria. Mais dois enxadristas (Brandão Martins) já estavam comprometidos quando CAOC resolveu filiar-se à Federação. Estes fatos vieram criar (e nós ficamos muito satisfeitos com isso) oportunidade para que se revelassem novos valores. Por isso nossa equipe, estreante e modesta, não pretende equiparar-se aos enxadristas experimentados de outros clubes, mas principalmente dar aos novos, a "tarimba" que os torneios dignos quando se forem formando os atuais melhores valores. Graças a esta oportunidade, teremos em breve uma nova turma, possivelmente mais forte que a atual.

E o XADREZ continuará sendo por muito tempo ainda a nossa prova na MAC-MED.

ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE XADREZ

Realizamos um campeonato da 1.ª turma, que contou com a participação dos nossos melhores enxadristas, mais seis candidatos, escolhidos num grupo de quinze candidatos, por um torneio de classificação.

Dos quinze candidatos, abandonaram o torneio, por diversos motivos, que não queremos analisar, seis candidatos. Dos restantes, três, foram desclassificados nas eliminatórias, seus nomes devem ficar consignados, como uma homenagem ao seu esforço e à sua dedicação ao bom no-

me do CAOC. São eles: Fábio Dória do Amaral, Norberto Augusto Longo Francisco Nastari.

Foram classificados os enxadristas: Osias I. dos Santos, Manlio M. M. Napoli, Alvaro Cardoso, M. Rabinovitch, José Sznajder, Oswaldo M. Leal.

Ao ser lido este artigo, provavelmente Campeonato estará no meio. Esperamos que ele chegue a um bom término indicando de fato os valores que representarão a nossa Faculdade na luta contra Mackenzie.

B. O. MARTINS

Diretor técnico de Xadrez.

REMO

Após um período no biênio 40.41, o Remo na Faculdade foi obscurecido com a saída dos veteranos, que então Diretor do Departamento, erroneamente, teimou em escalar visando vitória imediata, sem aproveitar nenhum dos novatos até desencorajando-os. Dêsse modo, em 43 e 44 contamos com remadores inexperientes e os resultados desfavoráveis se sucederam. Porém, já em fins de 44 nossos remadores mais traquejados obtiveram alguns resultados animadores. Assim, fomos vice-campeões paulistas com 10 pontos contra 12 do Campeão; conquistamos o 2.º lugar entre várias Escolas na Regata de Santo Amaro, e afinal demos um banho da catedral nos médicos na 1.ª Mac-Med, organizado pelo sempre dinâmico U. Dellape.

Este ano, poderemos fazer boa figura nas diversas competições projetadas pela F.U.P.E. e temos certeza que o Esqueleto será um osso duro para o Popeye, na próxima Mac-Med.

Convidamos todos os colegas a comparecerem aos treinos dêsse salutar esporte, músculo por excelência, que, embora isento do sensacionalismo de outros esportes mais populares, sobrepuja-os todavia, em beleza, emoção e lealdade. Requerendo objetivamente um organismo forte, perfei-

to e subjetivamente uma fibra incomum, grande coração e extraordinária pertinácia, remo ensina e acostuma o indivíduo a suportar com animo forte as adversidades e fracassos da luta quotidiana. Quasi diariamente, madrugada alta ou ao cair da tarde, os barcos singrando velozes as águas do rio indiferente buscam a perfeição do estilo, o apuro da forma e a diminuição dos tempos. E' na constância dos treinos de longo percurso, onde o silêncio é cortado apenas pelo "op-op" rítmico do patrão, pelos resfolegar possante dos peitos herculeos ou pelo espadagnar da água nos remos, que concomitantemente ao calear das mãos hipertrofiar dos músculos, se desenvolve a força de vontade se fixa a voluntariedade do caracter.

Depois, no dia da competição, pequena é a diferença. A amplidão da raia, fator contrário à concentração espiritual das massas, dispersando a assistência, diluindo o entusiasmo e abafando as aclamações, rouba ao competidor o estímulo e o calor de sua torcida, que como no bôx ou no futebol pode leva-lo inconscientemente a reagir e até vencer. Resta-lhe apenas a fortaleza de ânimo e tenacidade pessoal para enfrentar durante longa extensão da prova, outros adversários igualmente convitos de suas possibilidades. A prova de per si áspera e exaustiva, é agravada muitas vezes pela forte marola que dificulta remada, ou pelo vento que escurva a reta projetada, quando não pelo albaroamento involuntário dos barcos. Na chegada o cansaço é geral, e ganha aquele que não se deixa dominar pelo desânimo e que mais sabiamente reservou as energias para a arrancada final.

E, ao vencedor, não se tributam as aclamações estrepitosas das grandes assistências, nem se oferecem prêmios valiosos; porém prazer de uma vitória leal e arduamente conquistada, compensam os sacrifícios dispendidos e estimulam à novos feitos. Parodiando Euclides, diríamos que: remador é antes de tudo um forte.

OTTORB.